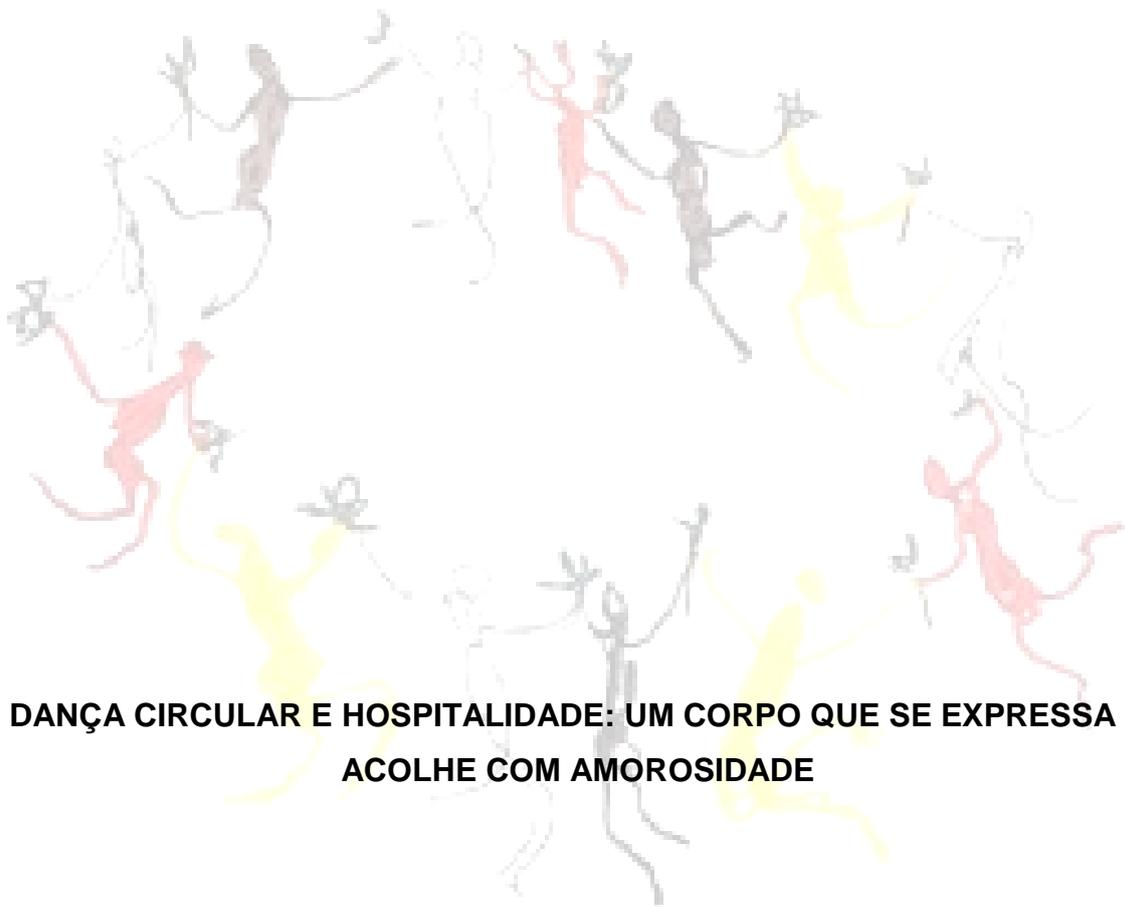


UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL

NEWTON FERNANDES DE ÁVILA



**DANÇA CIRCULAR E HOSPITALIDADE: UM CORPO QUE SE EXPRESSA E
ACOLHE COM AMOROSIDADE**

CAXIAS DO SUL

2017

**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TURISMO E
HOSPITALIDADE – MESTRADO**

NEWTON FERNANDES DE ÁVILA

**DANÇA CIRCULAR E HOSPITALIDADE: UM CORPO QUE SE EXPRESSA E
ACOLHE COM AMOROSIDADE**

Dissertação de Mestrado em Turismo e Hospitalidade para obtenção do título de Mestre em Turismo e Hospitalidade.

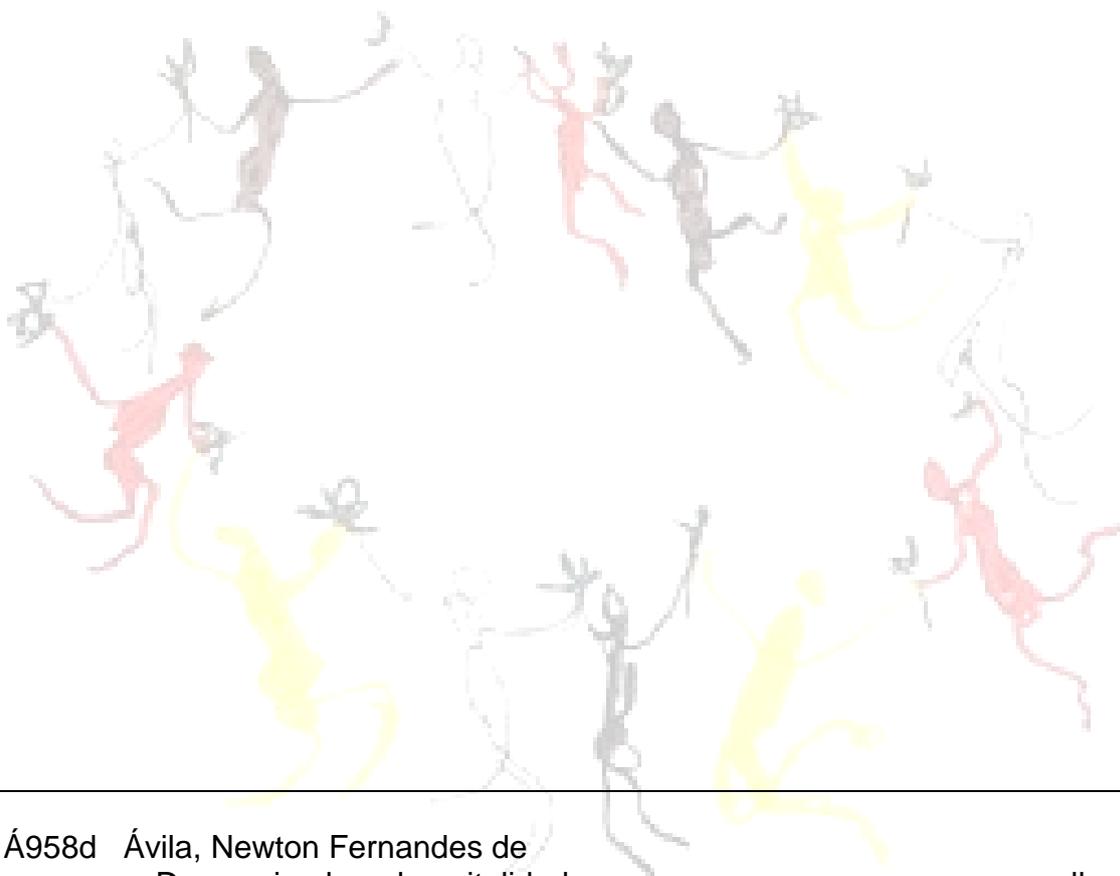
Linha de pesquisa: Turismo, Cultura e Educação.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria Luiza Cardinale Baptista

Coorientadora: Prof^a. Dr^a. Susana de Araújo Gastal

CAXIAS DO SUL

2017



Á958d Ávila, Newton Fernandes de
Dança circular e hospitalidade: um corpo que se expressa e acolhe
com amorosidade / Newton Fernandes de Ávila. – 2017.
120 f.: il.

Dissertação (Mestrado) - Universidade de Caxias do Sul, Programa
de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade, 2017.

Orientação: Maria Luiza Cardinale Baptista.

Coorientação: Susana de Araújo Gastal.

1. Dança circular; Hospitalidade; Acolhimento; Amorosidade. I.
Baptista, Maria Luiza Cardinale, orient. II. Gastal, Susana de Araújo,
coorient. III.

Título.

NEWTON FERNANDES DE ÁVILA

**DANÇA CIRCULAR E HOSPITALIDADE: UM CORPO QUE SE EXPRESSA E
ACOLHE COM AMOROSIDADE**

Dissertação de Mestrado submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade – Mestrado, da Universidade de Caxias do Sul, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Turismo e Hospitalidade, Área de Concentração: Hospitalidade.

Aprovado em: ____ / ____ / ____

Banca Examinadora

Prof^a. Dr^a. Maria Luiza Cardinale Baptista (Orientadora)
Universidade de Caxias do Sul (UCS)

Prof^a. Dra. Marcia Maria Cappellano dos Santos
Universidade de Caxias do Sul (UCS)

Prof. Dra. Maria Luisa Oliveira da Cunha
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)



Dedico este trabalho à minha avó Izabel, com quem pude conviver e sentir amor, acolhimento e muita felicidade. A trajetória dela, ao meu lado, findou em 2007, porém, deixou para uma vida inteira, a certeza de continuar. Estuda e se *'encaplicha'*, como ela dizia. Era sua maneira interiorana de pedir um capricho a tudo que fosse feito. Vó, sinto tua falta. Sei que estarás sempre comigo, sorridente e alegre. Te amo!

AGRADECIMENTOS

À minha mãe Nelcy, uma mulher guerreira, que me mostrou que lutar e vencer é possível, me ensinou o que é o verdadeiro amor, me deu carinho, atenção. E também por acreditar sempre em mim, em qualquer instante.

Ao meu pai Osmar, que estendeu a mão e me ajudou a percorrer a estrada, manifestando, desde o início dos passos, que a simplicidade, o caráter e a honestidade, em todo o tempo, é um caminho executável.

Ao meu irmão Igor, que traz, na sua essência, a garra, com uma dedicação incrível e muita paixão pelo que faz. Em nossas conversas, batalhar pelos sonhos, sempre foi uma constante.

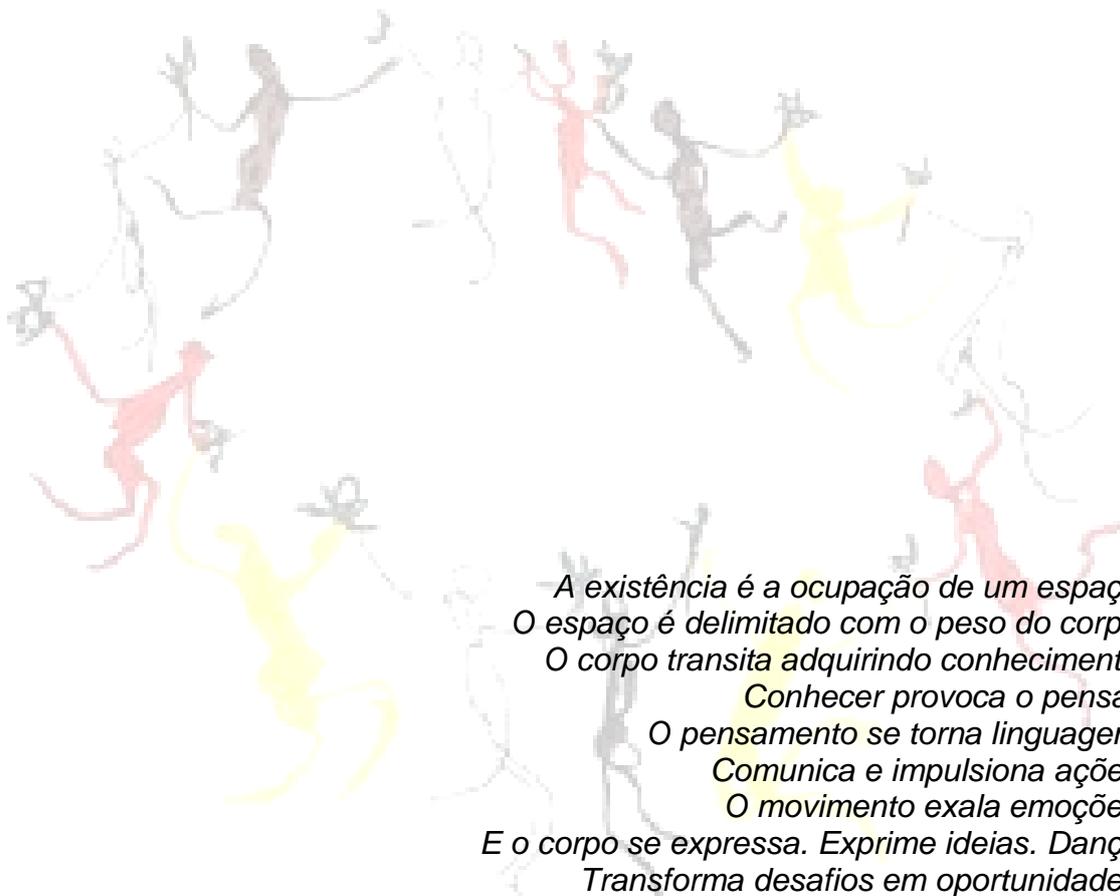
À Maria Luiza Cardinale Baptista, querida orientadora, pelo compartilhar de seus saberes ímpares, provocando descobertas, redescobertas, mexendo e remexendo o 'eu interno', multiplicando e distribuindo sementes de amorosidade.

À Susana de Araújo Gastal, querida coorientadora, pela compreensão, auxílio e acolhimento. Sua docilidade e 'olhar plural' para as coisas me deram a certeza de que há sempre mudanças para serem provocadas. Muito obrigado por tudo!

À Marcia Maria Cappellano dos Santos, coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade (PPGTURH), pela inspiração, ensinamentos enriquecedores nas aulas e na orientação de estágio docência, em que aprendi e apreendi muito.

À Regina de Azevedo Mantesso, secretária administrativa do PPGTURH, pela prontidão, suporte nas informações das atividades e bem-receber a todo instante. Além das conversas de corredor, trocando histórias de vida.

Aos meus colegas de mestrado, em especial Samara Camilotto e Ramon Osmaïnschi, com quem dividi alegrias, proximidade, incertezas, dúvidas, aprendizagem, momentos, tornando mais suave e produtiva a nossa caminhada.



*A existência é a ocupação de um espaço.
O espaço é delimitado com o peso do corpo.
O corpo transita adquirindo conhecimento.
Conhecer provoca o pensar.
O pensamento se torna linguagem.
Comunica e impulsiona ações.
O movimento exala emoções.
E o corpo se expressa. Exprime ideias. Dança.
Transforma desafios em oportunidades.
Estabelece mudanças na trajetória.
A mutação pressupõe modificação na cultura e comportamento.
As vivências aperfeiçoam a cultura.
O comportamento muda.
As relações se alteram.
Estimulam descobertas e redescobertas. De si. Do outro.
O sujeito é sempre uma diversidade plural no espaço em que habita.
Aprende e apreende.
Se contorce. Enreda significação.
E o corpo manifesta algo. Se retorce.
Traça o andar em uma nova direção.*

(Newton Ávila)

RESUMO

Esta pesquisa propõe a dança circular, como expressão de vínculos de acolhimento e amorosidade, em condições de oferecer sinalizadores para a hospitalidade. Tem como objetivos específicos: apresentar a dança circular num contexto relacional entre os sujeitos; relacionar os conceitos de acolhimento e amorosidade à dança circular; identificar sinalizadores de hospitalidade, nos vínculos marcados pelo acolhimento e amorosidade, em decorrência da dança circular. Em termos teóricos, é transdisciplinar, envolve estudos sobre dança circular, corpo, hospitalidade, acolhimento e amorosidade. A Cartografia de Saberes, proposta por Baptista, é a orientação metodológica para a produção deste estudo, com realização das trilhas de saberes pessoais, saberes teóricos e a usina de produção. Foram realizadas aproximações investigativas, com levantamento bibliográfico, desenvolvimento de intervenções de dança em diversos ambientes e observação do corpo participante. Nas ações práticas, observação direta, observação participante, rodas de conversa, relatos de vivências e experimentação com desenvolvimento da dança circular. Os resultados indicaram que o desenvolvimento da dança circular, em diversos ambientes, proporcionou, aos sujeitos participantes, sensação de bem-estar, laços de proximidade, acolhimento e amorosidade. A dança circular é uma forma de integrar o corpo e sua expressividade, em situação de comunicação e expressão. É capaz de acionar o pensamento e explorar a criatividade, para improvisar e, ao mesmo tempo, estabelecer a conexão de troca com este 'outro', o desconhecido. Trata-se de prática cooperativa, envolvendo uma nova-velha forma de lidar com as relações humanas em equipes de trabalho e no cotidiano, certamente como faziam nossos ancestrais. Proporciona sensação de pertencimento e provoca soldadura nos corpos, relaxamento e relação-convívio. Há ampliação do bem-estar físico, mental, emocional, energético e social, no processo que costura as relações interpessoais. Ao tocar e ser tocado na dança circular, há a inserção da permissão de envolvimento, fluidez necessária para a constituição das emoções, do acolhimento e da amorosidade, que, por sua vez, terá resultados diferenciados, gerando condições de hospitalidade.

Palavras-chave: Hospitalidade; Dança circular; Acolhimento; Amorosidade.

ABSTRACT

This research proposes the circular dance, as an expression of the bonds of welcoming and amorousness, in conditions to offer signs for the hospitality. It has specific objectives: to present the circular dance in a relational context between the subjects; to relate the concepts of welcoming and amorous to circular dance; to identify flags of hospitality, in the bonds marked by the welcoming and amorousness, as a result of the circular dance. In theoretical terms, it is transdisciplinary, involves studies on circular dance, body, hospitality, welcoming and amorousness. The Cartography of Saberes, proposed by Baptista, is the methodological orientation for the production of this study, with the realization of the tracks of personal knowledge, theoretical knowledge and the production plant. Investigative approaches were carried out, with a bibliographical survey, development of dance interventions in several environments and observation of the participant body. In practical actions, direct observation, participant observation, talk wheels, experiences reports and experimentation with circular dance development. The results indicated that the development of circular dance, in several environments, provided the participants with a feeling of well-being, close ties, welcoming and love. Circular dance is a way of integrating the body and its expressiveness, in a situation of communication and expression. It is capable of triggering thought and exploring creativity, to improvise and, at the same time, to establish the connection of exchange with this 'other', the unknown. It is a cooperative practice, involving a new way of dealing with human relations in work teams and daily life, as our ancestors certainly did. It provides a sense of belonging and causes ease in bodies, relaxation and relationship. There is an increase in physical, mental, emotional, energetic and social well-being in the process that stitches interpersonal relationships. By touching and being touched in the circular dance, there is the insertion of the permission to be involved, fluidity necessary for the constitution of emotions, welcoming and love, which, in turn, will have different results, generating conditions of hospitality.

Keywords: Hospitality; Circular dance; Welcoming; Amorousness.

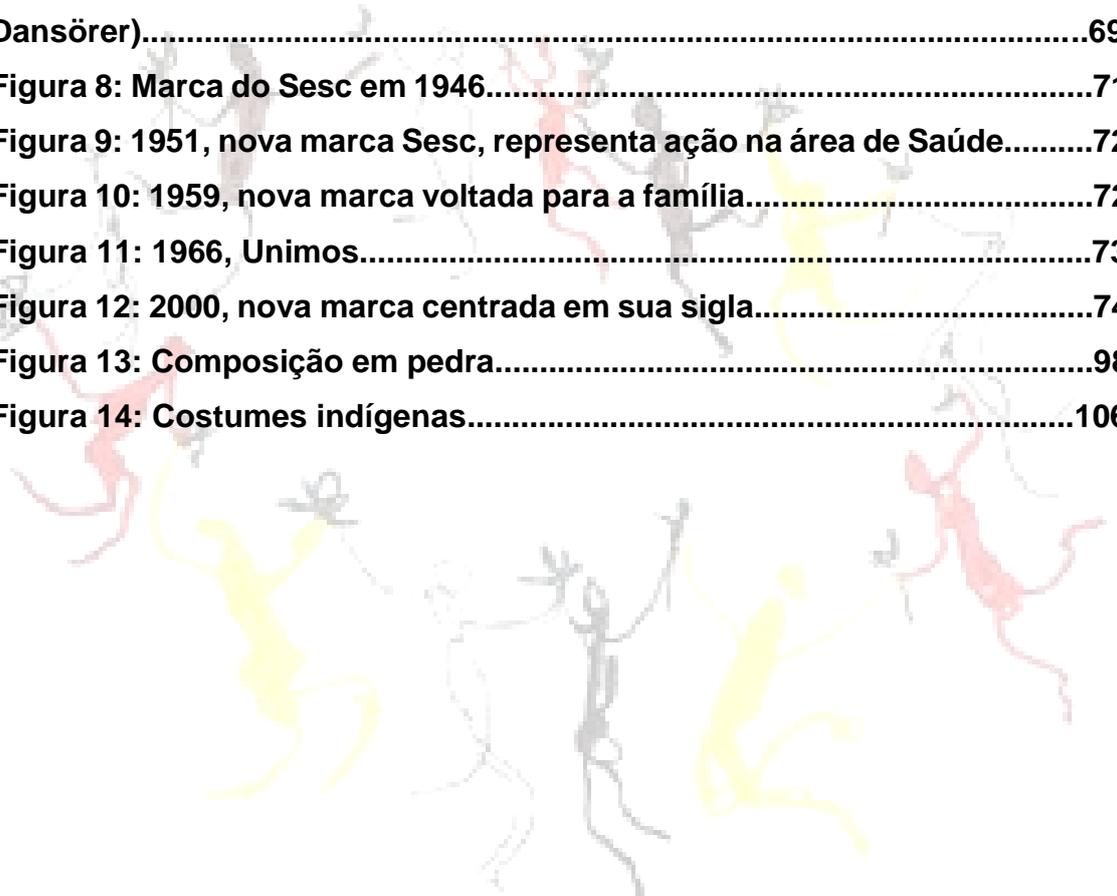
RESUMEN

Esta investigación propone la danza circular, como expresión de vínculos de acogida y amorosidad, en condiciones de ofrecer señalizadores para la hospitalidad. Tiene como objetivos específicos: presentar la danza circular en un contexto relacional entre los sujetos; relacionar los conceptos de acogida y amorosidad a la danza circular; identificar indicadores de hospitalidad, en los vínculos marcados por la acogida y amorosidad, como consecuencia de la danza circular. En términos teóricos, es transdisciplinario, implica estudios sobre danza circular, cuerpo, hospitalidad, acogida y amorosidad. La Cartografía de Saberes, propuesta por Baptista, es la orientación metodológica para la producción de este estudio, con realización de los senderos de saberes personales, saberes teóricos y la usina de producción. Se realizaron aproximaciones investigativas, con levantamiento bibliográfico, aplicación de intervenciones de danza en diversos ambientes y observación del cuerpo participante. En las acciones prácticas, observación directa, observación participante, ruedas de conversación, relatos de vivencias y experimentación con aplicación de la danza circular. Los resultados indicaron que la aplicación de la danza circular, en diversos ambientes, proporcionó a los sujetos participantes, sensación de bienestar, lazos de proximidad, acogida y amorosidad. La danza circular es una forma de integrar el cuerpo y su expresividad, en situación de comunicación y expresión. Es capaz de accionar el pensamiento y explorar la creatividad, para improvisar y, al mismo tiempo, establecer la conexión de intercambio con este otro, el desconocido. Se trata de una práctica cooperativa, que involucra a una nueva vieja forma de lidiar con las relaciones humanas en equipos de trabajo y en el cotidiano, ciertamente como hacían nuestros antepasados. Proporciona sensación de pertenencia y provoca soltura en los cuerpos, relajación y relación-convivencia. Hay ampliación del bienestar físico, mental, emocional, energético y social, en el proceso que costura las relaciones interpersonales. Al tocar y ser tocado en la danza circular, hay la inserción del permiso de involucramiento, fluidez necesaria para la constitución de las emociones, de la acogida y de la amorosidad, que, a su vez, tendrá resultados diferenciados, generando condiciones de hospitalidad.

Palabras clave: Hospitalidad; Danza circular; Acogida; Amorosa.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Cultura perbambucana.....	13
Figura 2: Os Ladrões, Desenho de Bernhard Wosien (1980).....	21
Figura 3: Ciranda, Glênio Bianchetti (1988).....	37
Figura 4: “A Dança”, Jean-Baptiste Carpeaux (1827-1875).....	53
Figura 5: “A Dança”, Henri Matisse (1910).....	54
Figura 6: Grupo de folclore Croácia (Folk Dance).....	56
Figura 7: Folclore, Edimburgo e dançarinos (Folklore, Edinburgh och Dansörer).....	69
Figura 8: Marca do Sesc em 1946.....	71
Figura 9: 1951, nova marca Sesc, representa ação na área de Saúde.....	72
Figura 10: 1959, nova marca voltada para a família.....	72
Figura 11: 1966, Unimos.....	73
Figura 12: 2000, nova marca centrada em sua sigla.....	74
Figura 13: Composição em pedra.....	98
Figura 14: Costumes indígenas.....	106



LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Comparativo das três danças circulares.....	54
Quadro 2: Quadro síntese ação investigativa 1.....	80
Quadro 3: Quadro síntese ação investigativa 2.....	83
Quadro 4: Quadro síntese ação investigativa 3.....	86
Quadro 5: Quadro síntese ação investigativa 4.....	90
Quadro 6: Quadro síntese ação investigativa 5.....	93
Quadro 7: Quadro síntese das cinco ações investigativas.....	94



SUMÁRIO

RESUMO.....	08
ABSTRACT.....	09
RESUMEN.....	10
LISTA DE FIGURAS.....	11
LISTA DE QUADROS.....	12
1 COMPONDO A RODA.....	15
2 PASSOS METODOLÓGICOS.....	23
3 A EXPRESSIVIDADE DA DANÇA.....	39
3.1 O CORPO QUE DANÇA.....	42
3.2 A ARTE DO ENCONTRO NA DANÇA CIRCULAR.....	48
3.2.1 Composição da roda.....	49
3.2.2 Um pouco de história da dança circular.....	51
3.2.3 Formatos da dança circular.....	51
3.2.3.1 Formatos escolhidos para a prática da dança.....	55
3.2.4 Benefícios da dança circular.....	56
4 EM BUSCA DE HOSPITALIDADE.....	58
4.1 PROCURANDO ACOLHIMENTO.....	62
4.2 SENTINDO AMOROSIDADE.....	65
5 A RODA EM AÇÃO.....	71
6 CÍRCULO DE REFLEXÕES SOBRE AS RELAÇÕES NA DANÇA.....	100
7 CONCLUSÕES TEMPORÁRIAS.....	108
REFERÊNCIAS.....	113
ANEXO.....	120
Termo de voluntariado Sesc-RS.....	120

CAPÍTULO 1

Figura 1: Cultura pernambucana



Fonte: Diário de Pernambuco (www.diariodepernambuco.com.br)

**A dança é a linguagem escondida da alma.
(Martha Graham)**

1 COMPONDO A RODA

O presente trabalho propõe apresentar a dança circular como expressão de vínculos de acolhimento e amorosidade, em condições de oferecer sinalizadores para a hospitalidade. A proposta em estudar esta problemática vem da observação empírica das ações e reações dos sujeitos em suas relações, pressupondo a necessidade de produzir uma convivência baseada na hospitalidade, que crie vínculos de acolhimento e amorosidade entre as pessoas.

Este estudo, especificamente, objetiva: apresentar a dança circular num contexto relacional entre os sujeitos; relacionar os conceitos de acolhimento e amorosidade à dança circular; identificar sinalizadores de hospitalidade, nos vínculos marcados pelo acolhimento e amorosidade, em decorrência da dança circular.

Os pressupostos metodológicos desta pesquisa têm como base a Cartografia de Saberes (BAPTISTA, 2014). Segundo essa perspectiva, o processo de descoberta é uma importante etapa, para dar consistência ao procedimento de pesquisar e, ao constituir caminhos, oferecer sinalizadores de que se deve prosseguir. Imbuído por inquietações, reflexões e indagações, fui construindo a minha caminhada.

Analítico e questionador, impulsionado por aprofundar conhecimentos teóricos e, a partir deles, buscar embasamentos para estruturar respostas, mesmo que temporárias, procurei sempre novos conhecimentos, na direção de suprir questionamentos.

Tudo tem um início e um significado e, na justificativa, as escolhas, por vezes, mudam os rumos. Na vida acadêmica não foi diferente. Minha trajetória, num passado um pouco distante, se fez com a opção pelo Turismo, para a Graduação, o que não se efetivou. Por não ter conseguido chegar a tempo¹, fui impedido de realizar o segundo dia de provas na Universidade Federal do Paraná, em Curitiba/PR, em dezembro de 1994. Dessa forma, mesmo me vendo pertencente ao universo do Turismo, em função do encantamento pela relação

¹ A Universidade fechava suas portas às 7h30 para as provas. Me atrasei pelo motivo do despertador não ter tocado e tentei adentrar quatro minutos depois, não tendo sido permitido.

com pessoas, lugares, diferentes culturas e seus modos de viver, deixei guardada ou repousando uma vontade.

De 1995 a 2008, obtive aprendizagem por meio de dois saberes, com os quais me identifiquei – arte e dança. Entre eles, uma curta Graduação em Teatro/Expressão Corporal, e, também, cursos na área de improvisação teatral, ballet clássico, ballet contemporâneo, jazz, vivências corporais, danças étnicas e artes visuais.

Em 2009, com um olhar já voltado para o corpo, sob influência das identificações construídas nos saberes colocados em prática como instrutor de oficinas e workshops, utilizando a expressividade corporal e dinâmicas de grupo, iniciei o Curso de Graduação em Comunicação Social, habilitação em Relações Públicas, na Universidade de Caxias do Sul, UCS. Fiz isso por querer ampliar as possibilidades de conhecimento, para levar informações aos sujeitos, e contribuir para se comunicarem de maneira eficaz, nas organizações e no cotidiano. A graduação aumentou o meu escopo de técnicas, referente ao corpo na comunicação, pois, devido ao aprendizado obtido, passei a implantar em minhas oficinas e workshops, atividades relacionadas à oralidade e à linguagem comunicacional. Também ampliou a minha visão sobre as relações entre as pessoas. Provocou, assim, novas inquietações.

Foi então, em 2014, que, em busca de maiores conhecimentos, fiz um MBA em Gestão de Pessoas, com o intuito de aprimorar o entendimento sobre as relações interpessoais e seus públicos. Após a conclusão desse estudo, que caminhou em paralelo com assessorias, treinamentos e desenvolvimentos de equipes, sempre num trabalho de expressividade corporal e dinâmicas de grupo, senti uma nova necessidade, que suscitava inquietações atinentes ao corpo que comunica e às relações interpessoais.

Logo, buscando pela memória (num tempo que deixei lá atrás guardado), passei a me perguntar se não estaria no Turismo (e nos diferentes olhares a partir da cultura) o pulsar das respostas para entender e ajudar mais pessoas, na constituição das relações e no estreitamento de laços sociais.

E em 2015 cheguei ao Mestrado em Turismo e Hospitalidade da UCS. O momento inicial oportunizou me sentir pertencente, pois fui recebido pela professora Susana Gastal, que me deu um aparato de informações sobre o estudo e suas possibilidades. Há que ser ressaltado que essas informações

foram marcadas pela docilidade e o acolhimento nas explicações, deixando-me a certeza de estar indo na direção certa com meus propósitos. Uma das questões que sempre me chamaram a atenção e despertaram o desejo por estudar e me aprofundar são as relações entre os sujeitos, na convivência cotidiana, no sentido de buscar saber como o corpo pode ser um elemento que vivencia, percebe e transforma as mensagens, através dessa relação de contato.

Desta forma, ao entrar no Mestrado, em 2016, me deparei com a hospitalidade, em leituras, no início da minha escrita da dissertação. Acabei me interessando muito por esse viés de estudo. Comecei a ler sobre o assunto e cada vez me encantando mais por suas possibilidades. E antes do meio do primeiro semestre já tinha claro, em meus pensamentos, que estava no caminho certo. Após as primeiras orientações, com a professora Dra. Susana de Araújo Gastal, culminando com as inquietações, o encantamento pelo conhecimento novo, despertou o interesse em ampliar o saber. Fui então percebendo que estava escrevendo sobre o mundo da hospitalidade, entrelaçando com as relações, os vínculos, os laços, e fortemente o acolhimento, que começava, nos estudos, a dar direções para as inquietações sobre a relação-convívio dos sujeitos.

Ao pensar as relações, sabe-se que o mundo está permanentemente em movimento, e também, que há diferentes formas de agir e reagir. A partir dessas percepções, vistas em vários momentos da minha trajetória de vida, fiz observações informais na rua, nas organizações e em viagens, durante alguns anos, tendo sido possível notar diversas ações e reações das pessoas, em seu convívio social. As percepções, preliminares e informais de um crítico e observador, suscitaram novamente, a partir do conhecimento sobre hospitalidade e acolhimento, o querer aprofundar o estudo sobre as relações em uma pesquisa, para buscar responder a tais inquietações. Nessa perspectiva de buscar propiciar um novo olhar para as relações e provocar a reflexão e o pensar, podendo mudar ações e reações, este estudo tomou corpo.

Quando me propus a buscar conhecimentos teóricos no Mestrado em Turismo e Hospitalidade sobre as relações, e ao me deparar com hospitalidade e acolhimento, percebi na dança, em especial na dança circular, uma interligação pertinente, cruzando a expressividade do corpo e a comunicação dos sujeitos.

As danças circulares apresentam-se como algo que impulsiona, movimenta e faz refletir, não somente em sua execução corpórea, mas em sua vivência, que estabelece contato, o apoio mútuo e a cooperação, que pode existir entre os participantes na roda.

Tenho em mim que a dança pode contribuir, de alguma forma (e independente do grau de instrução de cada um), para proporcionar uma relação saudável entre as pessoas. Nesse contexto, este estudo baseia-se em aportes teóricos, abarcando a dança circular, o corpo, a hospitalidade, o acolhimento e a amorosidade. Nas ações práticas, foi realizada observação direta, observação participante, rodas de conversa, relatos de vivências e experimentação com o desenvolvimento da dança circular.

Em coerência com o objeto de estudo – A dança circular como expressão de vínculos de acolhimento e amorosidade: sinalizadores de hospitalidade, já mencionado –, tem-se o seguinte problema de pesquisa: como as danças circulares podem contribuir para fortalecer vínculos de acolhimento e amorosidade nas relações e oferecer sinalizadores para a hospitalidade?

A dança analisada neste estudo é a dança circular. Esta se apresenta como algo que pulsa, traz movimento, propõe expressividade e faz refletir (a possível constituição de relação citada acima, consigo mesmo com o 'outro'). Reitero que, não somente em sua execução corpórea, mas em sua vivência, que estabelece contato, 'com o tato'. A dança, pode-se dizer, teve um papel preponderante ao longo da história da humanidade, uma vez que, desde a Antiguidade até a contemporaneidade, percebe-se a necessidade contínua em interagir e comunicar-se por meio dela.

O termo 'expressão' utilizado no objeto de estudo vincula-se a diversos tipos de linguagem. Vale ressaltar que linguagem, no mundo contemporâneo, perpassa atividades individuais e coletivas. Verbais ou não verbais, as linguagens se cruzam, se completam e se modificam incessantemente, acompanhando o movimento de transformação do ser humano e suas formas de organização social (FOUCAULT, 2004). A dança, como forma expressiva, congrega elementos de linguagem.

Justifica-se a importância da relação da dança com a hospitalidade, acolhimento e amorosidade, trazendo referenciais teóricos para a construção deste estudo. Neste contexto, falar de hospitalidade é entender a fruição que

habita na relação com o lugar e na relação com o 'outro', implicando a relação humana. Por lugar de hospitalidade, pode-se entender aquele que é aberto ao outro, que possibilita o sentir-se à vontade, o ter pertencimento e o bem-estar ao estar no ambiente (BAPTISTA, 2008). Dessa forma, é possível que o espaço possa se transformar em lugar, num movimento consciente de humanização desse espaço. E pode fazer com que os sujeitos, ao se sentirem bem, tenham reações de comportamento favoráveis ao encontro, tornando possível a construção das relações de convivência, observados neste estudo, por meio da dança.

Ainda nesta mesma linha de considerações, Perazzolo et. al. (2013, p. 13) corroboram, dizendo que, para que uma relação se estabeleça, é necessário que, "[...] pelo menos, dois sujeitos (ou grupos) estabeleçam uma interlocução da qual se origine um espaço 'entre' um e outro: o espaço do acolhimento, um espaço externo ao 'eu' e compartilhado por ambos [...]". Assim, acrescentam as autoras, que a competência para o acolhimento pressupõe disposição para sair de si, criar e transitar por uma área que também é do 'outro', pressupõe acolher e ser acolhido.

Finalmente, a amorosidade, pode-se dizer, garante amor e acolhimento, para tornar as relações mais agradáveis. Assim, a amorosidade é libertária. Ela é uma atitude que começa na mente e acaba se instalando no coração, como um jeito novo de ser, e só acontece em quem é capaz de amar. Para isso, é necessário, viver o amor em si. Deixar despertar em seu interior a plenitude do amor. Sem rótulos. Sem pré-conceitos. Sem distinções. A ação da amorosidade, também permite que se aproximem as pessoas do conjunto de virtudes, pois, nela, estão incluídos o cuidado², o respeito³, a confiança. Vem ao encontro dessas afirmações o que Maturana (1998) apresenta, pontuando que as emoções não são algo que obscurece o entendimento, não são restrições da razão: as emoções são dinâmicas corporais que especificam os domínios de ação em que nos movemos. Evidencia o autor ser possível perceber que as

² "O cuidado que aquele que acolhe dá à preparação e ao embelezamento do espaço do acolhimento é tão significativo quanto a qualidade da relação que se estabelece no momento do acolhimento" (AVENA, 2008, p. 421-422).

³ "Respeito do homem consigo mesmo, do homem com o próximo e deste com a Sociedade que o cerca e, fundamentalmente, do homem com o meio ambiente, ou seja, com tudo ao seu redor" (BOCCHETTI, 2007 *apud* AVENA, 2008, p. 67).

emoções fazem parte do cotidiano dos sujeitos. Considera-se que a dança circular produz e se alimenta da amorosidade. A dança traz consigo o tato, o contato com o toque das mãos, que possibilita a sensação de odor e temperatura, as tensões nervosas, bem como revela sentimentos no reconhecimento do 'outro', na aproximação. Nesse contexto, a percepção tátil se abre para o descortinar-se perante o 'outro', pois, ao tocar e ser tocado, na dança circular, há a inserção da permissão de envolvimento, fluidez necessária para a constituição das emoções, do acolhimento e da amorosidade, que, por sua vez, terá resultados diferenciados na comunicação, no expressar-se.

Essas constatações permeiam a dança circular, que pressupõe a relação 'eu' e o 'outro', por meio do círculo e do auxílio mútuo entre os sujeitos. Considera-se que a primeira formação desenvolvida na vida social e em grupo, foi a roda. Com isso, foi percebido pelas culturas antigas que, especialmente a forma circular, era o estímulo para estar e fazer junto com o 'outro'. O círculo tem, em sua consistência, a forma geométrica espacial, que simboliza a perfeição e harmoniza, com a plenitude que o ser humano está sempre em busca para atingir, pois a centralidade circular põe todos de frente em sintonia (COSTA, 1998). E o mais impressionante do círculo, é a cooperação que pode existir entre os que estão na roda, se ajudando mutuamente, simplesmente por fazer a roda se movimentar harmonicamente. Na constituição do círculo, há uma conduta inclusiva, não importando as diferenças de classe social, etnia, gênero, faixa etária. O círculo e a roda comparam-se a um sistema orgânico, no qual “[...] as pessoas são vistas como células, individualmente criativas [...]” (RAMOS, 1998, p. 175). E em momentos de descontração ritmos, danças, mistura de culturas e até mesmo cantos, são somados para se fazer perceber a importância que tem cada um na roda. Assim como, na roda, segundo Giselle Guilhon Antunes Camargo (2015), todos são bem-vindos, não importando a idade, a estética corporal, a classe social, a situação econômica, a posição política e a atividade profissional de cada pessoa.

Juntamente com esses aportes trazidos para fundamentar a hospitalidade, o acolhimento e a amorosidade, expõe-se a Cartografia de Saberes. A Cartografia de Saberes, resumidamente, trata-se de abordagem transdisciplinar, alinhada aos pressupostos teóricos da Ciência Contemporânea, na perspectiva complexo-sistêmica, sendo possível perceber sua potência para

criar uma sistematização, sem aprisionamento, de acordo com Maria Luiza Cardinale Baptista (2014). Por meio de seu processo, compreendem-se os critérios que orientam o cartógrafo, tomando como base o conceito de cartografia, apresentado por Sueli Rolnik (1989), segundo o qual Baptista (2014) afirma que existe uma 'trama de trilhas' a serem acionadas. A estratégia metodológica desta pesquisa, "Cartografia de Saberes", proposta por Baptista (2014), consistiu em realizar 'trilhas' com a produção de saberes pessoais, saberes teóricos e usina de produção, o que permitiu deixar fluir amarrações da pesquisa de cunho exploratório. As perspectivas metodológicas foram realizadas com aproximações investigativas, que ocorreram com levantamento bibliográfico, desenvolvimento de intervenções de dança em diversos ambientes e observação do corpo participante (na expressividade e na comunicação). Nas ações práticas, observação direta, observação participante, rodas de conversa, relatos de vivências e experimentação com dança circular.

Desejando abarcar o olhar pelo viés da dança circular como expressão de vínculos de acolhimento e amorosidade, em condições de oferecer sinalizadores para a hospitalidade, esta dissertação está organizada em capítulos, a fim de estabelecer uma leitura agradável e apresentar, além da revisão bibliográfica, a pesquisa aplicada conforme a estratégia metodológica escolhida e a análise de resultados.

O capítulo 2 traz a estratégia metodológica escolhida, 'Cartografia de Saberes', proposta por Baptista (2014) e os caminhos teóricos, que foram percorridos para delinear a pesquisa. Na perspectiva de discorrer sobre a dança, o corpo que dança e a dança circular, o capítulo 3 trata de conceitos que ajudarão a entender a composição da escrita deste trabalho. O capítulo 4 expõe os componentes essenciais para a investigação dos vínculos de acolhimento e amorosidade, trazidos como condições de oferecer sinalizadores para a hospitalidade, com a finalidade de entender o 'eu' e suas implicações na relação com o 'outro'. Já o capítulo 5 ocupa-se em fazer a descrição do campo, relatando a observação empírica, trazendo informações sobre como se chegou aos resultados, bem como os dados propriamente ditos.

Por fim, o capítulo 6 percorre a discussão dos sinalizadores para a hospitalidade, numa correlação com os estudos de alguns autores e a abordagem da dança circular, em busca de laços de proximidade nas relações.

CAPÍTULO 2

Figura 2: Os Ladrões – Desenho de Bernhard Wosien (1980)



Fonte: Portal Uai – O Grande Portal dos Mineiros – Uai (www.uai.com.br)

Você dançaria se eu te chamasse para dançar?

Você correria e nunca olharia para trás?

Você choraria se me visse chorando?

Você salvaria minha alma esta noite?

(Enrique Iglesias)

2 PASSOS METODOLÓGICOS

A metodologia é o estudo dos caminhos para se chegar a um determinado fim. Método é a forma de proceder ao longo de um caminho. Na ciência, os métodos constituem os instrumentos básicos que ordenam o pensamento em sistemas, traçam de modo ordenado a maneira de proceder do cientista, ao longo de um percurso para alcançar um objetivo (TRUJILLO, 1974). Com isso, percebe-se como natural que haja alguma dificuldade na escolha das alternativas. Definir a metodologia é sempre um desafio, pois ela dá corpo ao trabalho e presentifica a consistência do objeto estudado. Assim, dentre as possibilidades metodológicas, busquei a que, a meu ver, se fez mais condizente com o propósito do meu estudo, numa possibilidade de romper com a tradição que limita a inventividade e a criação do pesquisador. E, eis que cheguei, então, à estratégia metodológica da Cartografia de Saberes, proposta por Baptista (2014). Vale ressaltar que esta proposição tem fundamentação no que a autora denomina como 'trama das trilhas teóricas', essencialmente transdisciplinar, envolvendo autores contemporâneos.

Em termos teóricos, o texto resulta de estudos transdisciplinares, envolvendo desde referenciais ligados à Epistemologia da Ciência, com pressupostos inerentes à mutação da Ciência Contemporânea e proposições sinalizadoras de devires científicos em tempos de caosmose na produção dos saberes (Capra, 1991, 1997; Crema, 1989; Morin, 1991, 2003, 2013; Santos, 1990, 1997). Nesse sentido, entrelaça referenciais como os da Esquizoanálise (Guattari, 1992; Guattari, Deleuze, 1995; Guattari, Rolnik, 1986), da Biologia Amorosa e do Conhecimento (Maturana, 1998; Maturana; Varela, 1997), em associação a textos basilares da Metodologia, visando à desconstrução do caráter estruturalista, paradigmático e impositivo da metodologia tradicional (Demo, 1989; Thiollent, 1998; Goldemberg, 2001; Flick, 2004; Severino, 1990; Lopes, 1990) (BAPTISTA, 2017, p. 01).

A Cartografia de Saberes é um outro modo de conhecer, uma outra leitura da realidade. Procura romper com a separação de sujeito e objeto na pesquisa, trazendo instrumentos de proximidade diferenciados para se fazer

ciência, traduzindo o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade.

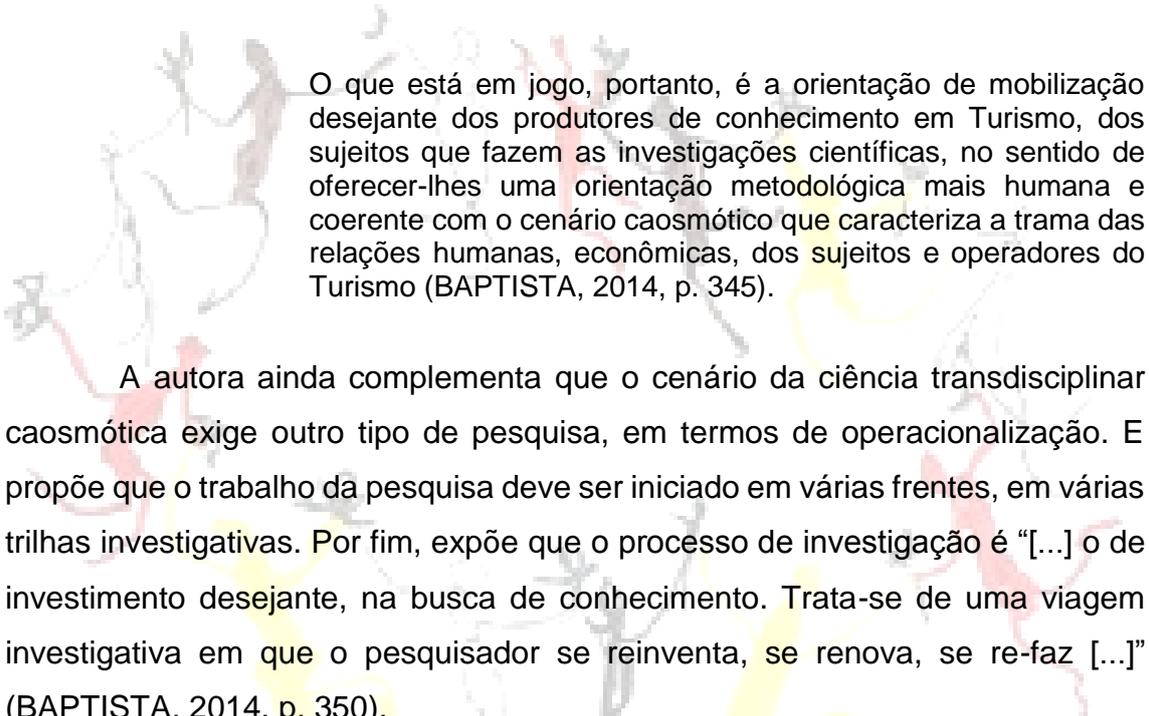
A cartografia apresenta-se como um dispositivo científico de investigação, buscando dar conta da complexidade do processo e tornar possível a construção do conhecimento, com suas amplitudes e intensidades. Propõe a interpretação e a reinterpretação dos significados, considerando novas formas de compreensão, capazes de dar conta de ambientes sociais de grande complexidade. E, neste estudo, aplica-se ao convívio, à interação social e às relações. Nesse sentido, a proposição se alinha ao pensamento de Morin (2004) ao trazer que o conhecimento é sempre uma tradução, seguida de uma reconstrução. O autor expõe que, mesmo no fenômeno da percepção em que os olhos recebem estímulos luminosos que são transformados, decodificados, transportados a um outro código, e esse código binário transita pelo nervo ótico, atravessa várias partes do cérebro e isto é transformado em percepção, logo a percepção é uma reconstrução. Morin (2012) pontua, também, que “[...] podemos dizer até que o conhecimento progride não tanto por sofisticação, formalização e abstração, mas, principalmente, pela capacidade de contextualizar e englobar [...]” (p. 14).

Cartografar é construir mapas a partir da capacidade de percepção do pesquisador, segundo Baptista (2014) com base em Rolnik (1989). Trata-se de uma espécie de mapeamento que, neste caso, acompanha e é feito enquanto certos mundos desintegram-se, perdem seu significado, e outros se formam. Mundos que são criados para expressar afetos contemporâneos, em relação ao qual universos existentes se tornam obsoletos. O cartógrafo tem a tarefa de dar voz aos sentimentos que pedem passagens (ROLNIK, 1989). Baptista (2014) explica que se cria uma composição, que “[...] implica em mergulho no objeto/fenômeno escolhido para estudar e no conhecimento já produzido a respeito, por outros investigadores, bem como no reconhecimento e a efetivação, possíveis com a vivência da pesquisa [...]” (p. 344).

Nesta mesma linha de considerações, Rodrigues (2006) contribui e pontua que a Cartografia de Saberes é uma abordagem metodológica marcada pelo hibridismo cultural, que implica uma nova ética do fazer ciência, convergente e consciente. Representa uma abordagem que se materializou entre fronteiras de saberes pluri-inter-transdisciplinares, e se revelou como uma

práxis de pesquisa intercultural, um caminho investigativo para dar conta da inter-multiculturalidade. Morin (2005) contribui, dizendo que o próprio progresso do conhecimento científico exige que o observador se inclua em sua observação, o que concebe em sua concepção, que o sujeito se reintroduza de forma autocrítica e auto-reflexiva em seu conhecimento dos objetos.

Corroborando com este modo de pensar, Baptista (2014) acrescenta que a proposição da Cartografia de Saberes deixa de apresentar em sua metodologia uma engrenagem dura e rígida, passando a ser construída neste processo, a partir de sinalizadores.



O que está em jogo, portanto, é a orientação de mobilização desejante dos produtores de conhecimento em Turismo, dos sujeitos que fazem as investigações científicas, no sentido de oferecer-lhes uma orientação metodológica mais humana e coerente com o cenário caosmótico que caracteriza a trama das relações humanas, econômicas, dos sujeitos e operadores do Turismo (BAPTISTA, 2014, p. 345).

A autora ainda complementa que o cenário da ciência transdisciplinar caosmótica exige outro tipo de pesquisa, em termos de operacionalização. E propõe que o trabalho da pesquisa deve ser iniciado em várias frentes, em várias trilhas investigativas. Por fim, expõe que o processo de investigação é “[...] o de investimento desejante, na busca de conhecimento. Trata-se de uma viagem investigativa em que o pesquisador se reinventa, se renova, se re-faz [...]” (BAPTISTA, 2014, p. 350).

Na sinalização da trama, há a conjectura de saberes e inquietações pessoais que darão significados às construções. No entanto, deve-se ir além desse nível de análise, para explorar outros aspectos das formas simbólicas, que partem da constituição do campo-objeto de estudo. Assim, a pesquisa é o meio de procurar conhecer os processos de sentido que se configuram nos cenários atuais. A recomendação do uso da Cartografia de Saberes para construir a ‘trilha’ se sobressai para a pesquisa qualitativa, mesmo que se utilizem métodos e técnicas quantitativas. “Está presente, na proposição, a associação entre a investigação e a metáfora de viagem intelectual, o que justifica a palavra ‘trilha’, na expressão ‘trama de trilhas’[...]” (BAPTISTA, 2014, p. 344). Assim, começa a se delinear, desde essa palavra, a ideia de esboçar um ‘desenho’ de uma

estratégia metodológica, com possibilidades de acionamento de dados pelo investigador, ao longo da pesquisa.

No caminho percorrido de aprendizagem, proponho um aporte teórico para sistematizar e direcionar este estudo, recompor a estrada que deu origem às inquietações de pesquisa. Neste sentido, surge o registro textual que almeja legitimar esta pesquisa em Turismo e Hospitalidade, que buscou a contribuição da dança circular como expressão de vínculos de acolhimento e amorosidade, em condições de oferecer sinalizadores para a hospitalidade. Assim, utilizando-se da estratégia metodológica Cartografia de Saberes, proposta por Baptista (2014), ao buscar a realização de aproximações investigativas (levantamento bibliográfico, desenvolvimento de dança circular) e ações investigativas (observação direta, observação participante, rodas de conversa, relatos de vivências e experimentação com a dança), tudo isso foi sendo registrado em diário de campo e discutido com as orientadoras⁴.

Segundo Gil (1999), a observação constitui elemento fundamental para a pesquisa, é, também, a utilização dos sentidos humanos, para obter determinada informação sobre aspectos da realidade. Corroborando com esta afirmação, Rúdio (2002) acentua que o termo observação não se trata apenas de ver, mas, de averiguar, sendo por este meio, mais fácil de conhecer as pessoas, os acontecimentos e os fenômenos. Assim, a observação direta e a observação participante, convergem com a possibilidade de tonificar as relações. A respeito das rodas de conversa, é um meio para uma comunicação dinâmica e produtiva, com estímulo ao diálogo, assim como um dispositivo para ser utilizado como prática metodológica de aproximação entre os sujeitos. É também, um espaço de partilha e confronto de ideias, proporcionando a liberdade da fala e da expressão, em que se propõe a construção do conhecimento coletivo, possibilitando a transformação (FREIRE, 1991). Para elucidar, trago um exemplo do Amorcomtur! Grupo de Estudos em Comunicação, Turismo, Amorosidade e Autopoiese, que vem desempenhando práticas experienciadas pelas rodas de conversa, e do qual faço parte,

⁴ O presente trabalho teve até o mês de maio de 2017 a orientação da professora Dra. Susana de Araújo Gastal e como coorientadora a professora Dra. Maria Luiza Cardinale Baptista. Porém, após a Banca de Qualificação, pela emergência da temática da amorosidade, decidiu-se pela inversão da orientadora e coorientadora, devido à afinidade da temática.

constatando que se trata de um dispositivo libertador e extremamente desafiante para a vinculação das pessoas. E em relação à vivência, etimologicamente deriva do grego *viventia*, que significa ‘o fato de ter vida’. A vivência como elemento constitutivo de vida, de experiência, segundo Merleau-Ponty (1994), mostra a expressividade como extensão do entendimento do corpo, em que se permite, através dela, experienciar, perceber e refletir, e contido em toda a dimensão humana, constitui como um “veículo do ser no mundo” para explorar novas possibilidades.

Por conseguinte, Baptista (2014) apresenta as trilhas para a proposição da Cartografia de Saberes, na prática da pesquisa.

A **primeira trilha** proposta é a que se refere aos ‘saberes pessoais’, já descrita no capítulo 1 – Compondo a Roda. Nela, é importante o investigador refletir o que sabe sobre determinado assunto. Com isso, irá se autorizar a escrever textos sobre as temáticas envolvidas nesse objeto de estudo. Assim, relaxando e expondo a escrita sobre o que pensa, irá liberar os pensamentos, fazendo uma sondagem de si, dando direcionamento do seu assunto. Emerge, aqui, portanto, o diário de campo, como fundamental lição de resgate dos saberes pessoais.

A **segunda trilha** a ser cartografada são os saberes teóricos. Com as temáticas escolhidas, o pesquisador deverá percorrer as trilhas desses conhecimentos. Neste momento, a autora propõe que se “[...] monte um quadro com os assuntos e as referências teóricas encontradas sobre cada um deles. Esse quadro é importante, porque ajuda a visualizar a cartografia teórica e suas linhas investigativas [...]” (BAPTISTA, 2014, p. 351). Defende, também, que cada subtemática expressa em palavras-chave tenha referências bibliográficas, mostrando a direção do trabalho teórico.

Nesse sentido, a respeito do saber teórico, o fazer ciência, o saber científico, Morin (2005) discorre, dizendo que há três séculos, o conhecimento científico não faz mais do que provar suas virtudes de verificação e de descoberta em relação a todos os outros modos de conhecimento. O autor pontua que é o conhecimento vivo que conduz a grande aventura da descoberta do universo, da vida, do ser humano. E, ainda expõe que a ciência é, portanto, “[...] elucidativa (resolve enigmas, dissipa mistérios), enriquecedora (permite

satisfazer necessidades sociais e, assim, desabrochar a civilização); é, de fato, e justamente, conquistadora, triunfante [...]” (MORIN, 2005, p. 16).

Quanto aos autores que conferem suporte teórico à pesquisa, cito Giselle Guilhon Antunes Camargo (2013; 2015) e Miriam Garcia Mendes (1985) para referir-se à dança. José Gil (1999) e Ivaldo Bertazzo (1998) auxiliam o pensamento quanto ao corpo em si, o movimento e o corpo que dança. Renata C. Lima Ramos (1998) e Bernhard Wosien (2000), para as questões específicas de danças circulares. Luiz Octávio de Lima Camargo, Olga Araújo Perazzolo, Marcia Maria Cappellano dos Santos e Isabel Baptista, para discorrer sobre a hospitalidade e o acolhimento. Humberto Maturana (1998) e Maria Luiza Cardinale Baptista, para a compreensão de amorosidade.

É relevante que se traga ao texto, neste início, para situar o leitor, uma elucidação quanto aos termos dança circular, hospitalidade, acolhimento, amorosidade e cartografia de saberes, sendo que são palavras-chave desta pesquisa. De acordo com Wosien (2000), a experimentação com as danças circulares reporta a uma movimentação que busca, por meio do dançar em roda, da gestualidade, o entrelaçar dos corpos numa relação de apoio mútuo, assim como acessar a subjetividade humana, para provocar vivências que oportunizem emergir a sensibilidade, e, que essa, seja dividida com o grupo que dança.

O corpo que dança também é um texto. Neste sentido, Gil (1997) expõe que, “[...] é simultaneamente o papel, a pena e o grafo, sendo o espaço que o seu corpo desenrola aquele em que, eventualmente, se inscreve o signo que é o próprio corpo [...]” (p. 70-71). Assim, a expressividade do corpo, por meio da dança, permite ao sujeito que seus movimentos corpóreos nasçam de dentro em confluência com os de fora, através do trabalho da consciência de si, reflexão e expressão, para imprimir ações que explicitem as reações do corpo, em busca da proximidade nas relações. Camargo (2015) defende que a hospitalidade imprescindivelmente passa pela intimidade do calor humano e pode ser compreendida como uma relação em que se estabelece uma troca (entre receber e ser recebido). Baptista (2005) expõe que “[...] a experiência de relação entre duas pessoas que, em rigor, só pode ser vivida como hospitalidade, implica que a consciência desenvolva a capacidade de acolhimento da alteridade⁵ que a

⁵ “O que determina a identidade de algo é aquilo que o determina como algo em si mesmo, ou seja, aquilo que permite considerá-lo como o mesmo, ainda que em circunstâncias diversas. [...]”

interpela e a interrompe [...]” (p. 15). Sobre a amorosidade, Maturana (1998) evidencia em seus estudos, dizendo, “[...] o amor é a emoção central na história evolutiva humana”, e aponta que, “a aceitação do outro como um legítimo outro na convivência, é uma condição necessária para o desenvolvimento físico, comportamental, psíquico, social e espiritual da criança [...]” (p. 25), bem como sua conservação quando adulto.

A **terceira trilha**, chamada pela autora de laboratório de pesquisa ou usina de produção, propõe o envolvimento do investigador para criar situações que deem vida à pesquisa. Complementa dizendo,

[...] deve-se ter em conta que novas pesquisas são novas viagens investigativas e, como tal, devem ter suas orientações estratégicas de viagem próprias, esboçadas pelos próprios pesquisadores-viajantes. Isso significa dizer o óbvio: metodologias também têm seu tempo e seu espaço. À medida que tudo está em movimento, no universo, a metodologia também deve mudar e adequar-se à mudança da paisagem caosmótica [...] (BAPTISTA, 2014, p. 351-352).

E fundamenta que se faz necessário ir a campo, já nas aproximações, para sentir e saber das reais escolhas, decisões, que afloram do próprio campo de pesquisa, tendo, por este fim, a segurança do caminho com o foco alinhado aos objetivos. A autora também chama a atenção no que diz respeito às diversas estruturas da pesquisa, de níveis mais profundos, em que emergem, muitas vezes, ‘pensamentos picados’. Expõe que o conhecimento e a pesquisa não se produzem “[...] apenas na consciência, nas instâncias do pensamento racional. Quando alguém investiga, esse sujeito investe-se em direção ao objeto paixão-pesquisa e isso significa que o sujeito todo pesquisa e vibra com a investig[ação]” (BAPTISTA, 2014, p. 352). E, por fim, ainda atenta aos processos “[...] caosmóticos também internos, o pesquisador deve estar sempre pronto a registrar essas brotações autônomas, para, com elas, em grande parte das vezes, puxar fios que ajudam a desenvolver as trilhas de saberes [...]” (Ibid., p. 352), numa formulação necessária para a proposição do estudo.

até o ponto de vista lógico ou fenomenológico é impossível definir o mesmo sem estabelecer a sua diferença em relação ao outro. A alteridade será, então, anterior e incontornável da mesmidade, mesmo já na sua percepção” (DUQUE, 2014, p. 150).

Tem-se, com isso, que o papel do pesquisador é central, sendo que é a partir das percepções, das sensações e das afetividades vivenciadas que se constroem conhecimentos. Neste sentido, o método cartográfico “[...] desencadeia um processo de desterritorialização no campo da ciência, para inaugurar uma nova forma de produzir o conhecimento, um modo que envolve a criação, a arte, a implicação do autor, artista, pesquisador, cartógrafo [...]” (MAIRESSE, 2003, p. 259 *apud* ROMAGNOLI, 2009, p. 170).

Isso possibilita a criação na constante relação do pesquisador com o seu objeto, construindo um outro olhar para o conhecimento com a experimentação, os relatos e o diálogo. Assim sendo, o cartógrafo, na possibilidade de abarcar a complexidade, coloca os problemas e investiga o global, concebendo no campo de pesquisa um outro olhar. Ele absorve matérias de expressão de qualquer procedência, para compor suas cartografias, já que: "Todas as entradas são boas, desde que as saídas sejam múltiplas [...]" (ROLNIK, 1989, p.66).

Foram realizadas aproximações investigativas, com levantamento bibliográfico, intervenções de dança em diversos ambientes e observação do corpo participante. Nas ações práticas, observação direta, observação participante, rodas de conversa, relatos de vivências e experimentação com dança circular.

O estudo empírico deste trabalho foi alicerçado em intervenções de dança circular em diversos ambientes, por meio de observações e rodas de conversa, contando com a expressividade e o diálogo espontâneo dos participantes. Foi pedido permissão para gravar as falas, utilizadas apenas neste estudo, e, depois, filtrar as respostas para transcrever os relatos das vivências. Desde as aproximações investigativas utilizou-se este formato, buscando, ao longo do desenvolvimento prático, elucidações que foram orientando e dando novos contornos nas direções a serem seguidas para as ações investigativas. Certo da continuidade das práticas, para compor as experimentações da dança circular e procurar resultados condizentes com a pesquisa, considera-se ter sido possível fazer amarrações consistentes entre as manifestações das aproximações e ações investigativas. Desse modo, será possível perceber a expressividade do corpo, por meio da dança, para, então, buscar entender como as danças circulares podem contribuir para fortalecer vínculos de acolhimento e amorosidade, nas relações, e oferecer sinalizadores para a hospitalidade.

Relato cinco aproximações investigativas, que, buscando responder às inquietações, levaram à escrita deste estudo. Fiz algumas experiências da prática da dança circular, em algumas cidades e por vários momentos distintos. Segue abaixo a descrição das experiências dos sujeitos. Também foi utilizada a música 'Zorba - Sirtaki Originale'. E foram apresentados oito passos de dança circular grega, para compor a dança. São eles:

1º passo: Em círculo, um passo a direita e levanta perna esquerda e um passo a esquerda e levanta perna direita.

2º passo: Caminha ao lado e bate no chão com a ponta do pé direito, caminha ao lado e na próxima vez bate no chão com a ponta do pé esquerdo.

3º passo: Caminha em círculo, agachando levemente o corpo e trançando o pé na frente e depois atrás.

4º passo: Caminha em círculo, girando o corpo e, ao deslocar, trança o pé na frente e depois o pé atrás.

5º passo: Caminha em círculo mais rapidamente, trançando o pé na frente e depois o pé atrás, batendo um pouco mais forte o pé direito no chão e, depois, inverte para o pé esquerdo, contorcendo levemente o tronco e com braços bem esticados grudados na pessoa ao lado.

6º passo: Caminha em círculo, fazendo dois passos para a direita e joga o pé direito para a frente e depois o pé esquerdo para a frente e repete os dois passos para a esquerda e joga o pé esquerdo para a frente e depois o pé direito para a frente.

7º passo: Caminha em círculo e levemente vai pulando com o pé direito marcando 8 tempos para a direita e depois inverte fazendo 8 tempos para a esquerda e pulando com o pé esquerdo.

8º passo: Caminha em círculo e mistura alguns passos anteriores em ritmo mais acelerado. Em círculo, um passo a direita e levanta perna esquerda e um passo a esquerda e levanta perna direita. Caminha 8 tempos em círculo sem as mãos dadas e batendo palma, depois novamente dá as mãos. Caminha em círculo agachando levemente o corpo e trançando o pé na frente e depois atrás. Caminha 8 tempos em círculo sem as mãos dadas e batendo palma, depois novamente dá as mãos. Caminha em círculo fazendo dois passos para a direita e joga o pé direito para a frente e depois o pé esquerdo para a frente e repete os dois passos para a esquerda e joga o pé esquerdo para a frente e

depois o pé direito para a frente. Caminha 8 tempos em círculo sem as mãos dadas e batendo palma, depois novamente dá as mãos.

Os passos apresentados foram extraídos de algumas variações apresentadas pela dança circular grega. Inicialmente todos os participantes ficaram distribuídos aleatoriamente, para aprender os passos. Depois, quando foi repetida a sequência duas vezes, formaram-se duplas. E repetiram mais duas vezes. Após, formaram trios. E por último, a formação da roda. Neste formato ficou mais fácil de conseguir saber a sequência dos passos.

A primeira experiência da dança circular foi realizada no dia 27 de junho de 2016, em uma visita a cidade de Garibaldi/RS, mais especificamente na Vinícola Peterlongo, num final de tarde de quinta-feira. Os participantes, alunos e colegas do mestrado e doutorado da Universidade de Caxias do Sul, UCS, foram surpreendidos quando convidados a se reunir na frente da vinícola e a partir daí, constituir a roda. Tomados pela energia do local e a curiosidade que os cercava, se mostraram receptivos e dispostos a dançar, se conhecer e se envolver. A aprendizagem dos passos se fez apreendida e mutuamente, os participantes se ajudando para, entrelaçados efetuar a dança. Quando concluída a música escolhida, além da soltura percebida, muitas risadas e descontração, o que provocou o abraço das pessoas, num esfuziante sentir-se bem. Constatou-se que, no desenvolvimento da dança, os participantes, imbuídos pela vivência e experimentação de algo, sentiram marcas de acolhimento e amorosidade, além da percepção do 'outro', que estava ao lado. Desta forma, conforme os próprios relatos, alguns, "já queriam ter feito isso antes, pois, a sensação foi de leveza e alegria" e também outros afirmaram que estavam apreensivos com o dançar, disseram que "fez muito bem para o corpo e para a alma". Notei, nessa intervenção, que o permitir-se vivenciar, libertando-se de qualquer pressuposto, favoreceu a ampliação das relações.

A segunda experiência realizada da dança circular foi na comemoração do dia do idoso (1º de outubro), que aconteceu na quarta-feira dia 5 de outubro de 2016, no Centro de Convivência do Idoso São José, em Farroupilha/RS. Na ocasião, dando sequência à programação, subi até o palco e, previamente combinado com a direção do local, fiz um convite para todos os participantes. Disse que, a partir daquele momento, estaria acontecendo uma atividade diferenciada. Expliquei sobre a dança circular e, ao terminar a explicação, eis

que, das 80 pessoas que lá estavam presentes, mais da metade se levantou e ficou interessada em saber do que se tratava. Informei o passo a passo, individualmente, tranquilizando a constituição da coreografia, e repeti por três vezes. Após, pedi para que repetissem formando duplas, e assim que tivessem gravado a sequência que formassem trios. A partir disso, soltei a música escolhida, e começou a formar a roda. Neste instante, mais algumas pessoas que estavam até então sentadas, observando, se juntaram aos participantes. E quando a música terminou, manifestaram querer mais, de tão bem que se sentiram. O desfecho provocou risos, conversas, abraços. Sentimentos vieram à tona e até lágrimas foram expressadas no formato de agradecimento pelo momento vivenciado. Uma sensação indescritível, ver pessoas se tocando e, ficando próximas naquele momento, se sentindo acolhidas. Acontecimentos como este são ímpares e permanecem na memória, pelo simples fato de serem provocações que possibilitam ao sujeito a soltura, o permitir-se e o conviver. Assim, neste desafio de ir além e alterar as relações interpessoais, posso dizer que tive, na dança circular o propósito concluído.

A terceira experiência de roda com a dança circular foi realizada no mês de dezembro de 2016, em Caxias do Sul/RS, na parte externa do Centro Municipal de Cultura Henrique Ordovás Filho. Dentre a maioria dos participantes, estavam alunos de teatro de algumas escolas da cidade e, também, visitantes. Fomos em três pessoas até o local e, de repente, começamos a fazer os passos que envolviam a música escolhida, 'Zorba - Sirtaki Originale'. Alguns curiosos chegaram perto e imediatamente perguntaram do que se tratava. Paramos. E convidei-os a participar, fazendo, em seguida, um breve explicativo sobre a constituição da dança e da roda. Embora o público fosse misto, tendo em sua maioria adolescentes e algumas poucas pessoas adultas e com mais idade que ali se encontravam, prestigiando e desfrutando o Centro de Cultura, os adolescentes, envolvidos pela curiosidade, deixaram mochilas no chão e quase todos se dispuseram a aprender. Alguns deles disseram: 'vamos ver qual é dessa dança'. E assim foi. Eles aprenderam rápido e a roda foi constituída em poucos minutos. Tanto ficaram empolgados que a música foi repetida por cinco vezes e após ter agradecido a cooperação e ter me despedido deles, refizeram a roda com os passos e entoando outra canção. Ouvi comentários dos que fizeram a dança, dizendo aos outros que ficaram tímidos e não quiseram se

expor: *“por que vocês não quiseram encarar o desafio?”*. *“Perderam. Foi muito massa”*. *“Vamos fazer na nossa cidade”*. *“Irado demais”*. A proposta da dança é surpreender aos que se encontram nos locais e, livremente, que quem se sinta à vontade, participe. E pelas expressões que percebi daqueles que não quiseram atuar na roda, ficou uma vontade de ter vencido o medo interior e ter enfrentado o desconhecido.

A quarta experiência de dança circular foi feita em janeiro de 2017 na cidade de Porto Alegre/RS, numa tarde de sábado, no ‘Brique da Redenção’. Eu e mais cinco amigos adentramos o parque até um lugar em que havia várias pessoas sentadas e curtindo o dia de sol e calor. Em poucos instantes, depois do início da roda, enquanto eu explicava os passos, já havia quatro pessoas próximas de nós, dispostas a aprender e participar. E num prazo de dez minutos, reforçando os passos, alguns outros passeantes pelo parque, ficaram à espreita, para ver do que se tratava. Uns aderiram à participação. Outros, de cuia e térmica na mão, com seu chimarrão, preferiram somente observar. Eis que a roda se iniciou, e começamos a dançar, entoando diversão e alegria, pela energia que o momento trazia. E após a dança ter acontecido, pedi, livremente, para que os meus amigos e também para os ‘desconhecidos’, se manifestassem sobre a dança. Dentre as falas, estavam *“sensação de bem-estar”*; *“me senti esquisito no início, mas depois animado”*; *“uma sensação revigorante”*; *“diferente”*; *“eu já tinha visto isso na internet e até em São Paulo, mas aqui no Sul nunca”*; *“errei quase todos os passos, mas a energia era tão boa que continuei dançando mesmo com tudo errado”*.

Consegui conversar com algumas pessoas, e entre elas, estava um paulista, duas meninas suecas fazendo intercâmbio, algumas pessoas de Porto Alegre mesmo e, junto de alguns destes, parentes e amigos que vieram visitar a capital no final de semana. E uma curiosidade extra, em determinado momento, quando acontecia a dança circular, um sujeito, desprovido de boas roupas, desgrenhado, bastante sujo e com um pouco de odor perceptível, ficou na parte externa da roda olhando e interessado, se pôs a fazer os passos. Assim que foi percebido pelos demais da roda, um casal largou as mãos e chamou-o para participar. Ele se retraiu e disse que ali estava bom. Talvez estivesse se sentindo desconfortável perante aos outros. Mas, por insistência de um dos participantes da roda, ele foi convencido e veio dançar. As suas expressões faciais e sorrisos

estavam tão irradiantes, que esqueceu que era diferente dos demais em roupas e limpeza. Isso me chamou a atenção, pois ele foi acolhido pelo grupo dançante, e seus trajes, sujeira e odores não o fizeram diferente dos demais, que o cumprimentaram ao final da roda. Ele, um morador de rua em Porto Alegre, vive há onze anos, sem família, tem apenas um irmão internado por uso de drogas. Relatou que gostou de ter participado, que se sentiu visto, quando a maioria das pessoas quer que ele fique bem longe.

Nas minhas práticas com a dança circular, venho constatando a pluralidade de pessoas que proporcionam a diversidade cultural, e que estas estão trazendo de volta, aos sujeitos, o olhar sobre 'si' e sobre o 'outro' e, mesmo que em poucos momentos, devolvendo sensações e emoções.

Minha quinta experiência de dança circular, foi em Curitiba/PR, no mês de fevereiro de 2017. Numa bela manhã de domingo, eu estava junto a alguns amigos, com os quais já havia conversado e explicado sobre a dança. Propus a roda na feira de 'Arte e Artesanato do Largo da Ordem'. Depois de visitar um pouco a feira, deparamo-nos com um local perfeito para fazer a dança. Tendo previamente passado alguns passos, começamos. Não demorou muito para que algumas pessoas, não só olhassem, mas se inserissem na roda. Foi tão espontâneo a entrada de pessoas que, em menos de dez minutos, já estávamos em torno de vinte pessoas dançando. A música escolhida estava no celular e quase não era ouvida. Mesmo assim, a roda não parava. Acredito que ficamos mais de vinte minutos dançando e mais algumas pessoas adentraram a roda.

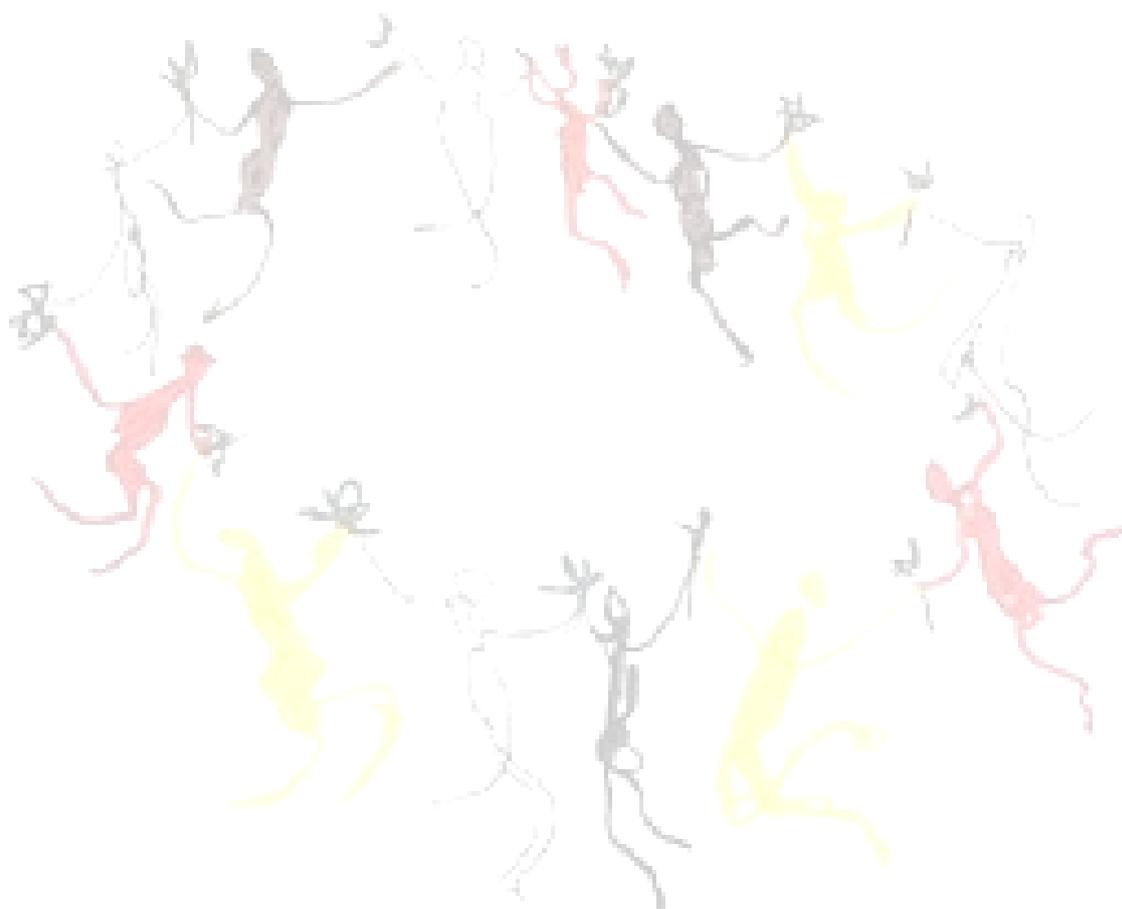
Quando paramos, não quis deixar dispersar as pessoas que ali estavam e apresentei a proposta como parte de meu estudo, pedindo a colaboração espontânea da fala deles, sobre como se sentiram e o que acharam de dançar num domingo de manhã, curtindo uma feirinha de arte e artesanato. Achei que quase ninguém iria falar, pois a maioria era composta de estranhos para mim, e talvez não quisessem deixar de aproveitar seu domingo, na feira, para comentar a expressividade que vivenciaram. Porém, para minha surpresa, devo ter ficado uns quarenta minutos ouvindo as pessoas, que relatavam, com seus jeitos peculiares, a sensação que a dança trouxe para eles. Saíram das falas coisas incríveis, como *“esse Brasil é uma surpresa mesmo, a cada cidade, em cada estado, alguém surpreende”*; *“estive em Portugal e lá dancei essa música na rua quase igualzinho aqui”*; *“sou professora de dança de uma cidade do interior do*

Paraná e gostei da ideia, vou levar para a praça de lá”; “quando a gente começa a dançar o corpo se solta e a gente esquece que tem gente vendo”; “paguei mico mas me diverti”; “você vai estar aí no próximo domingo porque eu voltarei para dançar”; “sou da pedagogia e sempre fiquei frustrada em me expor, mas de uns tempos pra cá estou vivendo a vida intensamente sem me importar com os outros”; “perdi minha filha num acidente de carro, ela amava dançar, e quando eu danço eu lembro do sorriso dela e isso me deixa forte”; “que dança é essa que a gente gira e dá risada?”; “não tenho ritmo mas os outros me conduziram bem até parece que eu dancei a vida inteira”.

Além de ter tido a participação de pessoas que estavam nas bancas da feira, atendendo seus clientes que se manifestaram sobre a intervenção, também falaram quatro japoneses, que só entendi pelos seus gestos corporais, pelo gestual e expressão facial, que ficaram alegres em ver e dançar e que isso fez bem para o coração. Ressalto que estas constatações foram presumidas pela gesticulação de mãos e sorrisos, porque da Língua Japonesa nada entendo. Enfim, foi muito gratificante ouvir os relatos de uma experiência até então desconhecida para a maioria dos participantes, mas que deixou um sabor de novidade e um gosto de quero mais. Nesse contexto, embora todos que lá estivessem em volta da roda não tenham participado e alguns não se manifestaram, assim como outros dançaram e logo se retiraram, aos que contribuíram, vou acreditando que estou no caminho certo quando propus ser a dança um resgate das relações ‘mais humanas’, criando e estabelecendo assim, laços de proximidade, entre públicos desconhecidos, visitantes, moradores, que me pareceu sentirem-se acolhidos e acolhendo, com mesma intensidade.

Nesta conjuntura, seguido da descrição das experiências dos sujeitos com a dança circular, pode-se dizer que, aplicar ao corpo suas dimensões (existência corporal e extensão comunicacional) implica que relacionar-se é mais do que simplesmente exteriorizar a informação. Trata-se de observar as mudanças internas deste corpo, bem como, mostrar que as novas descobertas produzem modificação com a movimentação do corpo, com as afetividades sentidas, por meio das vivências e do toque. As vivências podem trazer ao sujeito uma significativa estruturação nas relações, baseando sua conjectura no sentir, relacionar-se e tocar. O toque permite uma mistura que envolve uma movimentação de energias, de intensidades e de afetos. Ao experimentar o

toque, o afeto é tomado pelo corpo – o corpo que comunica, o corpo que se expressa –, então, delinea um território, mapeia uma situação e também tudo que está contido nele (ROLNIK, 1989). Neste sentido, a Cartografia de Saberes vai propondo respostas que se imbricam no apreender, envolver e pertencer.



CAPÍTULO 3

Figura 3: Ciranda, Glênio Bianchetti (1988)



Fonte: Enciclopédia Itaú Cultural (www.encyclopedia.itaucultural.org.br)

Dança é a única arte na qual nós mesmos

somos o material de que ela é feita.

(Ted Shawn)

3 A EXPRESSIVIDADE DA DANÇA

A dança é inerente ao ser humano, pois, desde os primórdios, há relatos de sua existência e participação, como exteriorização artística, entretenimento, culto e ritual para pedir ou agradecer aos deuses em diferentes momentos da vida. Complementando as considerações, Camargo (2013) expõe que “[...] a dança faz parte da herança cultural de um povo. Ela constitui um vetor poderoso de identidade étnica, sexual, etária, hierárquica social [...]” (p. 31). Assim, é possível manifestar que, em suas várias versões, jeitos e estilos, a dança se apresenta, também, como expressão cultural mostrando as tradições, os movimentos da vida, da natureza e também, as linguagens representativas de cada povo, país ou região.

A dança é uma forma de linguagem não verbal que consegue permitir, ao trabalhar a consciência do movimento, uma abertura para o autoconhecimento, e, por sua vez, é capaz de influenciar na afetividade, sensibilidade, criatividade, espontaneidade e na construção de vínculos. Dançar é uma forma de diálogo, e pode ser uma forma de descoberta, de ‘si’ e do ‘outro’, possibilitando exteriorizar sensações e emoções.

Calazans, Castilho e Gomes (2003) expõem que não importa a idade, nem o gênero, a cor, ou a situação socioeconômica, educacional e política. O que importa, sim, são que os sujeitos que venham a integrar o trabalho de consciência do movimento, estejam dispostos a investir em si mesmos, também, a aguçar a percepção e os sentidos, para melhor assumirem os desejos interiores e as motivações, e, todas as potencialidades do corpo.

Paralelo a essas afirmações, a antropóloga da dança Judith Lynne Hanna (1979) citada por Hugo Zemp (2013), enumera sete “comportamentos humanos” no que se refere à dança, também campos de estudo. Significativo trazer esse olhar para exaltar a importância da dança no contexto das relações que este estudo se propõe.

1. Físico: o corpo humano libera energia através de respostas musculares aos estímulos do cérebro. O movimento e a energia organizada é a essência da dança; 2. Cultural: os valores, as atitudes, os conceitos de um povo determinam parcialmente as conceituações da dança e suas produções físicas, seu estilo, sua estrutura, suas modalidades de execução; 3. Social: a dança reflete e influencia as formas de organização social, a relação entre os indivíduos no grupo e entre os grupos; 4. Psicológico: implica experiências cognitivas e emocionais, afetadas pela vida pessoal e coletiva de um indivíduo, e o afetando por sua vez; 5. Econômico: a dança pode fornecer um complemento de renda ou constituir a renda principal de profissionais. Outros investem em renda no aprendizado da dança ou para apreciar outros dançarem; 6. Político: a dança como um lugar de articulação de atitudes e valores políticos e um meio de controle, de julgamento e de mudança; 7. Comunicativo: pela “linguagem do corpo”, a dança como instrumento físico ou como um símbolo, permite exprimir sentimentos e pensamentos: os movimentos corporais se transformam em símbolos que os membros da sociedade compreendem e cujo objetivo é o de representar as experiências do mundo exterior e psíquico (p. 31-32).

A dança⁶ sempre se apresentou de várias maneiras, individual, em duplas, em grupos, em formatos de roda, ou em tantos outros jeitos perceptíveis pelo mundo afora, dessa forma, são retratados, assistidos, sentidos e compartilhados com todas as pessoas. Porém, da Antiguidade à Pós-modernidade ela foi mudando e tendo novos contextos. Isto posto, nota-se que desde os primórdios, quando a dança era produzida para adorar deuses, a composição de trajes coloridos assinalando o realce da representação e o uso de máscaras eram itens relevantes na comunicação dessa linguagem, assim como havia o acompanhamento de canto expressados por movimentos simétricos envolvendo os participantes (MENDES, 1985).

Com o passar dos séculos, a inclusão de acrobacias e mágicas eram a representatividade das crenças e dos costumes locais. Em igual intensidade, na Grécia, por exemplo, a dança se fazia presente com sua encenação. Tinha-se a

⁶ Posso dizer que, por ter vivido experimentações e também por ter analisado e buscado notícias informalmente em documentários e entrevistas, tem-se inúmeras manifestações reveladas por intermédio da dança, entre elas estão: ballet (França), capoeira, lambada, baião, ciranda (Brasil), dança de rua, funk, hip-hop, jazz (Estados Unidos), bolero e rumba (Cuba), dança do ventre (Antigo Egito), danças africanas (África), tango (Argentina), quadrilhas (Holanda), valsa (Áustria e Alemanha), flamenco (Espanha), sapateado (Irlanda), merengue (República Dominicana), polca (República Tcheca), fandango (Arábia ou Península Ibérica, Espanha 'século XVIII'), tarantela (Itália), jiga (Inglaterra), mazurca (Polônia), xarda (Hungria), danças circulares (Escócia), só para citar algumas, dentre tantas existentes. São diversas as formas e os formatos pelos quais a dança se insere na vida cotidiana das pessoas, trazendo, desde os primórdios, a união como representatividade.

beleza exteriorizada do corpo e a perfeição dos movimentos que conduziam os estilos, emplacando fundamental importância na educação dos jovens, pois, desencadeava aos participantes através da música, a emotividade, item estimado por alguns filósofos da época. E os gregos preparavam-se para as lutas por meio da dança (MENDES, 1985). Assim, tem-se com o Renascimento (final do século XIV), o surgimento das expressões teatrais na dança, com forte enfoque na religião, trazendo impactantes modificações e reprimindo manifestações por meio da Igreja. Após este período, ela passa a ser vista como formação de nobres (entre século XV e XVI), surgindo estilos de dança que culminavam com a distinção das classes (em que nobres se aperfeiçoavam no chamado balé, pois detinham maior poder aquisitivo para se aprimorar). Fica evidente que a dança passou a ter um sentido social sendo apresentada como entretenimento e recreação através de espetáculos teatrais (VIANNA, 2005).

Séculos depois, a dança social foi sendo transformada aos poucos, possibilitando a participação de outras classes sociais, levando o nome de danças populares. Juntamente com isso, a modificação dos comportamentos acoplados às danças sociais, trouxe as danças em duplas, futuramente denominadas de danças de salão. Avançando as décadas, crescentes transformações, implicações e modificações se fizeram presentes alterando olhares e possibilitando outros formatos, na maneira de dançar. Isso ocorreu não destoando a sua implícita importância desde a Antiguidade, mas, costurando múltiplas expressividades pelo perpassar das épocas, em diferentes países e culturas (MENDES, 1985).

Diante de tais afirmações, é possível acrescentar o pensamento de Garaudy (1980), contribuindo ao discorrer que dançar é vivenciar e experienciar, sentindo a relação de cada pessoa com o máximo de intensidade. Ainda afirma que a dança é um modo de manifestar, pela movimentação, as necessidades de expressão humana. O autor pontua que deveríamos ter a loucura ou a sabedoria de dançar a vida e não somente fazer sua construção nos moldes pré-estabelecidos. Talvez isso fizesse de nós, sujeitos de movimentação e expressividade, com melhor preparação para os desafios, etc., levando-se em conta que a dança sempre esteve presente como um modo de existir e de viver. Assim, “[...] ao invés de pensar a vida, talvez se pudesse dançá-la e ampliar os sentidos na roda do tempo. A dança, como toda outra forma da cultura, hoje em

dia, só pode ser prospectiva [...]” (GARAUDY, 1980, p. 176). Dançar é então, expressão e movimento, no tempo e no espaço. Gera informações, experimentações (CAMARGO, 2015).

Há, neste contexto e permeando este estudo, a busca por resgatar a dança, pelo corpo que dança, e, fazer, assim, com que seja propulsora para desencadear, por meio dela, o estreitamento das relações, expressão de vínculos de acolhimento e amorosidade, união e laços de proximidade no seu desenvolvimento.

3.1 O CORPO QUE DANÇA

Ao discorrer sobre o corpo que dança, trago elucidações, para melhor compreensão, sobre o que é o corpo, do ponto de vista de alguns autores. E ao explicitar esse corpo, proponho com a dança circular escutar o que o corpo tem a dizer, perceber suas manifestações corpóreas e, também, (re)conhecer o corpo como imagem que atua com outras imagens, recebendo e devolvendo movimentos (JOSSO, 2012).

O corpo é sujeito e ao mesmo tempo objeto, uma mente constituinte, na sua totalidade de expressão. O termo ‘expressão’ utilizado no objeto de estudo vincula-se a diversos tipos de linguagem. Outro aspecto a ser considerado é que é possível analisar o conhecer. Logo, o conhecimento, “[...] é aquele que reflete sobre as relações entre atos e significações e conhece a estrutura formada por eles (a percepção, a imaginação, a memória, a linguagem, o pensamento) [...]” (CHAUÍ, 2010, p. 150). E este mesmo corpo que é sujeito e objeto, que propicia interações e pressupõe relações, estende ramificações de convívio e também pode ser humanizador de seu próprio espaço. Isso faz com que corporifique a possibilidade de compreensão, através de uma nova direção perceptiva, e manifeste essa mudança, por meio da expressão, dos gestos e das palavras. Desse modo, há assinalado o caráter corpóreo da significação, cuja apreensão está na reciprocidade de comportamentos vividos na dimensão social.

É possível dizer, dessa maneira, que todo conhecimento manifesta-se por meio do pensamento, da percepção e das linguagens. Se acreditamos que a linguagem tem as suas bases no cérebro e se, por esse motivo, a mente é

“geradora de signos”⁷ não verbais, matriz do pensamento, ela precisa processar os signos, a partir da percepção. Assim, pensar é articular signos, ou seja, é ligar ou unir as representações em cadeias. Conforme Foucault (2004), conhecimento e linguagem estão estreitamente entrecruzados, têm, na representação, sua origem e mesmo princípio de funcionamento; apoiando-se um ao outro, completando-se e se criticando incessantemente.

Pressupõe-se, dessa forma, que a interação entre os participantes, os novos conhecimentos adquiridos pelas experiências vivenciadas e as linguagens estabelecidas entre os sujeitos, levem a questionamentos, reflexões, percepções e ao estabelecimento de relações. De igual forma, podem contribuir para proporcionar mudanças, quebrar paradigmas, identificar padrões culturais diferenciados, permeando a convivência e a troca relacional. Desse modo, presume-se que as relações a serem atingidas, por meio da dança, uma forma de diálogo, podem ser uma forma de descoberta, de constituir percepção (conhecimento de ‘si’ e do ‘outro’), possibilitando adquirir aprendizado e exteriorizar sensações e emoções. Assim, em sua forma mais geral, conhecer e falar, consistem, primeiramente, em analisar a simultaneidade da representação, em distinguir-lhe os elementos, em estabelecer as relações que combinam, as sucessões possíveis segundo as quais se pode desenvolver. Para isso, é preciso se conhecer, se descobrir e se redescobrir, podendo assim, criar uma mudança comportamental/cultural, com a adoção de uma percepção constitutiva de linguagem e pensamento, possibilitando ampliar os conhecimentos.

Posto isso, o que é o corpo? Reflexo, imagem, substância, carne, exterior, físico, objeto de estudos, e/ou do desejo? Que corpo é esse? Partindo-se do pressuposto de que o corpo é um elemento de expressão cultural, que carrega em seu bojo marcas distintas, uma das definições, pode-se dizer, que o corpo é um composto de tudo que foi citado acima, ademais, é objeto de curiosidade, por ser uma engrenagem misteriosa, o que possibilita diferentes e múltiplas definições para esse componente físico do ser humano, com base na

⁷ Segundo Ferrara (2009), um signo não existe apenas em um fragmento de uma realidade, mas pode refletir mais de uma realidade, mostrar fidelidade, distorcê-la ou apreendê-la de um ponto de vista isolado. Assim, compreender-se que o signo se sujeita aos critérios de avaliação ideológica, remetendo a valores como verdadeiro, falso, justificado, injusto, bom ou mau. Poder-se-ia dizer também que a estética influi na assimilação do signo, por meio dos conceitos de belo, feio, novo, velho, moderno, ultrapassado, entre outros.

sua cientificidade (ÁVILA, 2015). O corpo, ainda, constitui-se de movimentos, expressividades, contornos, proporções e distorções das formas, através do qual o sujeito inter-relaciona-se com o mundo e com o 'outro'.

O corpo é constituído de um sujeito. Esse sujeito que possui um corpo, ocupa um lugar no espaço, age e reage. Interage com o seu ambiente. Transforma e é transformado por meio dessa interação. A partir dessas afirmações, trago considerações sobre o corpo, mencionadas por pensadores e pesquisadores, em seus estudos e acepções, exemplificando, alguns dos vários olhares, ao longo dos tempos, e sua possível implicação nas relações.

Na Grécia Antiga, conforme Cassimiro, Galdino e Sá (2012), o corpo era abordado, apesar de assuntos como a Política e a Ética serem considerados mais relevantes pelos pensadores da época. Os autores trazem que alguns filósofos como Sócrates (470 a 399 a.C.), Platão (427 a 347) e Aristóteles (384 a 322 a.C.), que viveram na sociedade grega antiga, também discutiam sobre esse assunto. Sócrates possuía uma visão integral do ser humano, julgando como importante tanto o corpo quanto a alma para o processo de interação da humanidade com o mundo, diferente de Platão, que possuía uma visão mais dicotômica, na qual o corpo servia de prisão para a alma. Ainda segundo Cassimiro, Galdino e Sá (2012), as ideias de Aristóteles aproximavam-se mais das ideias de Sócrates do que das de Platão, pois partia do princípio de que as ações humanas eram executadas em conjunto, corpo e alma, todas num processo contínuo de realização. As abordagens apresentadas por esses filósofos representam a base para o entendimento sobre as diferentes concepções de corpo criadas ao longo da formação da sociedade ocidental, visto que as mesmas tendem a explicar melhor e entender como o corpo tomou dimensões importantes na construção social, cultural e histórica. Os autores prosseguem, dizendo que relatos históricos mostram que o corpo sexuado da Idade Média foi majoritariamente desvalorizado, as pulsões e o desejo carnal, amplamente reprimidos. Também pontuam que o culto ao corpo era considerado um verdadeiro pecado, e concebido principalmente como a vestimenta da alma; e a renúncia ao próprio corpo foi a base de sustentação do discurso da salvação da mesma.

No século XIV, iniciou-se em algumas cidades, como Veneza, Florença e Península Itálica, depois se expandindo para os demais países da Europa, o

que ficou conhecido como Renascimento. Este representou para a sociedade da época não somente uma mudança econômica, mas, principalmente, o modo das pessoas pensarem e se organizarem politicamente. O ideal de corpo passou a ter um caráter mais humanista, diferente do ideal concebido pela Igreja na Idade Média. A chegada do Renascimento marcou a transição da Idade Média para a Modernidade. Cassimiro, Galdino e Sá (2012) por meio de seus estudos, complementam sobre o corpo que, a Modernidade caracterizou-se pelo surgimento da Ciência Moderna e de uma nova concepção do ser humano e um novo modo de ver o corpo. Assim, as restrições religiosas que eram exercidas sobre o corpo na Idade Média deram lugar ao desenvolvimento da racionalidade. Dessa maneira, o ser humano moderno passou a ser o sujeito responsável pela produção do conhecimento e de uma nova concepção de corpo.

Por fim, os autores dissertam pontuando que, no final do século XVII, o corpo humano foi considerado pelas Ciências Biológicas como uma máquina cheia de engrenagens. Como esse período foi caracterizado pelo nascimento de uma nova classe detentora do poder, a burguesia, esse ser humano moderno foi quem favoreceu o desenvolvimento das indústrias e a consolidação do Capitalismo. E ainda afirmam que, ao longo do século XX, período que consolidou a Contemporaneidade, o corpo foi ganhando evidência, por meio das novas tecnologias e comportamentos, principalmente através do uso dos meios de comunicação⁸. O estilo de vida e o desejo de obter a perfeição física levaram o sujeito da sociedade industrial a buscar, excessivamente, um novo padrão de beleza, satisfazendo um desejo que não é próprio de sua natureza, mas, sim, de uma exigência para a sua inclusão na sociedade, em que tudo pode virar mercadoria.

Diversas concepções de corpo configuraram definições através dos tempos, possibilitando diferentes maneiras de interpretações sob o olhar de pensadores e pesquisadores. Tem-se também que, a partir da ascensão do capitalismo e, conseqüentemente, da modernidade, todas as implicações

⁸ A história da comunicação e seus processos possuem, segundo Mattelart e Matterlart (2009), progressivos deslocamentos que se operam de uma significação centrada sobretudo na mídia, para uma comunicação que assume aos poucos uma definição totalizante, mesclando tecnologias múltiplas destinadas a estruturar uma nova sociedade. Dessa forma, Eco (1997, p. 06) expõe que, “o processo de significação só se verifica quando existe um código que une entidades presentes e ausentes”.

culturais decorrentes dessa nova forma de se organizar social e culturalmente passa ter outra percepção do corpo, assentada em novos valores e ideologias. Foucault (2004) pensa-o como lugar de todas as interdições e regras sociais que tendem a construir um corpo pelo aspecto de múltiplas determinações. Para ele, o surgimento do corpo enquanto objeto científico é expoente das implicações do capitalismo na nova percepção de como nos vemos e como somos vistos. Na sociedade contemporânea, descrita por Manuel Castells (2008), as representações do corpo passam a implicar uma revolucionária problematização do par natureza/cultura, principalmente em função das possibilidades abertas pela virtualidade cibernética e pelo caráter tecnológico advindo da tecnologia da informação (ÁVILA, 2015).

Antes, uma caixa semifechada preenchida de órgãos, carne, ossos, músculos, sangue, nervos, o corpo era tido como um aparato de segurança ao se mostrar. Porém, acredita-se que entrou em crise no século XX, alterando sua expressividade em todos os aspectos (interior, subjetividade, exterior). Essa alteração na expressividade, pressupõe-se ser sentida, pela modificação do modo de viver e interagir, com o afastamento das pessoas. Da mesma maneira, esses modos de viver e interagir, podem apresentar sinalizadores da interioridade do sujeito, e, a partir disso, observadas suas reiterações (de aproximação ou afastamento), seria possível distinguir diferentes tendências de atuações e interações.

Nessa linha de considerações, a expressividade do corpo envolve a compreensão da linguagem do corpo e requer, ao longo do percurso, que sejam desenvolvidas as diversas possibilidades de movimento corporal. Isso exige a descoberta do próprio corpo pela via da sua sensibilização, vivência e conscientização, bem como perceber os aspectos físicos e psíquicos do corpo e suas inter-relações. De modo igual, é preciso buscar internamente a consciência/percepção corporal que trará a transformação espontânea na história do conviver, utilizando-se do toque na dança circular. Dessa forma, pode-se perceber que a linguagem manifestada pelo corpo do sujeito, quando observada em seus íntimos detalhes, revela, na comunicação verbal⁹, a ação

⁹ Entende-se que a comunicação verbal surge a partir do código linguístico e inclui a comunicação escrita (com seu auge nas organizações burocráticas que seguem os princípios da Teoria da Burocracia, enunciados por Max Weber em 1909) e também a comunicação oral. Neste

exteriorizada pela fala e que, na comunicação não verbal¹⁰, a expressão das emoções e das atitudes. Assim, um corpo que vivencia é capaz de criar outros contornos, ou até mesmo de desfazer formas que já não condizem mais, pois a experiência de interagir, de estar em contato com o outro, o desconhecido, faz com que sejam revistos os modos de relação consigo mesmo, e com isso, possam reestruturar a relação com o outro (BRIKMAN, 1989).

Diante dessas afirmações, o corpo que dança, que se manifesta em sua totalidade, através da fala, dos gestos e das expressões, busca identificar no dançar – aqui especificamente, a dança circular – a expressão de vínculos de acolhimento e amorosidade, em condições de oferecer sinalizadores para a hospitalidade. Pode-se depreender disso que o corpo que dança é capaz de conduzir a uma reflexão sobre a história do ser humano. Vale dizer que é possível perceber que as pessoas dançavam em todos os momentos solenes de sua existência: na guerra e na paz, na vida e na morte, na semeadura e na colheita. Por conseguinte, pressupõe-se que o corpo, ao se expressar pela dança, pode sentir emoções. Isso se evidencia no corpo que exala expressividade através do movimento. Quando o corpo dança, é possível dizer que, dialoga com as frases implícitas nos movimentos. Também que, expressa emoção. O corpo é um canal, um instrumento entre o mundo interior, com suas emoções e sentimentos, e o mundo exterior. Nessa perspectiva, isso ajudará o sujeito a (re)constituir percepções (de ‘si’ e do ‘outro’), permitir o estabelecimento, desenvolvimento, manutenção e modificação das relações.

Contribuindo com esse pensamento, Gil (1997) expõe que, fundamentalmente, dançar significa “[...] confundir o léxico com a gramática, de

tipo de comunicação, através da linguagem, é possível exteriorizar o ser social, permitindo a transmissão de ideias complexas e, desta forma, o ser humano influencia e é influenciado na sociedade (CHIAVENATO, 2011).

¹⁰ Com relação à comunicação não verbal, pode-se dizer que, na primeira metade do século XXI, diversos autores realizaram estudos isolados da voz, da aparência e da face, ressaltando-se o estudo dos tipos de corpo a partir de 1925. Em 1941, apresentaram-se maneiras inovadoras de estudar a linguagem do corpo, demonstrando o importante papel da cultura na moldagem dos gestos, constituindo-se, assim as bases para a classificação dos comportamentos não verbais que até hoje influenciam os pesquisadores. Aqui se sobressai o ser psicológico, sendo sua principal função a demonstração dos sentimentos (KNAPP; HALL, 1999). O investigador americano Mehrabian (1974) citado por Daft (2010), fez uma estimativa da proporção verbal/não verbal do comportamento e concluiu que 55% das mensagens são transmitidas via linguagem corporal; 38% pelo tom da voz; e 7% pelas palavras. Compreende-se com isso que o corpo fala mais alto que a voz e as palavras. A expressividade do corpo se manifesta em sua totalidade. Então, saber ler a linguagem é a melhor maneira de entender a outra pessoa, perceber o que ela expressa e o que comunica além das palavras.

tal modo que os gestos não reenviam a nenhum sentido fora dos movimentos corporais: nesse aspecto, tudo está a descoberto na expressão, não há nada escondido, nem nenhum mundo oculto [...]” (p. 70-71). O autor também expõe que a dança traz em si e perante a todos a chave da inteligência do corpo. O dançarino é o espaço que o seu corpo desenrola aquele em que, eventualmente, se inscreve o signo que é o próprio corpo.

Nesse contexto, Bertazzo (1998) traz que o movimento do corpo acontece para manter e atualizar a forma, para fazer com que a matéria não se deteriore, para que ela mantenha sua integridade. Toda a forma de vida se mantém pelo contínuo exercício do movimento.

Ao observar o corpo que dança, a expressividade evidencia emoções, sentimentos e pensamentos. Assim, é compreensível dizer que o corpo possui uma linguagem própria através de gestos, movimentos e posturas adquiridos ao longo da vida.

Diante de tais aspectos expostos, penso, ser preciso refletir sobre o corpo em todas as suas esferas e manifestações e para a constituição efetiva dos relacionamentos, parece urgente a busca por valores intangíveis¹¹ (praticados com a relação/convívio – criação de vínculos) e menos tangíveis¹².

Percebo com isso que, para estabelecer a soltura (o permitir-se) expressa pela dança – na dança circular, e pelo corpo que dança – são necessárias alterações no contexto comportamental do sujeito. E assim, em equivalência, possam levar à arte do encontro, o envolvimento, as trocas relacionais e o estreitamento de laços sociais.

3.2 A ARTE DO ENCONTRO NA DANÇA CIRCULAR

¹¹ Readquirir valores, sendo visto com capacidade de expressão e movimento. Reconhecendo-se como um ser humano de razão, emoção e imaginação. Agir e reagir com sua própria opinião, sendo questionador do que lhe é apresentado.

¹² Conforme já citado anteriormente no subcapítulo 3.1 O corpo que dança, reforço que o corpo, como objeto de desejo e perfeição, já a partir do final do século XX, trazido por vários autores, foi transformado em mercadoria, em que, os comportamentos mudaram e o padrão de beleza, virou consumo pelos meios tecnológicos, deixando sua percepção somente como ‘tangível’, um produto que deve estar em evidência e ser perfeito para estar à venda. Desse modo, é possível dizer que existe uma propensão de ‘cegueira’ nos sujeitos, que, estes, esquecem que são uma unidade. Dessa forma, distraídos, nas palavras de Satir (2000), olham sem ver; ouvem sem escutar; falam coisas desprovidas de sentido; movimentam-se sem perceber e tocam sem sentir.

Toda composição perfeita consiste de compasso, ritmo e melodia. Em toda composição musical estes três elementos contrapõem-se em interação e tensão vivas e permanentes. O compasso representa a visão espiritual do todo, a clareza e a ordem. O ritmo responde pela vitalidade, pela tensão, pelo pulsar do fluxo sanguíneo. A melodia representa o lado verdadeiramente humano, seu querer da alma e seus sentimentos, em todas as suas nuances (WOSIEN, 2000, p. 14).

A dança circular, reforçando a afirmação já dita, se apresenta como algo que pulsa, traz movimento, propõe expressividade e faz refletir (a relação consigo mesmo e a relação com o 'outro'), não somente em sua execução corpórea, mas em sua vivência que estabelece contato 'com tato'. Posto isso, proponho trazer um breve resgate da composição da roda, um histórico com a origem, as manifestações dos formatos de danças circulares e os benefícios oferecidos por essa prática corporal.

3.2.1 Composição da roda

A primeira formação social e em grupo seria a roda (COSTA, 1998). Já nas culturas antigas, percebeu-se que a forma circular era o estímulo para o estar e fazer junto com o 'outro'. Assim, como já trazido no início deste trabalho, é possível dizer que o círculo, em sua arquitetura, simboliza harmoniza, a plenitude que o ser humano busca atingir. A centralidade circular põe todos frente a frente, em sintonia (COSTA, 1998). Nesta mesma linha de considerações, no círculo, há cooperação, ajuda mútua, no simples fazer a roda se movimentar, harmonicamente. Pela disposição corporal dos sujeitos, no círculo, há a conduta inclusiva, não importando diferença social, etnia de gênero ou etárias.

O círculo e a roda comparam-se a um sistema orgânico, no qual “[...] as pessoas são vistas como células, individualmente criativas [...]” (RAMOS, 1998, p. 175). Em descontração nele são somados ritmos, cantos, movimentos corporais e, até diferenças culturais, sem anular as individualidades.

As danças circulares, são polissêmicas, despertando linguagens e diferentes saberes que estendem o repertório artístico-cultural. Desta forma, a aproximação estabelecida na roda possibilita o autoconhecimento ao fazer com que cada um se perceba e perceba o 'outro'.

Nesse sentido, Camargo (2015) acrescenta que dançar juntos em roda é compartilhar bens comuns e celebrar a vida em todos os seus sentidos e dimensões. A autora também afirma que, para ser aproveitada ao máximo a experiência de dançar em roda, é preciso que os sujeitos se permitam dançar uns com os outros de mãos dadas (ou não), na roda, vivenciando a influência simbólica do círculo. E complementa, dizendo que, em meio a pessoas semelhantes e dissemelhantes, diferentes em pensamentos e ações, mas unidas na busca de aprender umas com as outras, os sujeitos trocam experiências no cotidiano da roda. Isso permite interagir e cooperar com o grupo, “[...] respeitando as diferenças de ritmos corporais, as características e estilos individuais e aprendendo a ocupar os espaços sem desprezar as fronteiras necessárias que nos garantem o direito de serem, todos, ‘humanos’[...]” (CAMARGO, 2015, p. 66). Ainda segundo a autora, a roda das danças circulares torna-se representativa de uma mandala humana.

3.2.2 Um pouco de história da dança circular

A dança circular ou dança de roda é uma riqueza cultural, das mais antigas do Ocidente. Sua origem estaria na Antiguidade, em pequenos povoados ou aldeias, mas poderia ser ainda mais antiga se vista como atrativa ao humano. Expressa-se, desse modo, como sinônimo de vida espontânea e integrante do dia a dia (WOSIEN, 2000).

A prática das danças circulares, era comum a muitas civilizações antigas, para celebrar a chegada da chuva, das estações do ano, do movimento do Sol, o agradecimento aos deuses, entre outros (COSTA, 1998). Até os primeiros séculos da era cristã estava inserida nas práticas religiosas e na vida em comunidade. Também era possível perceber, que “[...] em tempos remotos, por meio da dança, o homem identificava-se com os ritmos da natureza. Reconhecia e imitava os movimentos e as forças nela presentes [...]” (OSTETTO, 2006, p. 69).

As danças circulares expressavam uma sabedoria que, resistiu às mudanças de linguagem, localização, religião e nacionalidade por milhares de anos, e que ainda são consideradas como primeiras manifestações da criatividade coletiva (COUTO, 2008).

A partir da Idade Média, desvincula-se da Igreja e exibe outros contornos, apresentando gêneros, como o ballet. Passa a adquirir um caráter festivo, sendo representada em festejos populares e praças públicas (FARO, 2011). Atravessa a Renascença com os descobrimentos nas belas artes e, além das danças de roda, passa a exibir ritmos como polcas e mazurcas. Na Modernidade, mesmo se modificando, a roda continua representando, na experiência do dançar com o movimento, a interação entre os corpos na dança circular. Por conseguinte, a dança circular ou dança de roda, com o passar dos tempos, parece ter sido a matriz de muitas outras danças, ao apresentar relação com o contexto ritualizado em conexão com a integração humana. Rememoram povos, tradições e culturas, ritos e símbolos (WOSIEN, 2000). E no compartilhar dos gestos de mãos dadas atrelados à música, dando forma a roda, floresce a expressividade corporal.

3.2.3 Formatos da dança circular

As danças circulares recebem denominações. Adquirem o nome de Danças Circulares Sagradas a partir do interesse do alemão Bernhard Wosien¹³ por uma prática corporal diferenciada para expressar os sentimentos (RAMOS, 1998). Wosien ensinou, pela primeira vez, um grande repertório de danças folclóricas, no norte da Escócia, na década de 1970, quando fez uma visita a Comunidade de Findhorn. A Dança Circular se torna “Sagrada”, pelo fato de permitir que os participantes entrem em contato com sua essência, com seu ‘eu’. No momento deste contato, tem-se a união do corpo (matéria) com o espírito (energia). Acredita-se que, ao dar as mãos em círculo, cria-se um fluxo de energia que vai sustentar o campo que se forma com a presença das pessoas e com todos os elementos da natureza presentes no ambiente (WOSIEN, 2000). As danças possuem passos que vão dos mais simples aos mais elaborados, e podem se utilizar de músicas étnicas, clássicas e new age. Desta forma, pode-se dizer que, de 1976 em diante, este movimento se espalhou pelo mundo.

¹³ Pesquisador de danças folclóricas e étnicas, pedagogo da dança, pintor, desenhista, coreógrafo e bailarino. Sua determinação foi uma grande contribuição para o estudo e a expansão internacional das danças circulares no século XX.

A classificação Dança Circular Celta, reporta ao século XII, na Irlanda, começaram a ser apresentadas em castelos, para a realeza no século XVI (POWELL, 1965). Na tradição celta, dançava-se em rituais em honra ao Sol e ao carvalho buscando conectar-se com a sabedoria universal. Segundo Powell (1965), os celtas eram conhecidos por apreciarem a música, a poesia e a dança, com alegria e soltura em seus movimentos, recorrentes nos períodos de celebrações religiosas, em casamentos ou nas celebrações de vitórias militares.

Outro formato de dança circular apresentada é a Dança Circular Grega, trazendo, da Grécia Antiga, o costume de dançar, com as mãos dadas. As pessoas, ao fazerem oferendas e homenagearem aos deuses, dançavam em volta de árvores ou fogueiras. As Danças Circulares Gregas, muito semelhantes às Danças Circulares Sagradas, pressupõe caminho para o encontrar a si mesmo, permeando o encontrar-se com a comunidade (WOSIEN, 2000). Nessa dança, pelas amarrações circulares exprimem-se movimentação, sensações, sentimentos e emoções, podendo constituir vínculos e relações. A dança é uma das formas de expressão que melhor representam o espírito grego e também a história da Grécia, seus martírios, suas conquistas e festas, seu dia a dia, suas imensas alegrias e profundas tristezas. Os gregos antigos consideravam a dança essencial para a educação, para o culto e para o teatro. E também acreditavam que era um presente dos Deuses para o sujeito esquecer, através dela, suas dores e tristezas da vida. O filósofo Platão aconselhava que todos os cidadãos gregos aprendessem a dançar desde crianças para desenvolver o autocontrole e o desembaraço na arte da guerra. Havia as danças com armas que faziam parte da educação dos jovens de Atenas e Esparta, e as danças sociais eram realizadas em ocasiões festivas.

Nesse contexto, classificam-se as danças gregas em dois grandes grupos: o primeiro grupo – as *danças folclóricas* (têm a característica de sua região de procedência, variando desde a vestimenta utilizada até os instrumentos musicais), típicas e tradicionais, originárias das ilhas e das montanhas, são exibidas em dias festivos e de comemorações. As danças populares são: *Sirtaki*¹⁴ (a dança do Zorba), *Hasapiko*, *Zeibekiko*,

¹⁴ Sirtaki ou Hasapiko é uma dança popular de origem grega, coreografada, por Giorgos Provias para o filme de 1964, Zorba, o Grego. A dança não foi inspirada nas danças tradicionais, mas uma mistura de versões lenta e rápida da dança Hasapiko. O Sirtaki é dançado por linhas retas

Hasaposervikos, Tsifteteli. A mais conhecida, *Sirtaki*, dança consagrada através do filme 'Zorba, o Grego', tornou-se de interesse de todo um público, até os dias de hoje. O segundo grupo – as *danças boêmias*, originárias das prisões, das épocas de guerra e dos portos, especialmente o de *Pireus*; as mais modernas, como o *Tsiftetéli*, são exibidas nas boates de Atenas.

As danças circulares ganham ainda, denominações como *dança dos povos* (muitas com origem no folclore de cada país, outras tradicionais de comemorações, colheitas, retratadas em manifestações populares e inicialmente em âmbito familiar); *danças meditativas* (através do movimento repetido, pode-se entrar em estado de meditação, os ritmos musicais mais usados são de músicas clássicas, tradicionais e new age); *danças de natureza e de plantas curativas* (coreografias que reverenciam a natureza e outras que vibram a energia das plantas curativas); *danças contemporâneas* (coreografadas por dançarinos da atualidade, algumas para músicas tradicionais, outras para músicas contemporâneas, com base nos passos e nos movimentos de cada tradição, tais como as danças alemãs, italianas, portuguesas tradicionais coreografadas para shows e festas típicas) (RAMOS, 1998). Dessa forma, contam histórias e trazem significados variados de acordo com suas origens. Também é possível perceber que existem danças de variados povos, como as tradições culturais dos ciganos, a alegria e os passos saltitantes dos gregos, os rituais religiosos dos povos indianos, as manifestações indígenas, africanas, israelitas, brasileiras e celtas (OSTETTO, 2006).

Como exemplificações de dança circular no contexto histórico, trago duas referências significativas, por acreditar que pontuam, na relação com a dança, o reconhecimento e sua importância na história. A obra "A Dança" do pintor e escultor francês Jean-Baptiste Carpeaux (1827-1875) que, originalmente disponibilizou em gesso evidenciando mulheres em movimento circular retratando assim a dança e suas vertentes. E também uma pintura "A Dança" do francês Henry Matisse, de 1910, que reproduz um grupo de pessoas brincando de roda.

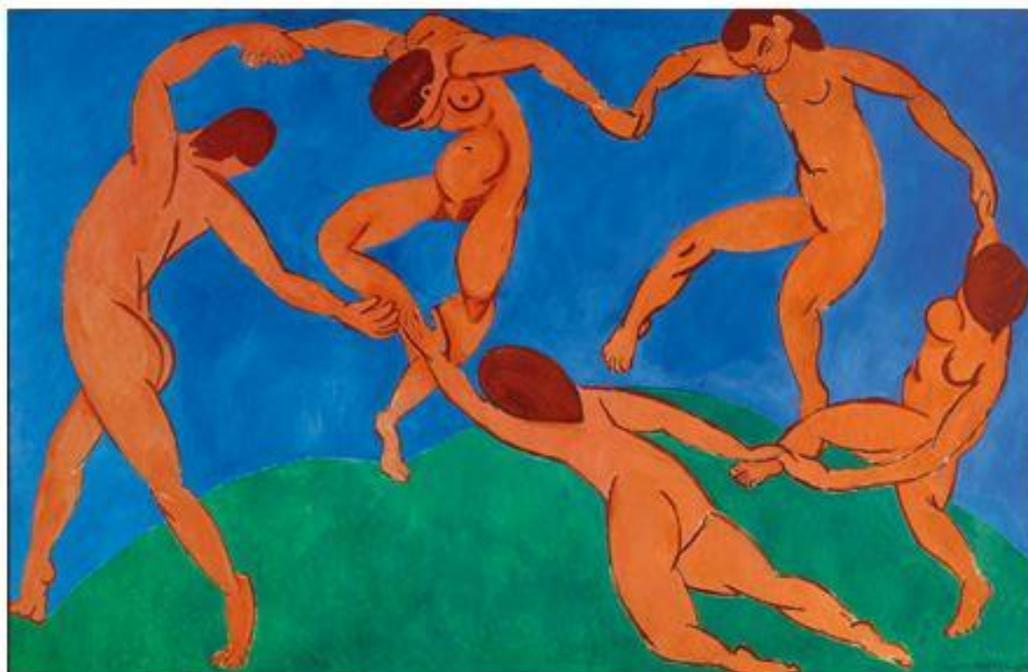
ou ciclos dos bailarinos, de mãos dadas com os ombros adjacente. A dança começa mais lenta, com movimentos suaves que gradualmente se tornam mais rápido, alegre e muitas vezes incluindo pequenos saltos.

Figura 4: “A Dança”, Jean-Baptiste Carpeaux (1827-1875)



Fonte: EFDeportes (www.efdeportes.com)

Figura 5: “A Dança”, Henri Matisse (1910)



Fonte: Site EFDeportes (www.efdeportes.com)

3.2.3.1 Formatos escolhidos para a prática da dança

Apresento no Quadro 1 – Comparativo das três danças circulares, uma síntese das principais ideias de cada uma das três danças circulares que foram escolhidas por mim, com o objetivo de serem o escopo, deste estudo, nas ações investigativas.

Quadro 1 – Comparativo das três danças circulares

Dança Circular Sagrada	Dança Circular Celta	Dança Circular Grega
Surge o olhar e a busca por expressar os sentimentos. Permite que os participantes entrem em contato com sua essência, com seu 'eu'. (Século XX – 1976)	Laços de proximidade. Simplicidade na vida cotidiana. Alegria e soltura em seus movimentos. Celebrações por diversos motivos. (Século XVI – 1501)	Encontrar-se a si mesmo, permeando o encontrar-se com a comunidade. Utilizada para o sujeito esquecer, através dela, suas dores e tristezas da vida. (Século XX – 1964)

Fonte: Elaboração do autor

3.2.4 Benefícios da dança circular

As danças circulares possibilitam estimular a concentração, aliviar o estresse, ativar a memória e ainda ajudar nos sintomas da depressão entre outros benefícios que atuam na prática de bem-estar e desenvolvimento pessoal (WOSIEN, 2000). Assim, a constituição e desenvolvimento da roda fazem bem: ao corpo (movimento é saúde, energia), às emoções (ao estar em círculo tem-se o apoio – dar e receber), à mente (revigora), ao espírito (proporciona leveza), ensina a cidadania (entendimento do espaço – de si e do ‘outro’), é lúdica, terapêutica e uma forma de meditação, ao mesmo tempo (provocando soltura e ganhando confiança).

Dessa maneira, segundo Jayme e Fausto (2011) *apud* Reis et. al (2017), a dança circular pode trazer como benefícios:

- Equilibrar os corpos físico, emocional, mental e espiritual;
- Ampliar a percepção, a concentração e a atenção;
- Promover a inclusão, o respeito, a integração, a cooperação, a identificação e a empatia com os outros;
- Trabalhar a consciência corporal, a referência espacial, a musicalidade e o ritmo;
- Fortalecer a autoestima e o reconhecimento da importância de seu papel no grupo;
- Despertar a alegria e a paz interior de cada pessoa;
- Proporcionar o trabalho em grupo sem que as pessoas percam sua individualidade, incentivar o sujeito a expressar o que ele tem de melhor;
- Desenvolver o apoio mútuo;
- Favorecer o autoconhecimento, a expressividade individual e coletiva, as habilidades interativas e a auto cura;
- Combater o *stress* e a depressão dissolvendo tensões.

CAPÍTULO 4

Figura 6: Grupo de folclore Croácia (Folk Dance)



Fonte: Pinterest (<https://br.pinterest.com/>)

Quando danças, queria que fosses como a onda do mar,
para que nunca fizesse outra coisa.

(William Shakespeare)

4 EM BUSCA DE HOSPITALIDADE

Somos seres humanos que constroem histórias, que se alimentam, leem livros, aprendem, têm ideias, sentimentos, ouvem músicas, viajam, descansam, respiram, dançam. Ao dançar, pressupõe-se que se interaja uns com os outros. As relações, por conseguinte, são fortemente produzidas pelas trocas estabelecidas entre os sujeitos. Assim, é que o fenômeno da hospitalidade se estabelece.

A hospitalidade era praticada como meio de receber estranhos, sendo, um grande número de ordens religiosas, “[...] desde os primeiros beneditinos e cistercienses da Igreja Católica, na Idade Média, que forneciam alojamento, alimentação e proteção, através dos conventos, abadias e confrarias de apoio e dos mosteiros [...]” (WALKER, 2002 *apud* ERIG; NASCIMENTO, 2016, p.134).

Falar de hospitalidade é entender a fruição que habita na ligação com o lugar e na relação com o ‘outro’, implicando a relação humana. Por lugar de hospitalidade, segundo Baptista (2008), pode-se entender aquele que é aberto ao outro, que possibilita o sentir-se à vontade, o ter pertencimento e o bem-estar ao estar no ambiente. Desta forma, é possível dizer, que o espaço se transforma em lugar, num movimento consciente de humanização uns com os outros. Isso pode fazer com que os sujeitos, tenham reações de comportamento favoráveis ao encontro, tornando possível a construção das relações de convivência, como observado neste estudo, por meio da dança. Assim, a dança, como dispositivo de entrelaçar relações, é trazida como possibilidade de oferecer sinalizadores para a hospitalidade.

Por relações, segundo Chanlat e Torres (1993), entendem-se as trocas estabelecidas pela convivência. As relações são baseadas em comportamentos aplicados (que podem causar a aproximação ou o distanciamento). Logo, é possível compreender que o comportamento é algo situacional, que pode mudar de acordo com o momento, o ambiente e a situação. Permeando essa afirmação, o corpo do sujeito adquire vivências e experiências, quando se relaciona e constrói a sua estrutura nas experimentações.

Boff (2005) assinala que há que se entender o conceito de convivência “[...] não como uma definição fechada, mas como uma visão com contornos

claros, visão que significa o resultado final de processos de aproximação e de conhecimento do outro e do diferente [...]” (p. 27). Ele complementa, dizendo que, antes de tudo, o outro representa sempre um desafio, seja pela estranheza que provoca, seja pelo fato de não ser alguém do nosso mundo, um desafio de compreensão e deciframento. Assim, ao trazer a dança circular como pressuposto para ampliar a convivência e tentar, por meio dela, buscar a expressão de vínculos de acolhimento e amorosidade, as relações necessitam ser revisitadas. E esse novo olhar suscita que o ‘eu’ possa ser (re)descoberto na busca de entender o ‘outro’. Dessa forma, pode-se dizer que as pessoas esquecem de se ver no ‘outro’ e que este outro é apenas um fragmento do ‘eu’ (o interior de si). Godbout (1999) constata que as pessoas recebem mais do que dão, fator que tem gerado o declínio das relações, da convivência em grupo, o esvair-se dos vínculos, em que a expressividade ‘eu’ e o ‘outro’ se perde constantemente. Com isso, estudar e integrar a hospitalidade no cotidiano dos sujeitos, torna-se fundamental, para buscar constituir laços entre as pessoas.

Essas constatações vão ao encontro do que Camargo (2015) defende, ao trazer que a hospitalidade, imprescindivelmente, passa pela intimidade do calor humano e pode ser compreendida como uma relação em que se estabelece uma troca (entre receber e ser recebido), “[...] cujo desenrolar pode redundar em apaziguamentos, sentimentos que vão desde a amizade, amor, calor humano (expressão de virtude) até algum nível de conflito, de agressividade, de hostilidade [...]” (p. 47). O autor, a esse respeito, contribui, dizendo que o ambiente social, nos dias de hoje, se torna cada vez mais inóspito, quando não hostil, pelo fato de a convivência estar rodeada de superficialidade relacional.

Complementando as considerações, Baptista (2002, p. 25) *apud* Bisol e Valentini (2014), explicitam que, “[...] a hospitalidade nos remete a uma distância e ao mesmo tempo a uma proximidade, essenciais para a experiência de aprendizagem humana [...]”. É interessante também que a hospitalidade constitui um primeiro movimento em direção ao compromisso em favor ao outro. Trata-se de um movimento enquanto atitude de não indiferença à diferença que nos separa e, ao mesmo tempo, que nos convida à aproximação.

Diante de tais afirmações, pode-se dizer que o ser humano passa a maior parte de sua vida convivendo em grupos – família, amigos, trabalho –, sempre compartilhando o cotidiano com outras pessoas. Então, é possível inferir

que a dança, na perspectiva de um elemento de convivência e proximidade, para enriquecer o sujeito e colocá-lo frente ao 'outro', ao desconhecido, pode provocar a reflexão sobre o cotidiano, as relações e até sua própria cultura. Dessa forma, ao apresentar a dança circular num contexto de hospitalidade, em que o sujeito se movimenta, comunica, interage e pressupõe relações, faz-se imprescindível perceber nas pessoas e em suas ações e reações, as múltiplas linguagens utilizadas para o estabelecimento do contato (linguagens verbais e não verbais). Da mesma maneira, devem-se construir, desconstruir e reconstruir observações que, poderão agregar conhecimento de 'si' e um novo olhar para o 'outro', o desconhecido, na hospitalidade. Para tanto, é preciso dar, retribuir e trocar afetos, para alimentar a cadeia relacional de vínculos sociais que ampliará a circulação de hospitalidade e os laços entre as pessoas.

A hospitalidade se expressa quando movimentos caracterizados por algum nível de troca marcam o encontro, instaurando uma dinâmica na qual o sujeito que primariamente acolhe¹⁵ recebe, dentro de si, conteúdos que envolvem desejos, ideias, afetos do outro, os interpreta, traduz e os devolve tonalizados com os elementos de seu discurso, por meio de expressões verbais, gestuais, ou de comportamentos (PERAZZOLO; FERREIRA; SANTOS; ZERGER, 2016, p. 542).

À vista disso, pode-se dizer que, ao dançar, o sujeito abstrai a materialização do pensamento/sentimento, numa mistura de vivências e percepções adquiridas. E também, que o corpo desse sujeito adquire formas e formatos novos a cada instante, podendo alterar a hospitalidade, mudar a forma de ver, tornando diferentes as expressões na interação e nas relações. Isto posto, é prudente dizer que a reflexão e o fortalecimento dos vínculos nas relações, por meio das danças circulares, podem ser caminhos indispensáveis para que os sujeitos se sintam mais livres para viver o cotidiano, trazendo uma maneira de mudar o caminho até antes percorrido, no que tange ao convívio entre as pessoas.

¹⁵ As expressões "primariamente acolhedor" e "primariamente acolhido" designam "aquele que recebe e aquele que chega, respectivamente, tendo em conta que o termo primariamente explicita o fato de que, num segundo momento, ambos assumem as posições de acolhedores e acolhidos" (PERAZZOLO et al., 2014, p. 68, In: PERAZZOLO; FERREIRA; SANTOS; ZERGER, 2016).

A hospitalidade aproxima pessoas. A proximidade altera comportamentos. Os comportamentos modificam interações. Ao interagir, o sujeito comunica. O ato de comunicar gera uma expressividade que, quando pensada por meio da dança circular, em que há uma soltura, um permitir-se, revela, no movimento e na interação, a hospitalidade como componente humanizador para estabelecer relações. Assim, o próprio movimento se constitui como potência de acolhimento e hospitalidade.

A comunicação e as relações referem-se a um processo contínuo, no qual as pessoas criam em conjunto uma realidade social única: a sua relação. Então, as relações emergem a partir dos padrões de interação que ocorrem entre os interagentes (ADLER; TOWNE, 2002). A respeito da comunicação, Baptista (2014, p. 14), pontua que “[...] não há comunicação, sem que o sujeito invista a si mesmo na disposição de compreender o lugar do outro, o campo de produção de universos significacionais [...]” (SANTOS; BAPTISTA I., 2014 *apud* Baptista M., 2014). A autora trata de compreender a comunicação para entregar-se nos fluxos informacionais que se movimentam em direção ao ‘outro’ e na entrega com efetiva disposição para o encontro.

Também, a interpretação humana se dá e se concretiza em um movimento contínuo entre percepção subjetiva da realidade e interpretação, levando as pessoas a conduzirem as relações sociais das quais participam, para a construção de significados comuns. Assim, intermediados pela linguagem (corporal, gestual, verbal e não verbal) e pela comunicação, os sujeitos perpetuam e desenvolvem suas vivências e suas práticas, formando uma ligação estreita entre comunicar e relacionar-se (KNAPP; HALL, 1999).

A hospitalidade, como forma de comunicação pela dança, é capaz de influenciar as relações, devido ao corpo que dança ser o gerador de comunicação a todo instante. É também perceptível que, esse corpo, através da linguagem verbal e não verbal, exprime pensamentos e sentimentos. Pode-se dizer que comunicar é um desafio complexo e fascinante, que interfere significativamente na vida das pessoas. O corpo do sujeito que dança recebe informações, conhecimento, aprende e apreende, reflete e percebe. Propicia a participação corporal desse sujeito nas situações de movimentar-se (vivenciar), perceber (refletir) e criar (transformar) possibilidades, mudando a respiração, a postura, a maneira de agir e de se portar no convívio social.

Através das observações informais, citadas na introdução deste estudo, bem como do referencial teórico buscado e da prática dos sujeitos em seu cotidiano, se faz necessário, reconhecer a existência de laços frágeis que são constituídos no convívio dos grupos e que precisam ser reconstruídos para fortalecer a hospitalidade e o acolhimento. Isso poderá trazer a transformação espontânea na história do conviver, ao utilizar-se da dança circular que tem como traço inerente o toque. Relações necessitam de envolvimento. Envolvimento pede conhecimento (de 'si' e do 'outro'). Nessa teia, as amarrações ficam por conta da expressão de vínculos de acolhimento e amorosidade, podendo ser descobertos em cada pessoa.

4.1 PROCURANDO ACOLHIMENTO

O acolhimento traz consigo o reconhecimento do 'outro' na convivência, mudando a forma de se relacionar. Acolher é se envolver, trocar e entrelaçar. Santos e Baptista (2014) ao discorrerem sobre hospitalidade e acolhimento, como fenômenos relacionais, concebem que ambos compartilham e convergem. Corroboram, dizendo que, para que uma relação se estabeleça, “[...] é necessário que, pelo menos, dois sujeitos (ou grupos) estabeleçam uma interlocução da qual se origine um espaço ‘entre’ um e outro: o espaço do acolhimento, um espaço externo ao ‘eu’ e compartilhado por ambos [...]” (PERAZZOLO; PEREIRA; SANTOS, 2013, p. 3). Acrescentam ainda, que a competência para o acolhimento pressupõe disposição para sair de si, criar e transitar por uma área que também é do outro, pressupõe acolher e ser acolhido.

Complementando esse ponto de vista, Santos e Baptista (2014) citam Camargo (2004), Boff (2005) e Avena (2006), entendendo que a definição de acolhimento, com ênfase na relação, se constitui para além do fato social. Consideram dimensões do cuidado e pressupõem o reconhecimento do acolhido, este concebido como origem para a definição das ações de hospitalidade. As autoras ainda pontuam, que o acolhimento é um fenômeno que se instala no espaço constituído entre dois sujeitos que desejam acolher e ser acolhidos. Afirmam também que,

[...] a relação entre ambos opera por meio da percepção mútua, em que os elementos do discurso, 'matizados' pelos desejos de um e outro sujeito, são acolhidos, traduzidos, compreendidos e transformados em nova comunicação dirigida ao emissor, em cujo conteúdo se encontram novos significados, com potencialidade perlocutória, para a continuidade do ciclo interativo, para a geração de novos saberes [...] (PERAZZOLO; PEREIRA; SANTOS, 2013 *apud* SANTOS; BAPTISTA, 2014, p. 52).

Essas constatações vêm ao encontro da dança circular, que pressupõe a relação 'eu' e o 'outro', por meio do círculo e do auxílio mútuo entre os sujeitos. Na roda, segundo Camargo (2015), todos são bem-vindos, não importando a idade, a estética corporal, a classe social, a situação econômica, a posição política e a atividade profissional de cada pessoa. O aspecto espacial do círculo se define na medida em que “[...] tudo dentro do círculo é uma coisa só, circundada e ‘limitada’, enquanto o aspecto temporal diz respeito ao fato de que ‘você parte, vai a algum lugar e sempre retorna [...]’” (COSTA, 2015, p. 83 *apud* CAMARGO, 2015).

A dança circular, além de suas definições, é uma experiência corporal e uma energia depositada de quem dança, alterando as relações. Ao dançar e traduzir em movimentos a expressividade, o sujeito que dança, trabalha o corpo em seus aspectos mais relevantes. Proporciona, desta forma, aos participantes, uma tomada de consciência de suas diferentes capacidades, favorecendo as trocas objetivas e subjetivas nas quais se está imerso. Isso permite a conexão de uns com os outros, em situações relacionais, em que o papel do ser humano passa a ser compreendido em suas dimensões: biológica, social, cultural, política, econômica, religiosa.

Nesse aspecto, Perazzolo, Santos e Ferreira (2016), trazem o pensamento de Levinas (2015), que apresenta reflexões organizadas em torno da ideia de acolhimento irrestrito do outro. Levinas (2015), “[...] entende que, por princípio, sem uma disposição irrestrita de acolhimento, o outro não poderá me constituir [...]” (PERAZZOLO; SANTOS; PEREIRA, 2016, p. 3). Isso significa, segundo o autor, “[...] uma concepção de outro integralmente outro, um outro absoluto, diferente do eu, a ser olhado e a quem devemos acolher sem perguntar o nome [...]” (Ibid., p. 3). O que leva a entender o acolhimento como uma atitude de disponibilidade interna para o encontro com o 'outro' que propicia e promove

diálogo e compreensão mútua nos relacionamentos, aceitando e sendo aceito, sem restrições.

Ricoeur (1991) afirma que, quando o ser humano se dispõe a acolher, está disposto a abrir o espaço pessoal sem gerir desconfianças, despir-se dos pré-julgamentos e sem se importar quem é a outra pessoa, se amigo, parente, vizinho, colega de trabalho, o visitante ou até mesmo o desconhecido. Para Baptista (2008), “[...] acolher alguém de forma hospitaleira significa abrir o espaço próprio sem reservas ou desconfianças. Esta atitude receptiva e confiante corresponde a um passo decisivo na direção de outrem [...]” (p. 8).

Baptista (2005) expõe que, aprender e apreender com o outro ser humano é deixar a leveza perpassar o corpo, o que é possível por intermédio dos laços de proximidade estabelecidos entre as pessoas. Nas palavras de Baptista, a noção de proximidade se refere a uma não-posição, a um não-lugar. Ou seja, o lugar por excelência da hospitalidade não é o dentro ou o fora, mas o limiar, a zona de trânsito. A autora expõe esse contexto, num sentido físico ou geométrico, em que a proximidade relacional designa o intervalo que separa dois pontos ou setores do espaço, pondo em causa a sua contiguidade. Tomada em sentido eminentemente antropológico e ético, a proximidade funciona como uma relação de contiguidade, referindo-se à dinâmica interpessoal, à experiência de contato, de sensibilidade e de vizinhança entre seres humanos. E ainda afirma que, “[...] proximidade significa movimento e inquietude – esforço contínuo de aproximação do outro [...]” (BAPTISTA, 2005, p. 18).

Pensar na metáfora *laços sociais*, e nela buscar suas tonalizações de positividade, de imediato remete-nos à ideia de amarras cuja tessitura se faz em relações genuínas de acolhimento em que os sujeitos se reconhecem, interagem e se “hospedam” mutuamente, se transformam alternadamente no outro, direcionam o olhar para o olhar do outro (SANTOS, 2014, p. 13).

Para Baptista (2005b), a única forma de entrar em contato, de aprender com o segredo pessoal de outro ser humano, será por intermédio da promoção de laços de proximidade. Uma proximidade de caráter dialogal, intraduzível numa categorização de tipo espacial ou temporal. Pontua a autora em seus estudos, que a verdadeira distância a separar subjetividades diferentes, mas não

indiferentes, nunca será totalmente suprimida ou percorrida. Por essa razão, ressalta que somos chamados a um esforço de permanente aproximação do outro que, afinal, constitui a grande característica da condição humana.

A dança circular além de suas definições, pode-se dizer que é um dispositivo para fortalecer as relações, em que a troca relacional pressupõe transformações, é possível dizer que, “[...] somos sempre um outro para o outro. E por isso é que a relação entre seres humanos é tão significativa, constituindo a experiência de alteridade por excelência [...]” (BAPTISTA, 2008, p. 9).

Assim, para que uma mudança interior aconteça e provoque no sujeito que dança uma alteração nas suas relações e se constitua o propósito da dança circular como expressão de vínculos de acolhimento e amorosidade, se faz necessário refletir sobre o equilíbrio das relações e seu estreitamento. Esse equilíbrio passa pelo desenvolvimento do acolhimento. O acolhimento deverá se fazer presente como competência prática entrelaçada à relação, fomentada em todos os âmbitos da vida humana e também dos espaços ocupados pelos sujeitos. Consiste, desse modo, numa proximidade pessoal, que pode mudar a condição dos laços sociais, da hospitalidade, enfim, das relações como um todo. Os sujeitos que dançam, ao se sentirem acolhidos, tornam-se ainda mais dançantes, o que potencializa o acolhimento. Isso possibilita o estabelecimento de dinâmicas que possam mergulhar na potencialização do conhecer, trazendo, na bagagem do conhecer (de si e do outro), estímulo ao diálogo e a processos reflexivos, bem como humanização, afetividade e prática voltada à afirmação dos sujeitos.

4.2 SENTINDO AMOROSIDADE

A amorosidade, pode-se dizer, é uma qualidade que garante amor e acolhimento, para tornar as relações mais fraternas e éticas. Assim, a amorosidade é libertária. Ela é uma atitude que começa na mente e acaba se instalando no coração, como um jeito novo de ser, e só acontece em quem é capaz de amar¹⁶, em sentido pleno. Para isso, é necessário, viver o amor em si.

¹⁶ Baptista (2014, p. 104) sobre o amor em sua plenitude: “Isso ocorre com o acionamento desejante e especular, e se qualifica com amorosidade plena, que é geradora de confiança. Afirmo, nesse sentido, que o amor, a condição amorosa, aumenta a potência do acontecimento

Deixar despertar, em seu interior, a plenitude do amor. Sem rótulos. Sem pré-conceitos. Sem distinções. A ação da amorosidade também permite que se aproximem as pessoas do conjunto de virtudes, pois, nela, estão incluídos o cuidado, o respeito, a confiança.

Neste contexto, reforço o que já dito, que a dança circular se apresenta como algo que pulsa no interior de cada sujeito, que traz movimento ao corpo que dança e propõe expressividade, se explicita não somente em sua execução corpórea, mas em sua vivência que estabelece contato com tato. Desse modo, o dançar traz uma amarração consistente no que se refere à hospitalidade, ao acolhimento e à amorosidade. Essa prática convida os sujeitos a experimentarem os efeitos produzidos pela dança, com a convivência e a expressão dos sentimentos e das emoções.

Maturana (1998) pontua que “[...] as emoções não são algo que obscurece o entendimento, não são restrições da razão: as emoções são dinâmicas corporais que especificam os domínios de ação em que nos movemos [...]” (MATURANA, 1998, p. 92). O autor expõe que “[...] uma mudança emocional implica uma mudança de domínio de ação. Nada nos ocorre, nada fazemos que não esteja definido como uma ação de um certo tipo por uma emoção que a torna possível [...]” (Ibid., p. 92). Ao discorrer sobre as emoções, Maturana (1998) afirma que “[...] o viver humano se dá num contínuo entrelaçamento de emoções e linguagem como um fluir de coordenações consensuais de ações e emoções [...]” (Ibid., p. 92). O autor chama este entrelaçamento de emoção¹⁷ e linguagem de conversar. E faz refletir sobre a rede de conversações que se entrecruzam em sua realização, trazendo a individualidade corporal. Neste sentido, pronuncia-se, afirmando que, para entender as ações humanas, não é possível observar somente o movimento ou o ato como uma operação particular, mas a

comunicacional. Nas condições de reconhecimento do outro como legítimo outro na convivência, tende-se a construir cumplicidades nos processos de significação que, na sua lógica de acolhimento mútuo – não necessariamente aceitação ou concordância –, possibilitam maior entendimento e realmente afetivação mútua e transformação dos sujeitos envolvidos”.

¹⁷ O acolhimento das emoções tem repercussões ainda mais profundas. Envolve a competência humana para perceber, ou intuir, o estado emocional do outro, compreender empaticamente seu significado e constitui-se num continente que oferece apoio, significação, ou apenas o compartilhamento silencioso da experiência. Na essência, diz-se que o êxito da experiência [...] está na forma como as relações foram conduzidas de modo a potencializar o prazer estético, as aprendizagens, através da emergência de emoções positivas. A hospitalidade aí se constitui como um meio de aceder o coração da experiência (PERAZZOLO; SANTOS; PEREIRA; FERREIRA, 2013, p. 161).

emoção que o possibilita. Revela ainda que “[...] um choque entre duas pessoas será vivido como agressão ou acidente, dependendo da emoção na qual se encontram os participantes [...]” (MATURANA, 1998, p. 92). Assim, pontua, que não é o encontro que define o que ocorre, mas a emoção que o constitui como um ato.

Ao apresentar este pensamento trazido por Maturana (1998) é possível perceber que as emoções fazem parte do cotidiano dos sujeitos. Igualmente, considera-se que a dança circular produz e se alimenta da amorosidade. A dança traz consigo o tato, o contato com o toque das mãos, que possibilita a sensação de odor e temperatura, as tensões nervosas, bem como revela sentimentos no reconhecimento do outro, na aproximação. Neste contexto, a percepção tátil se abre para o descortinar-se perante o ‘outro’. Ao tocar e ser tocado, na dança circular, há a inserção da permissão de envolvimento, fluidez necessária para a constituição das emoções, do acolhimento e da amorosidade que por sua vez, terá resultados diferenciados na comunicação, no expressar-se. Dessa maneira, o autor faz refletir que, a expressão da linguagem se desenvolve no contexto da troca relacional, dizendo que é preciso ter uma aceitação mútua em relação ao outro na convivência, para obter a coordenação de ações e poder deixar a mensagem fluir. Cada pessoa constrói códigos de convivência dentro do grupo a que pertence, para expressar emoções e extrapolar a dualidade racional/sensível e reforçar vínculos (SIQUEIRA, 2015).

Corroborando com essas afirmações, Baptista (2014), diz que, nas condições de reconhecimento do outro como legítimo outro na convivência, “[...] tende-se a construir cumplicidades nos processos de significação que, na sua lógica de acolhimento mútuo – não necessariamente aceitação ou concordância –, possibilitam maior entendimento e realmente afetivação mútua [...]” (p. 35). Para a autora, a amorosidade, “[...] é a intensidade abstrata que nos possibilita compor substratos existenciais consistentes, o que cria condições para a pulsação e o acionamento de movimentações desejantes em todas as nossas produções [...]” (Ibid., p. 35). Tal “[...] acionamento, no sentido pleno, direciona as produções para relações éticas e de aceitação mútua, no encontro das diferenças [...]” (SANTOS; BAPTISTA, 2014, p. 35). Fica evidente, que o laço social que se estabelece com a hospitalidade não tem como existir sem a marca da amorosidade:

[...] Maturana (1998) define o amor, argumentando a relação direta com o surgimento da linguagem, o que, por sua vez, se estabelece na convivência. O amor é a emoção central na história evolutiva humana desde o início, e toda ela se dá como uma história em que a conservação de um modo de vida no qual o amor, a aceitação do outro como um legítimo outro na convivência, é uma condição necessária para o desenvolvimento físico, comportamental, psíquico, social e espiritual normal da criança, assim como para a conservação da saúde física, comportamental, psíquica, social e espiritual do adulto [...] (BAPTISTA, 2014, p. 39).

Maturana (1998) ainda afirma que o amor é o fundamento do social, mas que nem toda convivência é social. Assim, “[...] o amor é a emoção que constitui o domínio de condutas em que se dá a operacionalidade da aceitação do outro como legítimo outro na convivência, e é esse modo de convivência que conotamos quando falamos do social [...]” (Ibid., p. 23). O autor afirma que o amor é a emoção que funda o social. E ressalta que, “[...] sem a aceitação do outro na convivência, não há fenômeno social [...]” (Ibid., p. 24). Mas “[...] só são sociais as relações que se fundam na aceitação do outro como um legítimo outro na convivência, e que tal aceitação é o que constitui uma conduta de respeito [...]” (p. 24). Maturana sustenta que “[...] sem uma história de interações suficientemente recorrentes, envolventes e amplas, em que haja aceitação mútua num espaço aberto às coordenações de ações, não podemos esperar que surja a linguagem [...]” (Ibid., p. 24). Acrescenta que a linguagem como fenômeno, acontece no espaço das relações. E descreve que, “[...] se minha estrutura muda, muda meu modo de estar na relação com os demais e, portanto, muda meu linguajar. Se muda meu linguajar, muda o espaço do linguajeio no qual estou, e mudam as interações das quais participo [...]” (Ibid., p. 27-28).

Trazemos histórias e vivências. Nelas, somos inseridos no meio em que vivemos. Por conseguinte, o meio muda, assim como o sujeito. E em se tratando de contemporaneidade, a pressa, os compromissos, a agilidade com que as ferramentas são disponibilizadas, pressupõem a competição e fazem com que, as pessoas olhem menos, preocupem-se menos, entendam menos o ‘outro’. Isso faz refletir o que elucida Maturana (1998), ao dizer que, “[...] os seres vivos não humanos não competem, fluem entre si e com outros em congruência recíproca,

ao conservar sua *autopoiese* e sua correspondência com um meio que inclui a presença de outros, ao invés de negá-los [...]” (p. 21).

Através da dança circular pode-se dizer que é possível mudar direções, despertar novas linguagens com diferentes saberes e possibilitar ampliar o conhecimento de ‘si’, fazendo com que cada um se perceba, perceba o ‘outro’. Assim, com a aproximação estabelecida, com o envolvimento, poderá ser possível mudar e alterar comportamentos vivenciados, efetivados com as trocas relacionais, proporcionadas no dançar e no toque entre os sujeitos. Nessa conjuntura, entender a amorosidade é entender como lidar com o amor, para promover uma nova consciência à emoção, também, à relação. Desse modo, a dança circular, nas palavras de Wosien (2000), traz em sua livre manifestação de sentimentos, que o movimento e a calma, a expansão e a retração se movimentam da mesma forma. Assim, com a pessoa que dança, tem-se a possibilidade de apropriar-se de ‘si’ e do ‘outro’. Complementa o autor que a respiração, o equilíbrio e a tensão, são fatores que, fazem parte da dinâmica de tocar e ser tocado por meio do dançar. Isto posto, exprime-se a importância da amorosidade para provocar, no sujeito, a fluidez necessária para estabelecer a troca relacional e a transformação, exteriorizada pelo toque. Isso ocorre porque a amorosidade, como ética de relação, como afirma Maria Luiza Cardinale Baptista (informação verbal)¹⁸, corresponde necessariamente ao estabelecimento de confiança amorosa.

¹⁸ Declaração pessoal em outubro de 2017 (Caxias do Sul/RS), na orientação do mestrado.

CAPÍTULO 5

Figura 7: Folclore, Edimburgo e dançarinos (Folklore, Edinburgh och Dansörer)



Fonte: Pinterest (<https://br.pinterest.com/>)

**Façamos da interrupção um caminho novo.
Da queda um passo de dança, do medo uma escada,
do sonho uma ponte, da procura um encontro!
(Fernando Sabino)**

5 A RODA EM AÇÃO

A escolha do tema abordado para a realização da pesquisa de dissertação, teve como influência, as atuações por meio da arte e da dança ao longo da construção da minha trajetória. Sempre me encantou o mundo da criação. Lembro-me que na infância inventava jogos e atividades para outras crianças da família, vizinhos e pessoas próximas. Essa vontade de experimentar coisas novas e perceber a reação dos públicos, foi se tornando uma constante. Passou pela adolescência, quando me vi em grupo escolar de teatro, desafiando ideias e construindo personagens para os outros. Assim como, na idade adulta, já com uma bagagem profissional construída, sempre instigado pela qualidade das relações, fui buscar conhecimentos diferentes para agregar às possibilidades de desenvolvimento prático. E não me canso de estar sempre aprendendo e apreendendo técnicas, atividades, exercícios, pois, a essência de quem acredita no que faz, está na determinação de ir atrás e realizar.

Desta forma, buscando responder a tais inquietações, fundamentaram-se as ações investigativas com o desenvolvimento da dança circular. Para compor o objeto de estudo de campo, deste trabalho, foi escolhido, em concordância com minha orientadora Maria Luiza Cardinale Baptista, o Sesc-RS. Ali foram aplicadas cinco ações, distribuídas em cinco cidades do Rio Grande do Sul, no período compreendido entre julho e agosto de 2017. Dentre as cidades estão: Nova Roma do Sul, Caxias do Sul, Bento Gonçalves, Vacaria e Farroupilha.

Trarei a partir de agora, em formato de linha do tempo, para situar o leitor, uma pequena descrição da história do Sesc (Serviço Social do Comércio), pontuando os mais significativos acontecimentos ao longo de sua trajetória.

O começo da história acontece na década de 1940. O Sesc nasce em um período de transição, mais precisamente tem sua fundação em 13 de setembro de 1946. No site do Sesc, essa transição aponta relatos em que,

[...] após a vitória dos aliados na 2ª Guerra Mundial e a queda do Estado Novo de Getúlio Vargas, em 1945, os empresários brasileiros participam da democratização do país. Desenvolvia-se a industrialização e a urbanização, multiplicavam-se os

movimentos sindicais pela garantia dos direitos trabalhistas. A nova constituição conferia o direito de voto a todos os brasileiros e brasileiras maiores de 18 anos (SESC, 2017).

Um mês depois de sua criação, surgiu no Rio de Janeiro, a primeira unidade do Sesc, no bairro Engenho de Dentro. Tinha como focos a assistência à maternidade, e, à infância e o combate à tuberculose, com o intuito diminuir os índices de mortalidade, pela doença. Ainda no mesmo ano, o Sesc apresenta a sua marca, representando o foco de seu trabalho.

Figura 8: Marca do Sesc em 1946



Fonte: Sesc (www.sesc.com.br)

Nos anos seguintes, entre 1947 e 1949, o Sesc introduziu em vários estados brasileiros, as primeiras unidades executivas que se tornaram, ao longo dos anos, Departamentos Regionais. E ainda, o Sesc inaugurou suas primeiras colônias de férias.

E em 1951, o Sesc abriu-se para a sociedade. Dados ressaltam que, “[...] o cenário político e social da década fez com que o Sesc ampliasse sua atuação. Têm início as primeiras atividades culturais e a modernização do serviço social. Com infraestrutura baseada na educação, cultura, recreação e saúde [...]” (SESC, 2017). Nesse mesmo período, são abertos os primeiros centros de atividade do Sesc. Ainda em 1951, uma nova marca representa a ação do Sesc, na área de Saúde.

Figura 9: 1951, nova marca Sesc, representa ação na área de Saúde



Fonte: Sesc (www.sesc.com.br)

Entre 1952 e 1957, o Sesc se modernizou e teve ampliação. “Nesta década foi construída uma rede de Centros de Atividades destinadas a educação, cultura, lazer e assistência. Foram também criados restaurantes, bibliotecas fixas e móveis (uma novidade na época)” (SESC, 2017). Bem como, o Sesc apresentou um plano de desenvolvimento, preocupando-se com a qualificação dos funcionários, e assim, estruturando centros de treinamentos e cursos com bolsas de estudos para os funcionários.

Dois anos depois, em 1959, o Sesc, devido a ampliação e abrangência, muda de marca, representando, neste novo contexto, a atuação voltada para a família.

Figura 10: 1959, nova marca voltada para a família



Fonte: Sesc (www.sesc.com.br)

Na década de 1960, entre os anos de 1963 e 1964, em São Paulo, comerciários recebem um serviço pioneiro, o Trabalho Social com Idosos¹⁹.

Em 1966, no Sesc, popularizou as Unimos, Unidades Móveis de Orientação Social, para atuar em áreas em que não existissem unidades fixas, levando uma forte tecnologia de trabalho social.

Figura 11: 1966, Unimos



Fonte: Sesc (www.sesc.com.br)

Na década de 1970, o Sesc iniciava atividades de educação, nutrição e odontologia. Em 1974, constatou a procura do público por lazer. Então, “[...] nesta época, foram criados novos Centros de Atividades e Centros de Turismo e Lazer” (SESC, 2017). Este novo empreendimento fez com que o Sesc se tornasse conhecido por ginásios, piscinas e quadras esportivas, surgindo, também, hotéis e estâncias. O Turismo Social se estabeleceu, por conseguinte, como uma das marcas fortes da atuação do Sesc.

Logo,

[...] percebendo a mudança política e social do país, a partir da década de 80, ansioso por ocupar novos espaços, o Sesc em 1982, investe em ações culturais, antes reprimidas pelo Regime Militar. Surgem diversos projetos dedicados ao Teatro, Cinema, Artes Plásticas, Música e Literatura. A abertura cultural também promove a cultura internacional e o Sesc se diferencia por uma programação nacional alternativa e propositiva (SESC, 2017).

¹⁹ Reconhecido pela Organização das Nações Unidas (ONU), o Sesc se preocupa em resgatar o valor social dos idosos e as ações privilegiam a cidadania e a educação, por meio de projetos. A realização dá-se desde 1964 e o atendimento anual é de mais de 60 mil pessoas (SESC, 2017).

Na década de 1990, o Sesc continuou a investir em educação para crianças e na cultura e recreação para idosos.

Em 1998, novas unidades se estabelecem. Acre, Roraima e Tocantins ganharam suas primeiras unidades. Também foi inaugurada a Estância Ecológica Sesc Pantanal.

A estância atua com a comunidade indígena, com pesquisadores, universidades, institutos de pesquisas e organizações não-governamentais. O Sesc Pantanal possui a maior Reserva Particular do Patrimônio Natural do País, com 106.000 hectares (SESC, 2017).

Já em 1999, teve-se a implantação do OdontoSesc, com o intuito de atender os brasileiros que não tinham acesso aos consultórios dentários.

Em 2000, com a imagem já consolidada no país, o Sesc apresenta uma nova transformação na composição de sua marca, centrada em sua sigla.

Figura 12: 2000, nova marca centrada em sua sigla



Fonte: Sesc (www.sesc.com.br)

Por fim, é interessante pontuar também que, em 2003, o Sesc (que possuía bancos de alimentos desde os anos 1990) criou o Mesa Brasil Sesc.

Uma rede nacional de combate à fome e ao desperdício. As unidades do Mesa Brasil são implementadas em todos os estados, estabelecendo parcerias com o comércio e a indústria alimentícia. As doações são distribuídas para entidades assistenciais, complementando a refeição de milhares de brasileiros (SESC, 2017).

O Sesc traz desde sua existência, em 1946, a marca da inovação e da transformação social, tendo o acolhimento e a ação propositiva como parte de sua história. Nesse sentido, busca “[...] valorizar as pessoas ao estimular a autonomia pessoal, a interação e o contato com expressões e modos diversos de pensar, agir e sentir” (SESC, 2017).

É pertinente trazer à tona também, o Trabalho Social com Idosos (TSI), pioneiro no país, que é reconhecido pela Organização das Nações Unidas (ONU) e tem o objetivo de oferecer uma melhor qualidade de vida à terceira idade. No Sesc, eles participam de atividades e trabalhos em grupo com pessoas da mesma idade e de outras gerações. Interagem com novas formas de conhecimento e compartilham expectativas vivenciais. O Trabalho Social com Idosos acontece no Sesc há mais de 40 anos e atende anualmente 60 mil pessoas. “Além de resgatar o valor social dos idosos, as ações do Sesc privilegiam a cidadania e a educação por meio de projetos adaptados às diferentes culturas das regiões” (SESC, 2017).

Também, salientar que, por meio do Programa Maturidade Ativa, foi desenvolvida a dança circular.

O Sesc Maturidade Ativa, criado em 2003, tem como objetivo promover a qualidade de vida e o envelhecimento ativo de pessoas com idades a partir de 60 anos. No programa, os participantes reúnem-se para conviver, divertir, confraternizar, aprender, desenvolver seus potenciais, além de realizar trabalhos comunitários e solidários. Trata-se de um movimento social organizado que tem por missão construir um novo significado social para o envelhecimento, valorizando o papel do idoso na sociedade contemporânea e estimulando a realização de trabalhos comunitários e a prática da responsabilidade social individual (SESC, 2017).

Os grupos de convivência para os idosos do Sesc, oferecem espaços para o lazer, a cultura e o convívio, possibilitando uma melhor compreensão de sua cidadania, do seu papel social, recuperando sua autoestima e autonomia.

No Rio Grande do Sul, o lançamento oficial do Programa Sesc Maturidade Ativa deu-se em 2003, por meio de ações sociais, palestras, oficinas, integração e socialização, buscando sempre melhorar a qualidade de vida dos idosos (SESC, 2017).

A pesquisa realizada teve seu foco com execuções de dança circular no Sesc-RS, entidade que desempenha um papel importante na comunicação com seus públicos, por meio de várias atividades, dentre elas o grupo da Maturidade Ativa, que foi a maioria das pessoas participantes.

Descrevo, a seguir, o desenvolvimento de cada uma das cinco ações investigativas que fizeram parte da análise deste estudo. A música escolhida para conduzir os passos das danças foi 'Me and My Cello (Happy Together) - The Piano Guys'. E os oito passos que foram apresentados para as cinco ações investigativas de dança circular foram:

1º passo: Caminha em círculo marcando 8 tempos, sentido horário e inverte para o sentido anti-horário.

2º passo: Vai ao centro caminhando e marcando 8 tempos e dá um leve pulo ao voltar para o centro da roda.

3º passo: Caminha em círculo marcando 8 tempos, sentido horário e balança-balança em mais 8 tempos, depois, inverte para o sentido anti-horário.

4º passo: Vai ao centro marcando 8 tempos e balança-balança em mais 8 tempos.

5º passo: Caminha em círculo fazendo passo-ponta, marcando 8 tempos, sentido horário e inverte para o sentido anti-horário.

6º passo: Caminha em círculo trançando o pé, abre cruza frente, abre cruza atrás, marcando 8 tempos, sentido horário e inverte para sentido anti-horário.

7º passo: Caminha em círculo fazendo um giro deslocado na linha da roda, abre 1, gira 2 e 3, fecha 4, marcando 8 tempos, sentido horário e inverte para sentido anti-horário.

8º passo: Vai ao centro da roda com o centro do corpo levemente elevado, todos de mãos dadas e salta ao chegar na frente impulsionando as mãos em W para frente. Alterna a pessoa que está ao lado indo para a frente e batendo palma (repete com a pessoa que ainda não fez, sempre alternando). Forma duplas, engancha os braços e gira em 8 tempos, sentido horário e inverte fazendo em sentido anti-horário, sempre deixando os braços que estão soltos para cima. Novamente em duplas, forma um oito com os braços e segue caminhando um ao lado do outro na sua dupla.

Os passos apresentados podem ter alteração do tempo e do ritmo dos participantes, não sendo uma prerrogativa serem sempre os mesmos. Na escolha dos passos, nessas cinco práticas que compuseram as ações investigativas foi feita também, uma mistura de dança circular sagrada, dança circular celta e dança circular grega.

Ressalto que, para as execuções das ações investigativas houve anotações em diários de pesquisa e também, foram gravadas as falas dos participantes com a permissão dos mesmos, e depois filtradas as respostas para a descrição dos relatos. As falas gravadas foram informadas aos participantes que seriam aproveitadas apenas para a execução deste trabalho, sendo excluídas após filtrar os relatos. Houve também, um Termo de Adesão Voluntariado atestado pelo Sesc-RS, que se encontra no final deste trabalho, no anexo, em que foi permitido aplicar as danças circulares nas dependências da empresa. Assim como, a divulgação das ações se deu por meio de cartazes de identificação e convites informais aos participantes.

A **primeira ação investigativa** de dança circular ocorreu em Nova Roma do Sul, no dia 12 de julho de 2017, numa tarde de quarta-feira. O dia estava ensolarado e a temperatura bastante agradável, em torno de 20º graus. O local em que foi desenvolvida a ação, foi o Centro de Convivência, salão de atividades do Sesc em Nova Roma do Sul. A atividade teve início 14 horas, porém, eram 13 horas, e eu já estava na frente do estabelecimento e logo avistei algumas pessoas que começaram a adentrar o salão. Aos poucos, iam chegando, cumprimentando, sorridentes, e algumas, já me abordaram na entrada, para saber o que era essa dança circular. Sem aprofundar as explicações, ia respondendo que se tratava de uma atividade diferenciada, e pedia para que ficassem à vontade e fossem sentando, até dar o horário previsto. Deixei para explicar com mais detalhes, dando uma informação do que seria a dança circular, no início da ação.

Eu tinha uma expectativa de que houvesse um público de 15 a 20 pessoas, talvez por se tratar de algo diferente do cotidiano de todos, mas, para minha surpresa, se fizeram presentes, 44 pessoas. Uma boa quantidade era participante do grupo Maturidade Ativa, e também trouxeram familiares de outras idades, adolescentes e adultos.

Às 14 horas, as cadeiras já postas em círculo. Vou ao centro e explico o que é dança circular, de onde ela surgiu e os diferentes formatos que existem mundo afora. Explico também, que minha escolha na dança circular, tem uma mistura de três danças circulares (dança circular sagrada, dança circular celta e dança circular grega). Fiz uma junção desses três formatos de dança circular, para que, ao aplicar, o público que desconhece essa prática, não se sentisse deslocado na execução, pois, em formatos de dança circular, tem as que se apresentam na forma holística e outras com adoração aos deuses.

Explicação feita, mostrei a música que iria utilizar no decorrer dos passos e me pus a ensinar oito passos diferentes, que seriam, cada um deles, aprendido repassado e, depois de fixada a sequência, dançado com música.

Ansiosos que estavam, logo deram as mãos e começamos os passos. Foi uma tarde muito aprazível, com muitas risadas e olhares atentos, para não perder o compasso da dança. Das 46 pessoas que estavam no salão, 44 delas fizeram a atividade do início ao fim. Pude perceber, em cada passo explicado, que havia uma ajuda mútua no entender dos pés, dos braços, do ritmo e para que lado ir primeiro. Fazendo, desta forma, com que cada pessoa pertencente ao grupo, não se sentisse sozinha e sem condições de aprender.

O tempo passou e finalizamos a atividade às 15 horas. Uma hora de sintonia e expressividade nos rostos. Após o término da dança, perguntei se haviam gostado e que sensação tinham sentido. As afirmações foram as mais diversas. Também expliquei que o desenvolvimento da dança circular era parte de uma pesquisa de campo para a minha dissertação de mestrado. Enquanto o lanche era preparado para ser servido, comecei a perguntar individualmente sobre o que tinham a dizer da dança. Para minha surpresa, esse momento quase uma hora, já que cada pessoa quis se expressar com a fala. Falaram em grupo, falaram uma de cada vez. E vieram respostas como:

- *“Me senti tão bem como não me sentia assim desde a infância, me lembro da minha mãe brincando de roda com a gente, isso me trouxe muita alegria, parece que ela estava do meu lado”;*

- *“Eu gostei. Eu gostei muito. Guri, tu me proporcionou um momento em que esqueci dos meus problemas de saúde e me senti leve, protegido”;*

- *“Eu me senti acolhida. Não sabia fazer os passos direito, porque eu não tenho coordenação motora, mas, as pessoas que estavam do meu lado, me ajudaram e isso fez toda a diferença”;*

- *“Gostei muito. Me senti um passarinho voando”;*

- *“Sabe, eu vim aqui achando que era dança de salão, dessas que a gente dança em casal, gaúcha. Eu sou desinformada, não entendo muito. Mas eu gostei mais do que se fosse música gaúcha. Parece que estou renovada”;*

- *“No início eu não gostei, porque eu achei que ia me doer minha perna que sinto dor pra caminhar. Foi muito impressionante, esqueci que minha perna doía, só lembrei quando parei de dançar. Hahaha, tu vai ter que vir mais vezes, vou ter que dançar mais”;*

- *“Eu fiquei com vergonha porque sou gordinha, na escola nunca me apresento, e sento lá atrás, pra ninguém me ver. E eu pensei em desistir umas três vezes de dançar. Mas tinha pessoas do meu lado que já me conhecem e disseram que eu tinha que me desafiar e ir até o fim. Eu achei que não conseguiria. Sei lá. Sou assim mesmo. Pra baixo. Mas quando me vi, eu estava dando risada de mim mesma, de felicidade por estar dançando. Na minha cabeça a dança tinha que ser pros magros. Coisa boba a minha, né? Você merece um abraço, eu estou muito feliz”;*

- *“Eu e minha esposa já tínhamos feito a dança circular numa convenção em Torres, ano passado. Era diferente os passos, mas a energia é a mesma. Não dá vontade de parar. É como se a gente tivesse num campo sentindo o vento de tão bom que isso faz bem pra gente. Tem que ter mais. Às vezes a gente se sente só porque nossos filhos já estão grandes e foram embora. E momentos como esse, renova”;*

- *“Eu não sei dizer palavras bonitas pra expressar o que estou sentindo, mas eu sei dizer que eu tô bem alegre”;*

- *“Esse aqui é meu filho, ele tá se tratando no médico, não tem muita vontade de sair, nem parece que tem 17 anos, e eu arrastei ele junto. E o mais impressionante é que ele está sorrindo. E já fazia tempo que isso não acontecia. Ele tá sempre de cabeça baixa e não fala. Tô muito feliz por isso, foi Deus que te mandou aqui”;*

- *“Deu uma energia muito boa”;*

- *“Essa música dá uma energia que faz flutuar e não querer parar de dançar”;*

- *“Eu quando era pequena minha mãe contava histórias pra dormir, a gente fazia boneca com sabugo de milho, porque nós não tinha dinheiro e tinha que trabalhar na roça, e às vezes, de tardinha, a gente dançava de mãos dadas. Minha mãe era muito alegre. Eu fui casada duas vezes. Meu primeiro marido era seco, meio grosso, não gostava dessas coisas. Mesmo assim, eu brincava de roda com meus filhos. Depois a gente vai fazendo outras coisas na vida que esquece de outras. Também perdi um braço num acidente há muitos anos atrás. Mas mesmo assim não perdi a alegria de viver e nem de fazer as coisas. Ano passado eu fui visitar meu filho no Canadá que ele estuda lá. E fui de avião. Eu estava nervosa. Mas fiquei muito feliz em estar com ele. E hoje eu me senti muito feliz também como o dia que eu tive lá. Essa coisa de dança deixa a gente bem”.*

Teve também depoimentos bem simples como “eu adorei”, “nota dez”, “joia”, “maravilhoso”. E nos relatos as pessoas se mostraram receptivas para algo que não conheciam, e, com pessoas ao lado que não sabiam quem era, mesmo assim, não se importaram com as diferenças e dançaram. As feições dos rostos após a dança, deixaram nítidas as sensações de acolhimento e amorosidade que se instalou no desenvolvimento da dança circular daquele local. Tanto que mesmo na hora do lanche servido para os participantes, me puxaram para o meio do salão e me incluíram na roda começando a dançar o que lembravam dos passos. Foi muito divertido. Uma sensação única de fortalecimento. Senti muita gratidão e agradecimento por ter podido fazer parte da vida de todas aquelas pessoas.

Apresento no Quadro 2, a síntese da primeira ação investigativa, buscando observar as propriedades do campo, dialogando com as falas dos participantes, elencando a hospitalidade, o acolhimento e a amorosidade.

(Continua)

Quadro 2 – Quadro síntese ação investigativa 1

Hospitalidade	Acolhimento	Amorosidade
Abertura para a relação com o outro: <i>“É como se a gente tivesse num campo</i>	Cuidar do outro: <i>“as pessoas que estavam do meu lado,</i>	Afetividade: <i>“me lembro da minha mãe brincando de roda com a gente”.</i>

(Conclusão)

<p><i>sentindo o vento de tão bom que isso faz bem pra gente”.</i></p> <p>Sentir-se bem: <i>“Me senti um passarinho voando”.</i></p> <p>Bem-estar no ambiente: <i>“eu gostei mais do que se fosse música gaúcha. Parece que estou renovada”.</i></p> <p>Receber e ser recebido: <i>“tu me proporcionou um momento em que esqueci dos meus problemas”.</i></p> <p>Relações de convivência: <i>“já tínhamos feito a dança circular numa convenção”.</i></p> <p>Pertencimento: <i>“energia que faz flutuar e não querer parar de dançar”.</i></p>	<p><i>me ajudaram e isso fez toda a diferença”.</i></p> <p>Envolvimento: <i>“esqueci que minha perna dóia, só lembrei quando parei de dançar”.</i></p> <p>Se reconhecer, interagir e se hospedar mutuamente: <i>“Eu não sei dizer palavras bonitas pra expressar o que estou sentindo, mas eu sei dizer que eu tô bem alegre”.</i></p> <p>Laços de proximidade: <i>“Esse aqui é meu filho, ele tá se tratando no médico, não tem muita vontade de sair”.</i></p> <p><i>“E o mais impressionante é que ele está sorrindo. E já fazia tempo que isso não acontecia”.</i></p> <p>Permitir o contato e a intimidade: <i>“às vezes, de tardinha, a gente dançava de mãos dadas”.</i></p> <p>Atitude de disponibilidade interna para o encontro: <i>“Mesmo assim, eu brincava de roda com meus filhos”.</i></p> <p>Entrelaçamento: <i>“fiquei muito feliz em estar com ele. E hoje eu me senti muito feliz também como o dia que eu tive lá. Essa coisa de dança deixa a gente bem”.</i></p>	<p>Sentimentos: <i>“isso me trouxe muita alegria, parece que ela estava do meu lado”.</i></p> <p>Aceitação mútua em relação ao outro na convivência: <i>“tinha pessoas do meu lado que já me conhecem e disseram que eu tinha que me desafiar e ir até o fim”.</i></p> <p><i>“quando me vi, eu estava dando risada de mim mesma, de felicidade por estar dançando”.</i></p> <p>Amor em sentido pleno: <i>“Você merece um abraço, eu estou muito feliz”.</i></p>
---	--	--

Fonte: Elaboração do autor

A **segunda ação investigativa** de dança circular ocorreu em Caxias do Sul, na tarde de 20 de julho de 2017 e um público participante de 12 pessoas, com maior participação da Maturidade Ativa e também outras idades. Uma tarde animada com pessoas totalmente alto astral. Foi assim que começou a atividade.

As pessoas foram chegando aos poucos e muito animadas para fazer uma dança que já tinham ouvido falar pela televisão. Como sempre, costumo chegar antes para dar atenção aos participantes desde o início. E já fui recebido com abraços de boas-vindas e indagações de como seria a dança circular, que estavam curiosas. Fiz então, no horário combinado, 14 horas, uma explanação sobre a história da dança circular e sua disseminação pelos diversos países e também sua influência na cultura brasileira. Também fiz o explicativo de que o desenvolvimento da atividade de dança circular fazia parte de minha pesquisa de campo de mestrado e que eu tinha escolhido estar naquele ambiente aplicando a dança circular.

Curiosidades iniciais saciadas, a continuação foi distribuir todos os participantes em um grande círculo, explicar a posição da palma das mãos na sequência pela direita e a troca da palma das mãos quando na sequência pela esquerda. Seguindo, a explicação dos oito passos que iriam guiar a tarde ensolarada. Havia uma contaminação de bem-estar na sala que, ao passar os passos já na primeira vez, sem ainda colocar a música, o passo já estava fixado na memória. E passamos para a prática com a música e dançar e dançar.

Ao terminar de aplicar cada um dos passos até concluir todos, ao som da música, a energia circular fluiu solta. E repetidas vezes após terminar a canção. Palmas também foram ouvidas entre risadas. O prosseguimento foi pedir para que sentassem e livremente dissessem o que tinha causado em cada uma delas, ao dançar. E as afirmações foram:

- *“É um remédio natural para a gente. A dança circular me provocou isso. Como se eu estivesse anestesiada de boas energias”;*
- *“Eu já tinha feito dança circular e tem uns dois meses que tinha ido numa atividade e é sempre gratificante e causa uma empolgação. Não dá vontade de parar”;*
- *“Essa energia que a gente se troca aqui, de mãos dadas, faz toda a diferença. No nosso cotidiano sempre estamos na correria e acabamos não percebendo tanto a presença das outras pessoas, porque é um corre-corre. Mas*

aqui, olhando para todo mundo que está no círculo, parece que a gente perde tempo na vida quando não percebe as pessoas. Precisamos dançar mais vezes”;

- *“Eu achei que não ia conseguir. Mas quando foi mostrada a música, eu ouvi e a música me convidou e senti que conseguiria. Também a colega do meu lado estendeu o braço e quando dei a mão também senti e a energia que tinha ali e segurei forte e foi. É muito fácil e faz muito bem. Difícil de explicar com palavras, mas a emoção tomou conta”;*

- *“Ah eu gostei. Eu moro pra fora, quase num sítio e é bom viver coisas diferentes com amor e energia. Foi isso que eu senti dançando. Ninguém aqui queria fazer melhor. Queria fazer junto”;*

- *“Divertido demais. Me perdi no meio do caminho e mesmo tendo errado alguns dos passos o que valeu foi essa sensação boa”;*

- *“Eu adorei. Adorei. Adorei. Fui muito acolhida”;*

- *“Simplesmente tocante e alegre. Remete aos nossos ancestrais que tinham em seus costumes de agradecer ou pedir algo com a dança. Estamos nessa vida para aprender. E momentos como esse só temos que agradecer. Faz bem. É contagiante a dança circular. Proponho que a gente dance mais uma vez agora para agradecer o dia de hoje com todos nós reunidos aqui. Que benção”.*

E assim aconteceu. Fizemos então mais uma dança em agradecimento ao encontro do dia. E a dança circular foi conduzida entre risos e expressões alegres de pessoas que estavam de bem com a vida. Fizemos a finalização da atividade em meio a abraços e agradecimentos da participação de cada pessoa que esteve presente. E tive mais uma certeza. De que tive uma parcela de participação de mudança no cotidiano das pessoas que lá estiveram e também com elas aprendi muito.

No Quadro 3, apresento a síntese da segunda ação investigativa, buscando observar as propriedades do campo, dialogando com as falas dos participantes, elencando a hospitalidade, o acolhimento e a amorosidade.

(Continua)

Quadro 3 – Quadro síntese ação investigativa 2

Hospitalidade	Acolhimento	Amorosidade
Trocas:	Reconhecimento do outro na convivência:	Afetividade:

(Conclusão)

<p><i>“tem uns dois meses que tinha ido numa atividade e é sempre gratificante e causa uma empolgação”.</i></p> <p>Sentir-se bem: <i>“mesmo tendo errado alguns dos passos o que valeu foi essa sensação boa”.</i></p>	<p><i>“Essa energia que a gente se troca aqui, de mãos dadas, faz toda a diferença”.</i></p> <p>Empatia: <i>“Essa energia que a gente se troca aqui”.</i> <i>“olhando para todo mundo que está no círculo”.</i></p> <p>Laços de proximidade: <i>“Eu adorei. Adorei. Adorei. Fui muito acolhida”.</i></p>	<p><i>“É um remédio natural para a gente. A dança circular me provocou isso”.</i></p> <p><i>“momentos como esse só temos que agradecer. Faz bem. É contagiante”.</i></p> <p>Emoções: <i>“a colega do meu lado estendeu o braço e quando dei a mão também senti e a energia”.</i></p> <p>Aceitação mútua em relação ao outro na convivência: <i>“Ninguém aqui queria fazer melhor. Queria fazer junto”.</i></p>
---	--	--

Fonte: Elaboração do autor

A **terceira ação investigativa** de dança circular ocorreu em Vacaria, na tarde de segunda-feira, 24 de julho de 2017. Fizeram parte da atividade 21 pessoas com diferentes idades. A minha chegada ao local em que seria feita a dança circular se deu em torno de quarenta minutos antes do início. O espaço já contava com algumas pessoas interessadas. Ao cumprimentá-las, fui me identificando e colhendo informações sobre o que esperavam da atividade que seria realizada. Próximo ao horário combinado, já estavam presentes dezesseis pessoas. Às 14 horas, fiz a abertura explicando a proposta. E convidei a todos para que juntos, fizéssemos a roda. Já estávamos executando o primeiro passo e mais pessoas chegaram para participar. Recebi os novos integrantes que vieram e dei continuidade aos passos da dança circular. Prontamente os componentes que chegaram após o início, foram ajudados pelos demais para entender o primeiro passo e um deles pediu uma pausa para explicar dançando.

Foi muito interessante partir deles a preocupação com o passar a informação para o outro. Seguimos os passos. E ao finalizar os oito passos

determinados para a atividade nos pusemos a dançar sem parar. A música acabava e era colocada novamente e a energia transcendia. Quando o relógio marcou 15 horas, finalizei a atividade esclarecendo a minha participação como estudante do mestrado e do que se tratava a dança. Fui então, para o momento seguinte, que eram os relatos dos participantes. E respostas surgiram entre sorrisos e algumas gargalhadas:

- *“Isso foi uma coisa que deixou a minha vida mais alegre. Eu nunca tinha ouvido falar de dança circular, e como isso contagia. Não consigo parar de sorrir. É uma sensação dentro do peito que parece que eu ganhei um presente”;*

- *“Eu já sabia o que era dança circular, quando fui em São Paulo tive a coragem quando fui convidada de participar de uma intervenção que acontecia pela rua. Essa sensação de estar no meio de pessoas que você não conhece e mesmo assim se sentir bem é algo fora do comum. Traz uma paz para essas roubalheiras e violências que estamos vivendo no Brasil hoje”;*

- *“Eu também já tinha participado, mas foi em um grupo de danças étnicas em outra cidade, que eles também têm nas coreografias a dança circular”;*

- *“Eu queria dizer que senti vergonha de participar, por isso fiquei sentada assistindo. Mas depois de uns dez minutos olhando eu pensei que não podia ficar de fora de algo que estava provocando risos nos outros. Eu vi uma moça explicando o primeiro passo para os que chegaram depois, e fiquei pensando que não seria difícil. A gente se acomoda achando que tudo na vida é difícil ou que a gente não sabe e arranja desculpa para não fazer. E posso dizer que uma felicidade tomou conta de mim por ter participado. Sinto uma vontade de abraçar todo mundo aqui”.*

Neste momento, um abraço coletivo foi dado a ela e ao finalizar o abraço, pediram para colocar a música e dançar um pouco mais. A dança se estendeu por mais uns quinze minutos e voltamos aos relatos:

- *“Querida que tivesse sempre. Nossa cidade tem pouca coisa de cultura. E coisas diferentes e boas são sempre bem-vindas”;*

- *“Vim com minhas duas filhas e meu marido, ele está desempregado. Disse a ele, vamos que vai nos fazer bem. E cá estamos”;*

- *“Já que minha esposa começou a fala, também quero me manifestar. Eu trabalhava numa empresa já tinha muitos anos e foi muito estranho ver que*

fizeram enxugamento de pessoal. E estar entre esses que saíram, me deixou sem chão. Posso dizer que estou meio desanimado. Minhas filhas e minha esposa sempre me dizem que tem coisas que acontecem que são para melhorar a nossa vida. Aceitei vir aqui porque eu precisava reagir a isso tudo. Agora que já dancei, bem descoordenado, sinto que algo mudou. Quero chegar em casa e fazer planos para o meu futuro e da minha família. Isso aqui me fez muito bem. Obrigado”;

- *“Eu pensei que era ginástica. (gargalhada). Mas foi uma ginástica para a alma e para o cérebro. Fazia meses que eu não me divertia tanto. Dançar de mãos dadas faz com que a gente perceba que o outro existe e preste atenção nele”;*

- *“Quando vi a divulgação de dança circular não acreditei. Já tinha assistido em filme e tinha vontade de fazer, mas não sabia como era. Agora eu sei. Vou fazer com os meus alunos na escola. É uma forma de transformar as pessoas. Gostei”.*

Outras pessoas também se manifestaram, mas disseram coisas já ditas. Então perguntei se alguém não tinha gostado da atividade. E para minha surpresa, ouvi em coro: ‘Não’. A manifestação do grande grupo foi em massa para dizer que se sentiram bem e que renovou as energias. Das pessoas presentes, tiveram duas que precisaram se ausentar uns dez minutos antes de concluir porque tinham compromisso. E disseram rapidamente ao sair, que ficaram muito felizes de ter estado ali, vivenciando aquele momento.

Mais um desenvolvimento de dança circular que surpreendeu. A calorosa recepção dos participantes e o entusiasmo para participar e aprender. Teve gente até pedindo meu e-mail para que eu passasse a música. Sensações boas. Novamente é como se eu pertencesse àquele grupo. Emanavam uma sintonia tão boa que foi difícil ir embora.

Apresento no Quadro 4, a síntese da terceira ação investigativa, buscando observar as propriedades do campo, dialogando com as falas dos participantes, elencando a hospitalidade, o acolhimento e a amorosidade.

(Continua)

Quadro 4 – Quadro síntese ação investigativa 3

Hospitalidade	Acolhimento	Amorosidade
----------------------	--------------------	--------------------

(Conclusão)

<p>Receber e ser recebido: <i>“fui convidada de participar de uma intervenção que acontecia pela rua”.</i></p> <p>Abertura para a relação com o outro: <i>“Essa sensação de estar no meio de pessoas que você não conhece e mesmo assim se sentir bem é algo fora do comum”.</i></p> <p>Trocas: <i>“Eu também já tinha participado, mas foi em um grupo de danças étnicas em outra cidade, que eles também têm nas coreografias a dança circular”.</i></p> <p>Sentir-se bem: <i>“Queria que tivesse sempre”.</i></p> <p>Aceitação do outro: <i>“Vim com minhas duas filhas e meu marido”.</i> <i>“Disse a ele, vamos que vai nos fazer bem. E cá estamos”.</i></p>	<p>Envolvimento: <i>“Aceitei vir aqui porque eu precisava reagir a isso tudo. Agora que já dancei, bem descoordenado, sinto que algo mudou”.</i></p> <p>Permitir o contato e a intimidade:</p> <p>Atitude de disponibilidade interna para o encontro: Se reconhecer, interagir e se hospedar mutuamente: <i>“Dançar de mãos dadas faz com que a gente perceba que o outro existe e preste atenção nele”.</i></p> <p>Laços de proximidade: <i>“É uma forma de transformar as pessoas”.</i></p>	<p>Afetividade:</p> <p>Emoções:</p> <p>Sentimentos: <i>“como isso contagia. Não consigo parar de sorrir. É uma sensação dentro do peito que parece que eu ganhei um presente”.</i></p> <p>Aceitação mútua em relação ao outro na convivência: <i>“uma felicidade tomou conta de mim por ter participado. Sinto uma vontade de abraçar todo mundo aqui”.</i></p>
---	--	---

Fonte: Elaboração do autor

A **quarta ação investigativa** de dança circular ocorreu em Farroupilha, na tarde de terça-feira do dia 01 de agosto de 2017. Estiveram presentes 36 pessoas pertencentes do grupo Maturidade Ativa. A atividade iniciou às 14 horas. E ao chegar por volta de 13 horas e 30 minutos, o espaço da atividade já contava com mais de dez pessoas. Cumprimentei com uma ‘boa tarde’ e, aos poucos, fui me aproximando das participantes fazendo uma primeira sondagem sobre a

execução da dança. Disse que teríamos oito passos e que após entendidos os passos, passaríamos a dançar no ritmo de uma música.

Elas, entre sorrisos e conversas, segurando minha mão, fizeram comentários de que já conheciam a dança circular. Outras, que ainda não, embora, já tivessem ouvido falar e confessaram estar ansiosas para saber como era.

No horário combinado comecei as explicações sobre a dança circular, sua origem, como se propagou no Brasil e os formatos existentes. Tínhamos um espaço não tão grande para a execução da atividade, mas, mesmo assim, o calor humano prevaleceu, já de início, quando, antes de dar o primeiro passo, elas, espontaneamente deram as mãos e manifestavam expressões faciais de alegria. Começamos os passos. Um a um, foram tomando forma. E a cada novo desafio de um passo novo, os sorrisos permaneciam. Nem a troca de mãos entre a direita e a esquerda não foi esquecido. Eu dava um passo e na segunda vez já estavam dançando ao som da música.

Fiquei surpreso com agilidade de memorização da terceira idade. O grupo foi excelente de trabalhar. E quando uma esquecia ou se atrapalhava em algo, a outra do lado, ou até mesmo as outras da roda diziam que tinha um passo antes, ou que era de tal jeito. Fiquei olhando sorridente e comovido pela disponibilidade de dar, receber e retribuir das participantes. Estavam, já de antemão, acolhendo e tendo amorosidade umas com as outras.

Quando finalizei os passos, pedi a todas que sentassem e então, fomos conversar sobre o que tinham achado da atividade de dança circular. Primeiramente perguntei o que haviam sentido enquanto dançavam. E posteriormente, qual a sensação de estar dançando em roda. As respostas vieram rapidamente:

- *“Me senti bem. Gostei muito”;*
- *“Senti paz, leveza”;*
- *“Senti vontade de sorrir, de dar gargalhada, de dançar mais e mais”;*
- *“Senti que uma energia boa tomou conta de mim”;*
- *“Foi uma energia muito gratificante”;*
- *“Senti felicidade, amor, companheirismo”;*
- *“Eu esqueci do resto das situações da minha vida, tenho uma filha e uma neta, elas mesmo a gente morando ao lado não me procuram muito e fico*

triste. Mas aqui hoje, nesse momento, pude esquecer até isso, e senti mais amor por elas ainda”;

- “É, mesmo eu tendo algumas dificuldades por causa dos meus problemas de saúde, achei muito fácil os passos e me empolgou muito”;

- “Eu também, tenho esse problema na minha perna, errei um monte, mas não queria parar de dançar, nem na hora de aprender os passos, e muito menos na hora que tinha a música. Essa música leva a gente pra longe”;

- “Eu me concentrei nos passos pra não errar, e quando vi já tinha errado quase tudo, quando percebi estava sendo conduzida pelas colegas e comecei a acertar”;

- “Eu estava tão feliz de saber que íamos dançar a dança circular que me senti levada pelos passos e algumas vezes também ajudada pelas colegas. Só tenho que agradecer por esta oportunidade de você vir proporcionar essa alegria”;

- “Uma vez aqui no Sesc a gente tinha dança circular, mas já tem uns anos que acabou, era sempre muito bom”;

- “Minha professora de yoga e reiki sempre fala da posição das mãos que quando troca o lado a gente inverte a palma da mão que fica para cima e tem também a respiração que muda. E mais do que isso, dançar em círculo na roda é poder olhar e ver todo mundo, olho no olho, sabe, e sentir que você não está sozinho”;

- “Eu senti que parece que não era eu dançando, pois sou sempre dura para a dança, e eu estava bem leve”;

- “Adorei”;

- “Foi mágico e recompensador”;

- “É mesmo, fantástico. Dá pra gente dançar mais?”;

- “Eu me senti amada na roda”;

- “Eu queria fazer isso toda semana, faz tão bem”.

A finalização da atividade se deu com muitos abraços e agradecimentos individuais. Quando vi tinha uma fila de participantes que queriam me agradecer por ter feito a dança circular naquela cidade.

Saí renovado também, pela dança, pelos sorrisos compartilhados e principalmente porque o entendimento de que a dança circular é uma forma de provocar um encontro e poder fazer a troca relacional entre ajudar e ser ajudado,

entre ver e ser visto, e, entre sentir e perceber que a composição da roda de todos era ao mesmo tempo um só foi captada.

Assim, vou evidenciando que esta proposta, pode sim, trazer mudanças nas pessoas e em seus corações. Que presente maravilhoso poder estar no meio de tantas pessoas que ainda desconhecia, mas que, confiaram a mim suas particularidades pessoais. A dança circular tem esse poder. Pela união das pessoas em círculo, ela mexe com os sentimentos e as emoções.

Apresento no Quadro 5, a síntese da quarta ação investigativa, buscando observar as propriedades do campo, dialogando com as falas dos participantes, elencando a hospitalidade, o acolhimento e a amorosidade.

(Continua)

Quadro 5 – Quadro síntese ação investigativa 4

Hospitalidade	Acolhimento	Amorosidade
<p>Sentir-se bem: Bem-estar no ambiente: <i>“Me senti bem. Gostei muito”.</i> <i>“Senti paz, leveza”.</i> <i>“Senti vontade de sorrir, de dar gargalhada, de dançar mais e mais”.</i> <i>“Eu queria fazer isso toda semana, faz tão bem”.</i></p> <p>Trocas: <i>“não queria parar de dançar, nem na hora de aprender os passos”.</i></p> <p>Relações de convivência: <i>“aqui no Sesc a gente tinha dança circular”,</i> <i>“era sempre muito bom”.</i></p>	<p>Envolvimento: <i>“Senti que uma energia boa tomou conta de mim”.</i> <i>“Foi mágico e recompensador”.</i></p> <p>Reconhecimento do outro na convivência: <i>“quando percebi estava sendo conduzida pelas colegas e comecei a acertar”.</i></p> <p>Atitude de disponibilidade interna para o encontro: <i>“me senti levada pelos passos e algumas vezes também ajudada pelas colegas”.</i></p> <p>Se reconhecer, interagir e se hospedar mutuamente: Laços de proximidade: <i>“dançar em círculo na roda é poder olhar e ver</i></p>	<p>Amor em sentido pleno: Afetividade: <i>“Senti felicidade, amor, companheirismo”.</i> <i>“senti mais amor por elas ainda”.</i> <i>“Eu me senti amada na roda”.</i></p>

(Conclusão)

	<i>todo mundo, olho no olho, sabe, e sentir que você não está sozinho”.</i>	
--	---	--

Fonte: Elaboração do autor

A **quinta ação investigativa** de dança circular foi em Bento Gonçalves na tarde de quinta-feira, 10 de agosto de 2017, numa sala de atividades. Estiveram presentes 16 pessoas, com idades entre 18 a 85 anos. Cheguei no Sesc uns trinta minutos antes da atividade. Fiquei aguardando a chegada dos participantes. Duas pessoas, antes mesmo de começar, disseram que frequentam um espaço que tem dança circular, e que vão lá por que faz muito bem. Como parte do roteiro, iniciei a atividade explicando sobre a dança circular. E logo após, mostrei a música que seria usada quando tivéssemos aprendido os passos. Esclareci que qualquer música poderia ser utilizada, porém, a minha escolha por esta, é pelo balanço rítmico que ela apresenta, facilitando a condução dos passos.

Começamos a roda. Notei expectativa, dúvida, apreensão e euforia. Para muitas delas, era novidade. E foram para experimentar o novo. Conforme eu ia passando os passos sem a música, o encanto pela dança ia tomando conta do corpo. Feições iam mudando. E a curiosidade aumentando. Pois, quando eu disse que seriam oito passos a serem aprendidos, algumas pessoas, disseram que não tinham habilidade e que talvez, não iriam conseguir. Talvez por isso, a expressão de dúvida e apreensão.

Após a condução de cada passo, repetíamos duas vezes e então, eu soltava a música, e a dança fluía. Íamos assim, para o passo seguinte. Após completar os oito passos, via-se que as expressões faciais e corporais mais densas, tinham desaparecido, pois, foi nítida a entrega na dança. Expliquei que a atividade fazia parte da pesquisa de campo do meu mestrado em Turismo e Hospitalidade da Universidade de Caxias do Sul, UCS, abarcando a dança circular como expressão de vínculos. E antes que eu pudesse completar outra frase, já foram aparecendo relatos sobre o que a dança proporcionou naquele encontro:

- *“A dança me faz bem, sempre que posso participo de um grupo de danças circulares, isso me fortalece. Dá uma sensação que não sei explicar. Um bem-estar que fica o dia inteiro. Foi o que senti aqui”;*

- *“Eu também me sinto assim, de bem com a vida, é como se eu tivesse voltado no tempo, e me divertisse de novo. Eu não consigo sentir essa felicidade sempre no meu dia a dia. Mas aqui nem vi o tempo passar”;*

- *“Eu queria me manifestar. Tenho que confessar que quando cheguei aqui, só não fui embora porque fiquei com vergonha de levantar e sair. Não conhecia ninguém. Mas achei desrespeitoso sair. Agora eu posso afirmar. Ainda bem que eu não fui embora. Eu estou em choque de como dançar assim de mãos dadas e em roda me fez bem. Eu me separei tem pouco tempo e estava cansada de chorar e não tocar minha vida para frente. Aí resolvi vir aqui. Ainda bem que eu vim”;*

- *“Faz tão bem para a alma e para o coração esse tipo de atividade. Dançar é tudo de bom. E sentir que tem alguém de mão dada te ajudando caso não saiba, é melhor ainda”;*

- *“Eu concordo com elas que dançar faz bem. A gente passa a vida correndo com filhos, netos, marido, familiares, e esquece da gente mesma. E ter uma oportunidade dessas é como se olhar no espelho e se ver de novo”;*

- *“Eu me senti muito realizada. Em dois passos que foram dados, pude ajudar quem estava do meu lado, porque eu queria que todos dançassem juntos numa mesma energia”;*

- *“Já eu me perdi em vários passos, mas eu fazia de conta que sabia e continuava acompanhando. É alegre. É divertido. Não dá vontade de parar”;*

- *“Quando vai ter de novo? Gostei bastante”.*

E teve até uma moça que estava passando e parou na porta durante a dança e foi chamada para participar. Timidamente balançou a cabeça com um não. Mas foi convidada a dançar junto e arriscou uns dois passos. Saiu dando risada e agradecendo de participar.

É muito gratificante poder estar no meio de tantas histórias diferentes, e proporcionar, mesmo que seja em apenas, uma parcela de tempo, algo que faça a diferença para o seu dia. Pensei em alguns momentos que as pessoas que estavam apreensivas não iriam ficar ou se manifestariam dizendo que não gostaram, mas não teve uma só pessoa que dissesse que não gostou. Isso faz

perceber que sim, que estou no caminho certo quando me propus a pesquisar a dança circular nas relações das pessoas.

Apresento no Quadro 6, a síntese da quinta ação investigativa, buscando observar as propriedades do campo, dialogando com as falas dos participantes, elencando a hospitalidade, o acolhimento e a amorosidade.

Quadro 6 – Quadro síntese ação investigativa 5

Hospitalidade	Acolhimento	Amorosidade
<p>Pertencimento: <i>“ter uma oportunidade dessas é como se olhar no espelho e se ver de novo”.</i></p> <p>Bem-estar no ambiente:</p> <p>Sentir-se bem: <i>“Já eu me perdi em vários passos, mas eu fazia de conta que sabia e continuava acompanhando”.</i></p>	<p>Permitir o contato e a intimidade: Se reconhecer, interagir e se hospedar mutuamente:</p> <p>Laços de proximidade: <i>“estou em choque de como dançar assim de mãos dadas e em roda me fez bem”.</i></p> <p><i>“sentir que tem alguém de mão dada te ajudando caso não saiba, é melhor ainda”.</i></p> <p>Reconhecimento do outro na convivência:</p> <p>Empatia: <i>“pude ajudar quem estava do meu lado, porque eu queria que todos dançassem juntos”.</i></p>	<p>Aceitação mútua em relação ao outro na convivência: <i>“sempre que posso participo de um grupo de danças circulares, isso me fortalece”.</i></p> <p>Afetividade:</p> <p>Emoções: <i>“Dá uma sensação que não sei explicar. Um bem-estar que fica o dia inteiro. Foi o que senti”.</i> <i>“Eu também me sinto assim, de bem com a vida”.</i></p> <p>Amor em sentido pleno: <i>“não consigo sentir essa felicidade sempre no meu dia a dia. Mas aqui nem vi o tempo passar”.</i></p>

Fonte: Elaboração do autor

O desenvolvimento das ações investigativas de dança circular trouxeram, usando as palavras de Camargo (2015), uma sensação de leveza ao fazer os passos, pois, a roda gira para além de obstáculos e preconceitos. A autora ainda pontua que, o importante é a pessoa desenvolver uma postura interna de atenção, prontidão e abertura para aprender os passos ensinados. E expõe que a atenção deverá estar inicialmente voltada para as reações (emoções, estados, sentimentos) que são “[...] produzidas por seu corpo quando

está dançando, e para a observação (consciência) do que acontece internamente, pois essas sensações podem estar relacionadas ao contexto externo de sua própria vida [...]” (CAMARGO, 2015, p. 97).

As ações investigativas estão relacionadas com o terceiro objetivo da pesquisa que é, identificar sinalizadores de hospitalidade, nos vínculos marcados pelo acolhimento e amorosidade, em decorrência da dança circular. Nesse sentido, buscou-se um quadro síntese compondo as cinco ações investigativas, que será apresentado abaixo, mostrando as palavras-chave que as identificam, com base na fundamentação teórica deste estudo. Bem como, a periodicidade em cada ação desenvolvida.

(Continua)

Quadro 7 – Quadro síntese das cinco ações investigativas

	Hospitalidade	Acolhimento	Amorosidade
Primeira ação investigativa	Abertura para a relação com o outro. Sentir-se bem.	Cuidar do outro. Envolvimento. Se reconhecer, interagir e se	Afetividade. Sentimentos. Aceitação mútua em relação ao
	Bem-estar no ambiente. Receber e ser recebido. Relações de convivência. Pertencimento.	hospedar mutuamente. Laços de proximidade. Permitir o contato e a intimidade. Atitude de disponibilidade interna para o encontro. Entrelaçamento.	outro na convivência. Amor em sentido pleno.
Segunda ação investigativa	Trocas. Sentir-se bem.	Reconhecimento do outro na convivência. Empatia. Laços de proximidade.	Afetividade. Emoções. Aceitação mútua em relação ao outro na convivência.
Terceira ação investigativa	Receber e ser recebido. Abertura para a relação com o outro. Trocas. Sentir-se bem. Aceitação do	Envolvimento. Permitir o contato e a intimidade. Atitude de disponibilidade interna para o encontro. Se reconhecer,	Afetividade. Emoções. Sentimentos. Aceitação mútua em relação ao outro na convivência.

(Conclusão)

	outro.	interagir e se hospedar mutuamente. Laços de proximidade.	
Quarta ação investigativa	Sentir-se bem. Bem-estar no ambiente. Trocas. Relações de convivência.	Envolvimento. Reconhecimento do outro na convivência. Atitude de disponibilidade interna para o encontro. Se reconhecer, interagir e se	Amor em sentido pleno. Afetividade.
Quinta ação investigativa	Pertencimento. Bem-estar no ambiente. Sentir-se bem.	Permitir o contato e a intimidade. Se reconhecer, interagir e se hospedar mutuamente. Laços de proximidade. Reconhecimento do outro na convivência. Empatia.	Aceitação mútua em relação ao outro na convivência. Afetividade. Emoções. Amor em sentido pleno.

Fonte: Elaboração do autor

Complementando, descrevo separadamente, o conjunto de palavras-chave e, após, a repetição de cada uma delas, encontradas nas análises dos relatos.

Foram palavras-chave identificadas na Hospitalidade:

- Receber e ser recebido;
- Abertura para a relação com o outro;
- Trocas;
- Bem-estar no ambiente;
- Sentir-se bem;
- Relações de convivência;
- Aceitação do outro;
- Pertencimento.

Foram palavras-chave identificadas no Acolhimento:

- Reconhecimento do outro na convivência;
- Envolvimento;
- Entrelaçamento;
- Permitir o contato e a intimidade;
- Cuidar do outro;
- Empatia;
- Atitude de disponibilidade interna para o encontro;
- Se reconhecer, interagir e se hospedar mutuamente;
- Laços de proximidade.

Foram palavras-chave identificadas na Amorosidade:

- Amor em sentido pleno;
- Afetividade;
- Emoções;
- Sentimentos;
- Aceitação mútua em relação ao outro na convivência.

Também foi perceptível, na análise dos relatos, a repetição constante de palavras-chave que deram suporte às afirmações.

Em relação à Hospitalidade, o **sentir-se bem** recebeu destaque nas cinco ações investigativas. Depois, as **trocãs** esteve presente em três ações, seguido de **bem-estar no ambiente**. Presente em duas ações, estiveram, **abertura para a relação com o outro, receber e ser bem recebido, relações de convivência**. Estas verificações demonstraram que os itens assinalados, reportam à importância que traz a significação da hospitalidade nas relações.

Quanto ao Acolhimento, os **laços de proximidade**, possíveis de serem criados, por meio da dança circular, se fizeram presentes em cinco das ações investigativas. Já, **se reconhecer, interagir e se hospedar mutuamente**, esteve em quatro das ações, indicando que é preciso se identificar, inter-relacionar-se e admitir reciprocamente a presença do 'outro' no próprio espaço. Com manifestações em três ações, apareceram, **permitir o contato e a intimidade, atitude de disponibilidade interna para o encontro,**

envolvimento, reconhecimento do outro na convivência. Dessa forma, é provável que, através do toque seja gerada a confiança abrangendo a aproximação e aceitação do 'outro'. E, não menos importante, a **empatia** foi encontrada em duas das ações aplicadas, fazendo perceber que, se colocar no lugar do 'outro', pode trazer o despir-se perante o 'outro', na convivência. Sendo capaz de causar uma conversação profunda e relacional.

E, por fim, a Amorosidade, retratando a **afetividade** em cinco das ações investigativas. Em que é possível, neste sentido, entoar atenção e cuidado para com o 'outro', na dança circular, no contato com 'tato', na disposição do olhar, estando frente a frente na roda. Por conseguinte, tendo potencial de tonalizar as relações para mais humanas e duradouras. Encontrou-se também, em quatro das ações, **a aceitação mútua em relação ao outro na convivência**, podendo provocar uma aprendizagem amorosa por meio da ética aceitação das diferenças. Completando a lista, as **emoções** e o **amor em sentido pleno**, revelam-se em três ações. Indicando que, as vivências e experiências, por meio da dança circular, deixaram marcas explícitas, percebidas pelos sorrisos e abraços transmitidos. Também, pela sensação de leveza, soltura e importância com o 'outro', sentidas, após o desenvolvimento das ações investigativas.

Neste sentido, é possível dizer que, houve uma entrega completa do sujeito, com seu corpo e sua expressividade, na composição da roda. Permitindo, assim, que o amor, como uma emoção fundamental, possibilite a representação do reconhecimento e da aceitação. Transformando o 'outro' e redescobrimo a dinâmica das relações. Fazendo refletir, aprender e se modificar.

CAPÍTULO 6

Figura 13: Composição em pedra



Fonte: Dança Circular (www.dancacircular.com.br)

**Não é o ritmo nem os passos que fazem a dança,
mas a paixão que vai na alma de quem dança.
(Augusto Branco)**

6 CÍRCULO DE REFLEXÕES SOBRE AS RELAÇÕES NA DANÇA

A comunicação pelo corpo por meio da dança, é capaz de influenciar as relações, o corpo é gerador de comunicação a todo instante e sua expressividade corporal delimita os anseios e as atitudes frente ao desconhecido. Também é perceptível que esse corpo, através da linguagem verbal e corporal, exprime emoções e sentimentos, possuindo uma função de conhecimento (de si e do 'outro') e de expressão.

Neste contexto, o conjunto das reflexões que se trouxe até este momento da pesquisa, entre atitudes, conceitos e novas maneiras de pensar as relações, permitiu refletir sobre a questão deste estudo: a dança circular como expressão de vínculos de acolhimento e amorosidade, em condições de oferecer sinalizadores para a hospitalidade. Na reflexão filosófica acerca das relações, reside a parcela de contribuição desta pesquisa para o campo da hospitalidade. Reitero que as reflexões e construções textuais surgiram a partir da construção teórica e das aproximações e ações investigativas que permeia a dissertação.

A reflexão sobre a hospitalidade, é de importância no que tange ao relacionar-se com o 'outro', indo além da interação, perfazendo o caminho da construção do convívio, para, com o acolhimento e a amorosidade, efetivar as relações. Perazzolo, Santos e Pereira (2013) contribuem trazendo que a hospitalidade é um fenômeno que se instala no espaço constituído entre o sujeito (na sua forma singular e coletiva) que deseja acolher e o sujeito que deseja ser acolhido. E mais, pontuam que, no espaço em que o acolhedor se transforma em acolhido e o acolhido em acolhedor, há um movimento alternado e necessário para que a hospitalidade ocorra. Na mesma linha de considerações, Camargo (2015) defende, que a hospitalidade, passa pela intimidade do calor humano e pode ser compreendida como uma relação em que se estabelece uma troca (entre receber e ser recebido), pensamento este, também corroborado em Baptista (2005).

A hospitalidade, na conexão com a dança e as relações, possibilita responder os tópicos enunciados nos questionamentos da pesquisa. São perguntas a serem respondidas: Como se estabelecem as relações na dança? O que elas provocam nos sujeitos que dançam? Como relacionar os conceitos

de acolhimento e amorosidade à dança circular? O que pode ser considerado nessas relações, para oferecer sinalizadores para a hospitalidade?

A dança, assim como todas as artes, constituiu-se na necessidade de expressão humana. Em sítios arqueológicos é possível ver pinturas rupestres representando rodas de dança, constatando que as rodas em círculo são uma das formas mais antigas de celebração comunitária (COSTA, 1998). As danças circulares trazem a disponibilidade de cada pessoa em estar na roda, dançando, se ajudando mutuamente e incentivando cada participante a se expressar no que têm de melhor, sem enfatizar a técnica em si, mas a troca relacional que o círculo oferece (RAMOS, 1998). Corroborando com essas afirmações, trago o relato de uma participante na segunda ação investigativa, quando disse que: *“Ninguém aqui queria fazer melhor. Queria fazer junto”*.

A dança traz o convívio, possibilita perceber o outro, aprender com ele e reaprender a si mesmo.

Ela nos convida a entrar em contato com o outro e suas diferenças, nos incentiva a refletir sobre a capacidade de estar junto de pessoas que pouco convivemos ou pouco nos identificamos. Assim, podemos aprender a lidar com nossas limitações por meio das relações com o outro e com nós mesmos [...] (JAYME; FAUSTO, 2011 *apud* REIS; TIBEAU; MUTARELLI; NETO, 2017, p. 4).

Assim, as relações na dança e o que elas provocam nos sujeitos que dançam, se estabelecem de maneira espontânea, gratuita, em que os participantes, imbuídos de prazer pelo envolvimento da dança, se soltam, deixando a energia fluir e pulsar em seus corpos. Nas palavras de Camargo (2015), o que acontece na roda, além de não haver hierarquia, é que os participantes perfazem uma troca de conhecimentos, de cumplicidade, de generosidade, de gentileza, de harmonia, de humanidade e de outras qualidades humanas que cada um tem a oferecer. Do mesmo modo, exemplifica a autora, que não há um número exato de pessoas a participar na roda, o fundamental é o desejo de estar inteiramente presente e disposto a compartilhar a experiência de dançar junto. E coloca que, ao criar essa atmosfera de harmonia e unidade, todos têm a possibilidade de se conectar consigo mesmos e com os demais praticantes que compõem a roda. Elucido aqui também, as palavras de uma

participante da primeira ação, que ratificam a afirmativa de Camargo: *“as pessoas que estavam do meu lado, me ajudaram e isso fez toda a diferença”*.

Perazzolo et. al. (2013) novamente, neste texto, tonificam e corroboram dizendo que, para que uma relação se estabeleça, é necessário que, pelo menos, dois sujeitos (ou grupos) estabeleçam uma interlocução da qual se origine um espaço ‘entre’ um e outro. Só assim, o estar ‘entre’, irá proporcionar a troca relacional, deixando ao sujeito que dança, a sensação de bem-estar e liberdade de expressão. Pode-se perceber, que essa assertiva está ligada ao sinalizador da hospitalidade quando, uma participante, da terceira ação investigativa, atesta em sua fala: *“Essa sensação de estar no meio de pessoas que você não conhece e mesmo assim se sentir bem é algo fora do comum”*.

Similarmente a estas afirmações, Morin (2005) expõe que na construção intelectual, o ser humano constitui-se sempre a partir do ‘outro’, constrói e se reinventa nunca sozinho, mas, em grupo, em sociedade. Sendo preciso conhecer-se e reconhecer-se, a fim de conseguir entender o ‘outro’.

Desta forma, a dança circular permeia essa construção e reconstrução do intelectual do ser humano, pois, as inter-relações que são vivenciadas na roda, fazem pensar, repensar e, quem sabe, modificar ações de si e frente ao ‘outro’. Assim, as relações provocarão no sujeito que dança, a experiência corporal que irá traduzir em movimentos a expressividade, também, informações e conhecimento que serão aprendidos e apreendidos, fazendo refletir e perceber mudanças internas sendo exteriorizadas.

Com isso, reforçando o que já foi dito anteriormente por Jayme e Fausto (2011) *apud* Reis et. al (2017), pôde-se observar que o desenvolvimento da dança circular efetuada com o propósito de modificar relações do sujeito que dança, trouxe como benefícios o equilíbrio dos corpos físico, emocional, mental e espiritual. Favoreceu a ampliação da percepção, do autoconhecimento, do respeito, da inclusão e do apoio mútuo entre os participantes. Propiciou uma melhor consciência corporal, concentração, atenção, ritmo e referência espacial. Oportunizou o fortalecimento da autoestima. E ainda, possibilitou a alegria e a paz interior de cada pessoa.

Conjuntamente, não tem como pensar em relações, sem atribuir esse pensamento ao acolhimento e à amorosidade, possibilitando constituir vínculos

que serão expressados no convívio de quem dança. Baptista (2014) auxilia neste pensar, dizendo que

amorosidade e hospitalidade são potências de mutação da sociedade contemporânea, em busca de relações mais marcadas pela lógica da cooperação sistêmico-complexa, pelo acolhimento, pelo reconhecimento do valor do outro e do respeito às diferenças (p. 44).

O acolhimento, traz consigo o reconhecimento do outro na convivência, mudando a forma de se relacionar. Acolher é então, se envolver, trocar e entrelaçar. Complementam ainda essa reflexão, Camargo (2004), Boff (2005) e Avena (2006) citados por Santos e Baptista (2014), ao expor que entendem que a definição de acolhimento, com ênfase na relação, se constitui para além do fato social, considera dimensões do cuidado e pressupõe o reconhecimento do acolhido, este concebido como origem para a definição das ações de hospitalidade. Essas constatações vêm ao encontro da dança circular, que pressupõe a relação 'eu' e o 'outro', por meio do círculo e do auxílio mútuo entre os sujeitos. Na roda, segundo Camargo (2015), todos são bem-vindos, não importando a idade, a estética corporal, a classe social, a situação econômica, a posição política e a atividade profissional de cada pessoa.

Cito, duas falas trazidas por dois participantes, da terceira e da quarta ação investigativa, que resumem as afirmações acima: *“dançar em círculo na roda é poder olhar e ver todo mundo, olho no olho, sabe, e sentir que você não está sozinho”*. *“Dançar de mãos dadas faz com que a gente perceba que o outro existe e preste atenção nele”*.

Em igual intensidade, a amorosidade, uma característica que garante amor e acolhimento para tornar as relações mais agradáveis é introduzida naturalmente no sujeito que dança. Pois, a amorosidade liberta e é uma atitude que começa na mente e acaba se instalando no coração, como um jeito novo de ser, e só acontece em quem é capaz de amar. Ao discorrer sobre as emoções, Maturana (1998) traz afirmações de que o resultado disto é que, o viver humano se dá num contínuo entrelaçamento de emoções e linguagem como um fluir de coordenações consensuais de ações e emoções. O amor, trazido por Maturana (1988), é a emoção que constitui as ações de aceitar o “[...] outro como um legítimo outro na convivência[...].” (MATURANA, 1998, p. 25).

Portanto, amar é abrir um espaço de interações recorrentes com o 'outro', no qual sua presença é legítima, sem exigências. Com isso, a ação da amorosidade, também permite, que se aproximem as pessoas do conjunto de virtudes, pois, nela estão incluídos o cuidado, o respeito, a confiança e estabeleçam laços sociais no convívio. E é o que se pôde perceber no desenvolvimento da dança circular com os integrantes, imbuídos na roda, de mãos dadas, envoltos por um sentimento pleno e puro. "No momento desse contato temos a união de espírito e matéria e a possibilidade da criação. O ser humano se torna um ser íntegro quando se torna criativo. A partir daí ele tem a trindade dentro de si [...]" (RAMOS, 1998, p.3). Complementa esse pensamento, a declaração de uma participante da quinta ação investigativa, que diz: "*A dança me faz bem, sempre que posso participo de um grupo de danças circulares, isso me fortalece. Dá uma sensação que não sei explicar. Um bem-estar que fica o dia inteiro. Foi o que senti aqui*".

Ao referir-se em laços sociais, e nela buscar suas tonalizações de positividade, é pertinente trazer novamente o que diz Santos (2014, p. 13) que, "[...] remete à ideia de amarras cuja tessitura se faz em relações genuínas de acolhimento [...]". É, também, compreensível dizer que fortalecem vínculos, e qualificam as vivências dos sujeitos na cotidianidade. Assim, nas palavras de Santos, ao se reconhecer, interagir e se hospedar mutuamente, os sujeitos se transformam alternadamente no outro, e, conseqüentemente, direcionam o olhar para o olhar do 'outro'.

Com tal característica, pode-se dizer que há um entrecruzamento entre o acolhimento e a amorosidade na dança circular, pois, o acolhimento é abrir o espaço próprio sem reservas ou desconfianças (BAPTISTA, 2008) e a dança circular produz e se alimenta da amorosidade. Dessa forma, o sujeito ao participar da dança, exclui pré-conceitos e vivencia o pertencimento ao grupo, recebendo e dando de si a energia da composição do círculo com as mãos dadas, exprimindo suas emoções.

As vivências podem trazer ao sujeito uma significativa estruturação nas relações, baseando sua conjectura no sentir, relacionar-se e tocar. A dança traz consigo o tato, o contato com o toque das mãos que possibilita a sensação de odor e temperatura, as tensões nervosas, bem como, revelar sentimentos no reconhecimento do outro, na aproximação. E, reforçando o que já foi dito, o toque

permite uma mistura que envolve uma movimentação de energias, de intensidades e de afetos (ROLNIK, 1989).

Cabe reforçar a importância do toque trazido por Rolnik, em que o acolhimento e a amorosidade se entrecruzam na dança circular, citar uma manifestação, que embora já dita em outro momento, se faz importante. Trata-se da fala de uma participante da primeira ação investigativa: *“Eu quando era pequena minha mãe contava histórias pra dormir, a gente fazia boneca com sabugo de milho, porque nós não tinha dinheiro e tinha que trabalhar na roça, e às vezes, de tardinha, a gente dançava de mãos dadas. Minha mãe era muito alegre. Eu fui casada duas vezes. Meu primeiro marido era seco, meio grosso, não gostava dessas coisas. Mesmo assim, eu brincava de roda com meus filhos”*.

Ao trazer essas reflexões, o que pode ser considerado nas relações para oferecer sinalizadores para a hospitalidade, são que, a configuração da hospitalidade, além das questões estruturais do fenômeno de estudo, está centrada no ato do bem receber e ser bem recebido. O acolhimento é o reconhecimento do outro na convivência. Ao acolher há o envolvimento, a troca e o entrelaçamento. A amorosidade, é deixar despertar em seu interior a plenitude do amor. Um amor sem rótulos, que não tenha pré-conceitos e não apresente distinções.

E, por fim, a dança circular, na sua composição da roda, de mãos dadas e pelas amarrações circulares, consegue-se exprimir movimentação, sensações, sentimentos e emoções, podendo constituir percepções, vínculos e relações. O toque é a autorização para a entrada do ‘outro’ no próprio espaço. É fator determinante para consolidar o olhar do ‘outro’, despindo-se de qualquer julgamento. Neste âmbito, a percepção tátil se abre para o descortinar-se perante o ‘outro’. Pois, ao tocar e ser tocado na dança circular, há a inserção da permissão de envolvimento, fluidez necessária para a constituição das emoções, do acolhimento e da amorosidade, que por sua vez, terá resultados diferenciados na comunicação, no expressar-se.

Com tais amarrações tecidas, ao analisar a dança circular nas práticas das ações investigativas e, em outros momentos de experimentação do dançar em roda, feitos pela minha trajetória de vida, é possível perceber que, a dança circular exerce uma função importante na conjuntura das relações. Oferece o desprendimento e a libertação dos sujeitos para se reconhecer e entender o

'outro'. Concebe em sua ação, uma prática de bem-estar e desenvolvimento pessoal. Também, nas vivências propiciadas pelos sujeitos que dançam e suas expressividades corporais evidenciadas ao finalizar a dança, pode-se dizer que, a dança circular faz bem ao corpo, às emoções, à mente e ao espírito. Esses, são, reforçando, em suma, alguns dos itens que compõem as vantagens trazidas pela execução²⁰ da dança circular.

Pode-se pensar a partir disso que, para que as relações tenham maior intensidade causando a proximidade e estendendo os laços sociais, é preciso que haja a reciprocidade e aceitação mútua por parte de cada pessoa. Neste contexto, torna-se importante ainda, que deve haver um fundamental alinhamento entre o estar disposto a aceitar o “[...] outro como legítimo outro na convivência [...]” (MATURANA, 1998, p. 25) e introduzir o conviver – com tato – nas relações. Pois só assim, as mudanças acontecerão, ocorrendo uma modificação na expressividade das emoções, gerando novo comportamento, a conservação da nova rede de conversações para assegurar e constituir a nova cultura (MATURANA; VARELA, 2011). E buscar internamente a consciência percepção/corporal que trará a transformação espontânea na história do conviver, utilizando-se do toque no dançar em roda para fortalecer os sentimentos exteriorizados pelos sujeitos.

É tudo uma questão de olhar. Entender e interpretar. Assim, para finalizar, Berger (1999, p.10) diz que o “[...] olhar é um ato de escolha. Como resultado dessa escolha, aquilo que vemos é trazido para o âmbito do nosso alcance – ainda que não necessariamente ao alcance da mão. Tocar alguma coisa é situar-se em relação a ela [...]”.

²⁰ E arrisco supor que, pela soltura dos corpos e bem-estar proporcionado pelo dançar em círculo, na roda, que a dança ajuda a ensinar cidadania, é lúdica, pode ser terapêutica, proporcionar meditação, aliviar o estresse, estimular a concentração, ativar a memória, ajudar a sair da depressão e gerar paz interior.

CAPÍTULO 7

Figura 14: Costumes indígenas



Fonte: Ministério da Cultura (www.cultura.gov.br)

**A dança se faz não apenas dançando,
mas também pensando e sentindo: dançar é estar inteiro.
(Klaus Vianna)**

7 CONSIDERAÇÕES TEMPORÁRIAS

Ao terminar o trabalho, visto, a importância que tomou a pesquisa, pontuo que não se tem a pretensão de encerrar as conclusões. Por esse motivo, preferi modificar o uso de 'considerações finais' para 'considerações temporárias'. São temporárias desse período em que foram realizados os respectivos referenciais teóricos e aplicadas as práticas, com aproximações e ações investigativas.

Este estudo conduziu, por meio da estratégia metodológica Cartografia de Saberes, um modo de conhecer, de fazer pesquisa, produzindo instrumentos de proximidade entre a teoria e o campo. Na parte do campo, aplicando a dança circular, em diversos ambientes, possibilitou a contiguidade com as pessoas, suas histórias de vida – absorvidas nos relatos –, o contato com 'tato', perfazendo, através do toque, a troca relacional. Por isso, foi nítido observar as expressões de corpos que traduziam soltura, bem-estar, acolhimento e amorosidade, no dançar em roda. Foi criada uma comunicação baseada na busca do consenso (aceitação e troca), tendo sido possível perceber o estabelecimento de laços de proximidade nas relações.

A dança como dispositivo de mobilização do corpo, pelo movimento, sugere que é preciso estar com os canais perceptivos abertos para que seja capaz de provocar a interação e as relações, modificando as atitudes e a confiança. Dessa forma, como já trazido no início deste trabalho, a expressividade do corpo, por meio da dança, pode oportunizar ao sujeito, que seus movimentos corpóreos nasçam de dentro em confluência com os de fora. Através do trabalho da consciência de si, reflexão e expressão, para imprimir ações que explicitem as reações do corpo em busca da proximidade nas relações.

Reforçando, posso dizer que é possível descobrir com o 'outro', o desconhecido, que relacionar-se é mais do que simplesmente exteriorizar a informação, é aplicar ao corpo suas dimensões (existência corporal e extensão comunicacional). É também observar as mudanças internas desse corpo, como interferências favoráveis para o crescimento pessoal de cada sujeito. Pressupõe-se que essas mudanças nas relações, provocam reações sobre o 'outro'. Neste trabalho, pode-se perceber que o desenvolvimento da convivência, da

hospitalidade, do acolhimento e da amorosidade, está alicerçado na construção de relações mais humanas e na valorização da energia que se produz na relação.

Por este ângulo, a dança nos ensina a conviver.

Na dança circular ou dança de roda, a liberdade e a ligação se equilibram e subentende-se que ocorra uma correção contínua do balanço interno e externo. Através do movimento, pode surgir o calor e uma ativação da circulação sanguínea que leve à transpiração. A tensão impede a flexibilidade dos movimentos e o despertar interno inicial poderá ser capaz de criar as condições para se vivenciar mudanças.

A apresentação das danças circulares como um todo, recupera e integra antigas formas de expressões de diferentes povos. Acrescida de novas criações, coreografias e ritmos, que, através da consciência de um centro comum, auxilia no desenvolvimento de capacidades como consciência corporal, ritmo, lateralidade, capacidade cardiovascular, cooperação, sociabilização, dentre outros. Também favorece a integração, busca de autoconhecimento individual e grupal como a modificação gradativa das relações. Permite a arte do encontro, no círculo, unidos pelo toque das mãos, em que se produz a cooperação e ajuda mútua, simplesmente por fazer a roda se movimentar harmonicamente.

É justificável afirmar, neste contexto, a importância da dança e os seus reflexos na vida cotidiana. Em qualquer situação, é possível de perceber uma sensação rítmica, através da sucessão das movimentações dançantes, que transmitem sentimentos de libertação emocional.

Reitero que, ao apresentar a dança circular num contexto de hospitalidade, em que o sujeito se movimenta, comunica, interage e pressupõe relações, é preciso compreender que esse trato passa, imprescindivelmente, pela intimidade do calor humano, acontecendo 'entre' os sujeitos. Também é necessário ter abertura para a relação com o 'outro', para, assim, sentir-se bem e estabelecer trocas na convivência.

Encaminhando-se para a composição do objeto de estudo de campo deste trabalho, ratifico que foi escolhido o Sesc-RS, que apresenta, desde 1946, uma sólida trajetória em Turismo Social, elencando educação, cultura, recreação, lazer, assistência e saúde. A permissão do Sesc-RS para aplicar as ações investigativas, possibilitou aprofundar o conhecimento dessa empresa

com o Trabalho Social com Idosos. Saliento também, conforme já explicitado no capítulo 5, que para as execuções das ações investigativas foram gravadas as falas dos participantes com a permissão dos mesmos, em que se aproveitou as manifestações orais, apenas para a execução deste trabalho, sendo excluídas após filtrar os relatos. Houve também, um Termo de Adesão Voluntariado atestado pelo Sesc-RS, que se encontra no final deste trabalho, no anexo, em que foi permitido aplicar as danças circulares nas dependências da empresa.

Tomo a liberdade de dizer que, na prática da dança circular, ocorrida no Sesc, sendo a maior parte, a concentração do público da Maturidade Ativa –, resgatei sensações que vivi ao lado de minha avó, quando pude receber e dar amor, enquanto tive o prazer de sua existência, findados em julho de 2007.

Nesse cenário, foram publicados os componentes essenciais que deram vida à pesquisa, trazendo a dança circular como expressão de vínculos de acolhimento e amorosidade, em condições de oferecer sinalizadores para a hospitalidade.

Em síntese, retomando os objetivos, o presente trabalho trouxe como respostas que basta transformar a maneira particular de observar, em percepções que comunicam, que expressam sentido, que dão veracidade aos fatos, tornando-os reais aos acontecimentos e no interior de cada pessoa. Então, é possível afirmar que os objetivos do trabalho foram atingidos, quando se apresentou a dança circular num contexto relacional entre os sujeitos e pôde-se perceber que os participantes da roda se sentiram à vontade, se despiram de preconceitos, vivenciando e experimentando o novo, o desconhecido. Igualmente, quando se relacionou os conceitos de acolhimento e amorosidade à dança circular, propondo entender que o acolhimento traz consigo o reconhecimento do 'outro' na convivência. Envolvendo-se. Trocando experiências. Entrelaçando sentimentos e emoções por meio do toque, com base na afetividade expressada pela amorosidade na dança. E, no terceiro objetivo, quando se identificou sinalizadores de hospitalidade, nos vínculos marcados pelo acolhimento e amorosidade, em decorrência da prática com as ações investigativas da dança circular. Nesse sentido, emergiram alguns sinalizadores para a hospitalidade.

No desenvolvimento da pesquisa, pôde-se perceber a dança circular como expressão de vínculos de acolhimento e amorosidade. Assim, tem-se, por

meio dela, uma forma de integrar o corpo e sua expressividade. Trata-se, portanto, de uma situação de comunicação e expressão. Embasando a comunicação do sujeito com o 'outro', é capaz de acionar o pensamento e explorar a criatividade, para improvisar e, ao mesmo tempo, estabelecer a conexão de troca com este 'outro', o desconhecido.

À vista disso, vivenciar a dança circular, por meio da prática cooperativa, é desfrutar de uma nova-velha forma de lidar com as relações humanas em equipes de trabalho e em nossas próprias vidas, certamente como faziam nossos ancestrais.

A dança circular é uma forma de envolvimento de amorosidade e acolhimento. Desse modo, ao estar de mãos dadas em uma roda, cada pessoa vivencia a sensação de pertencimento. Cada um é parte de algo maior que eles mesmos e que existe apenas porque cada um está onde está.

Nessa perspectiva, a dança circular parece permear a expressividade (emoções e sentimentos), provocar soltura nos corpos, relaxar e criar relação-convívio. Assim, ao participar do círculo, o sujeito amplia o conhecimento em direção ao bem-estar físico, mental, emocional, energético e social e pode ser vista como processo educativo que costura as relações interpessoais.

Ao exprimir o conjunto de reflexões sobre as relações na dança exposta neste texto, pode-se dizer que é admissível perceber, na dança circular, uma função importante na conjuntura das relações, por proporcionar, conforme já citado, a sua ação, numa prática de bem-estar e desenvolvimento pessoal.

Logo, essa pesquisa é capaz de trazer a demanda da continuidade em estudos futuros para o Turismo. As relações podem ser observadas, ampliando o ângulo do saber, tendo as artes plásticas conjuntamente com a dança, na ressignificação de uma trajetória de vida, como ferramenta de investigação. Isto posto, parece sempre possível avançar em novas considerações, no que tange ao relacionar-se, comunicar-se e entrelaçar laços com profundidade.

À vista disso, imbuído por inquietações ao iniciar o estudo, deixei-me conduzir, na construção teórica, pela leitura de textos, artigos, livros, e, somadas às ações práticas, por meio das aproximações e ações investigativas com vivências e relatos, estruturei o suporte necessário à escrita desta dissertação. Foram movimentos, ações, gestos, expressões, sorrisos, olhares, abraços, que se misturaram às emoções e ajudaram a elaborar a palavra escrita. Assim, com

a intensa etapa de tempo vivido, pronunciadas pelas experiências e sensações, pude constatar que realizar a pesquisa desencadeou ampliar conhecimentos, criar vínculos, aprender e apreender histórias de vida, reformular pensamentos e modificar direções na caminhada do cotidiano. Do mesmo modo, pude acolher e ser acolhido.

Dessa forma, reconheço que o que apresento é uma espécie de dança circular de saberes, apreendida entre os colegas e professores do programa – nas aulas, com vivências, observações, participações –, e, também, por meio de pessoas que participaram das atividades em outras situações. Argumento que, “o corpo dança. Faz contato. Toca. E tem no toque a autorização para a entrada do ‘outro’ no próprio espaço. Vivencia. Experimenta. Aprende. Ensina. Apreende. Modifica modos de viver e interagir. Ao dançar, se redescobre. Fica à vontade. Se envolve. Se entrelaça. Acolhe. Ama”.



REFERÊNCIAS

ADLER, Ronald B.; TOWNE, Neil. **Comunicação interpessoal**. 9.ed. Rio de Janeiro: LTC, 2002. 250 p.

AVENA, Biagio Mauricio. **Por uma pedagogia da viagem, do turismo e do acolhimento: itinerários pelos significados e contribuições das viagens à (trans)formação de si** / Biagio Mauricio Avena. Tese (doutorado) – Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Educação, 2008. 516 p.

Disponível em:

<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/11806/1/Tese%20Biagio%20Avena.pdf>

Acesso em: agosto/2017.

ÁVILA, Newton Fernandes de. **A (re) construção do homem no convívio social e organizacional: da complexidade à quebra de paradigmas**. XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, Joinville, SC, 2015. Disponível em: <http://www.portalintercom.org.br/anais/sul2015/resumos/R45-0072-1.pdf>

Acesso em: janeiro/2017.

BAPTISTA, Isabel. **Hospitalidade e eleição intersubjetiva: sobre o espírito que guarda os lugares**. Revista Hospitalidade, v. 5, n. 2, p. 5-14, 10 dez. 2008.

Disponível em: <https://www.rev Hosp.org/hospitalidade/article/view/150>

Acesso em: dezembro/2016.

BAPTISTA, Isabel. **Para uma geografia de proximidade humana**. Revista Hospitalidade, São Paulo, ano 2, n. 2, p. 11-22, 2. sem. 2005. Disponível em:

<https://www.rev Hosp.org/hospitalidade/article/view/219>

Acesso em: dezembro/2016.

BAPTISTA, Isabel. **Capacidade ética e desejo metafísico: uma interpelação à razão pedagógica (no prelo)**, 2005b.

BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale. **Matrizes Rizomáticas: proposição de sinalizadores para a pesquisa em turismo**. Anais do Seminário as ANPTUR. ISSN: 2359-6805. Outubro, 2017.

Disponível em:

<https://www.sisapeventos.com.br/staff/service-app-android/creater.php/841>

Acesso em: 10/2017.

BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale. **Cartografia de Saberes na pesquisa em Turismo: Proposições Metodológicas para uma Ciência em Mutação**.

Revista Rosa dos Ventos – Turismo e Hospitalidade, 6(3) 342-355, jul-set, 2014.

Disponível em:

<http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/rosadosventos/article/view/2647>

Acesso em: janeiro/2017.

BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale. Amorosidade comunicacional no turismo: dispositivo para hospitalidade em tempos de complexidade (p. 33 a 48). In:

Laços Sociais: por uma epistemologia da hospitalidade. SANTOS, Marcia

Maria Cappellano dos; BAPTISTA, Isabel (Org.). Caxias do Sul, RS: EDUCS, 2014. 280 p.

BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale. **Caosmose, desterritorialização e amorosidade na comunicação.** Questões Transversais – Revista de Epistemologias da Comunicação. Vol. 2, nº 4, julho-dezembro/2014. Disponível em:

<http://revistas.unisinos.br/index.php/questoes/article/view/9625/PDF>
Acesso em: junho/2017.

BERGER, John. **Modos de ver.** Rio de Janeiro: Rocco, 1999. 168 p.

BERTAZZO, Ivaldo. **Cidadão corpo:** identidade e autonomia do movimento. São Paulo: Summus, 1998. 120 p.

BISOL, Cláudia Alquati; VALENTINI, Carla Beatris. Hospitalidade e hostilidade: os (des)encontros com a pessoa com deficiência (p. 19-32). In: **Laços Sociais:** por uma epistemologia da hospitalidade. SANTOS, Marcia Maria Cappellano dos; BAPTISTA, Isabel (Org.). Caxias do Sul, RS: EDUCS, 2014. 280 p.

BOFF, Leonardo. **Virtudes para um outro mundo possível.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2005. 2 v. 200 p.

BRIKMAN, Lola. **A linguagem do movimento corporal.** São Paulo: Summus, 1989. 111 p.

CALAZANS, Julieta; CASTILHO, Jacyan; GOMES, Simone (coord.). **Dança e educação em movimento.** São Paulo: Cortez, 2003. 269 p.

CAMARGO, Giselle Guilhon Antunes (Org.). **Antropologia da dança II.** Florianópolis: Insular, 2015. 304 p.

CAMARGO, Giselle Guilhon Antunes (Org.). **Antropologia da dança I.** Florianópolis: Insular, 2013. 3 v. 192 p.

CAMARGO, Luiz Octávio de Lima. **Os interstícios da Hospitalidade.** Revista Hospitalidade. São Paulo, v. XII, n. especial, p. 42-69, mai. 2015. Disponível em:

<https://www.revhosp.org/hospitalidade/article/view/574>
Acesso em: dezembro/2016.

CASSIMIRO, Érica Silva; GALDINO, Francisco Flávio Sales; SÁ, Geraldo Mateus de. **As concepções de corpo construídas ao longo da história ocidental:** da Grécia Antiga à contemporaneidade. Revista Eletrônica Metávoia – Universidade Federal de São João Del-Rei, n. 14, 2012. Disponível em: http://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/revistable/4_GERALDO_CONFERIDO.pdf
Acesso em: maio/2017.

CASTELLS, Manuel. **A era da informação: economia, sociedade e cultura.** 11.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008. 3 v. 713 p.

CHAUI, Marilena de Souza. **Convite à filosofia.** 14. ed. São Paulo: Ática, 2010. 520 p.

CHANLAT, Jean-François; TORRES, Ofélia de Lanna Sette. **O indivíduo na organização: dimensões esquecidas.** 2.ed. São Paulo: Atlas, 1993. 3 v. 300 p.

CHIAVENATO, Idalberto. **Introdução à teoria geral da administração.** 8.ed. rev. atual. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011. xxviii, 608 p.

COSTA, A.L. B. da. Danças: uma herança à disposição de Todos. In: RAMOS, R. L. C. (Org). **Danças Circulares: uma proposta de educação e de cura.** São Paulo: Triom. 1998. 194 p.

COUTO, Yara Aparecida. **Dança Circular Sagrada e seu Potencial Educativo.** Tese (Doutorado). Faculdade de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Educação, Piracicaba, SP, 2008. Disponível em: <https://www.unimep.br/phpg/bibdig/pdfs/2006/NTFYKKWCNQAQ.pdf>
Acesso em: novembro/2016.

DAFT, Richard L. **Administração.** São Paulo: Cengage Learning, 2010. xxvi, 867 p.

DUQUE, João Manuel. Fragmentos para uma filosofia da hospitalidade (p. 149-160). In: **Laços Sociais: por uma epistemologia da hospitalidade.** SANTOS, Marcia Maria Cappellano dos; BAPTISTA, Isabel (Org.). Caxias do Sul, RS: EDUCS, 2014. 280 p.

ECO, Umberto. **A estrutura ausente: introdução à pesquisa semiológica.** São Paulo: Perspectiva, 1997. 426 p.

ERIG, Geruza Aline. NASCIMENTO, Maria Elenita Menezes. **A hospitalidade como diferencial na gestão de restaurantes.** Revista Cenário. V. 04. N 7. 2016. ISSN Eletrônico 2318-8561.
Disponível em:
<http://periodicos.unb.br/index.php/revistacenario/article/view/19629/17862>
Acesso em: junho/2017.

FARO, Antônio José. **Pequena história da dança.** 7ª edição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011. 150 p.

FERRARA, Lucrécia D' Aléssio. **A estratégia dos signos: linguagem/espaco/ambiente urbano.** 2 Ed. 1ª Reimpressão. São Paulo: Perspectiva, 2009. 248 p.

FOUCAULT, Michel (1999). **A arqueologia do saber.** 7.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004. 236 p.

FREIRE, Paulo. **A Educação na Cidade**. São Paulo: Cortez Editora, 1991. 144 p.

GARAUDY, R. **Dançar a vida**. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980. 188 p.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999. 207 p.

GIL, José. **Metamorfoses do Corpo**. Relógio D'água. Lisboa. 2ed. 1997. 230 p.

GODBOUT, Jacques. **O espírito da dádiva**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1999. 272p.

KNAPP, Mak L.; HALL, Judith A. **Comunicação não-verbal na interação humana**. 2.ed. São Paulo: JSN, c1999. 492 p.

JOSSO, Marie-Christine. **O Corpo Biográfico**: corpo falado e corpo que fala. Educação & Realidade, Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, v. 37, n. 1, p. 19-31, jan./abr. 2012. Disponível em: <http://www.redalyc.org/pdf/3172/317227323003.pdf>
Acesso em: janeiro/2017.

MATTELART, Armand; MATTELART, Michèle. **História das teorias da comunicação**. 12 ed. São Paulo: Loyola, 2009. 224 p.

MATURANA, Humberto R. **Emoções e linguagem na educação e política**. Belo Horizonte: UFMG, 1998. 103 p.

MATURANA, Humberto R.; VARELA, Francisco J. **A árvore do conhecimento**: as bases biológicas da compreensão humana. 9. ed. São Paulo: Palas Athena, 2011. 283 p.

MENDES, Miriam Garcia. **A dança**. São Paulo: Ática, 1985. 80 p.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. Trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 1994. (Texto original publicado em 1945). 465 p.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. 20. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012. 128 p.

MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. 9. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005. 344 p.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2004. 118 p.

OSTETTO, L.E. **Educadores na roda de dança: formação-transformação**. 2006. 250 p. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas/SP. Disponível em:

<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/88883>

Acesso em: dezembro/2016.

PERAZZOLO, O. A.; FERREIRA, S.; SANTOS, M. M.; ZERGER, E. **Relações de Hospitalidade no Entrecruzamento das Dimensões ‘Sincronia’ e ‘Simetria’ no Contexto do Turismo**. Revista Rosa dos Ventos – Turismo e Hospitalidade, 8(IV), pp. 538-554, out-dez, 2016. Disponível em:

<http://www.uces.br/etc/revistas/index.php/rosadosventos/article/viewFile/4633/pdf>

Acesso em: maio/2017.

PERAZZOLO, O.; FERREIRA, S.; SANTOS, M. M. C. **Acolhimento e desenvolvimento socioturístico: para uma psicopedagogia do laço social**. X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo. Caxias do Sul, 2013. Disponível em:

[http://www.anptur.org.br/novo_portal/admin/portal_anpur/anais/arquivos/pdf/\[68\]x_anptur_2013.pdf](http://www.anptur.org.br/novo_portal/admin/portal_anpur/anais/arquivos/pdf/[68]x_anptur_2013.pdf)

Acesso em: maio/2017.

PERAZZOLO, O. A.; SANTOS, M. M. C.; FERREIRA, L. T. **Turismo e o acolhimento do desejo na construção da hospitalidade**. Seminário da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo. Anptur, 12. São Paulo: Escola de Artes e Ciências Humanas/USP. Anais eletrônicos... São Paulo, 2016. Disponível em:

<http://www.anptur.org.br/anptur/anais/v.12/DHT2/589.pdf>

Acesso em: junho/2017.

PERAZZOLO, O. A.; SANTOS, M. M. C.; FERREIRA, L. T. **Significação da experiência estética no turismo: da sensorialidade ao acolhimento**. Revista de Turismo y Patrimônio Cultural – Pasos. V. 11. Nº 3. Special Issue. Págs. 155-162. 2013. Disponível em:

http://www.pasosonline.org/Publicados/11313special/PS0313_15.pdf

Acesso em: novembro/2017.

PERAZZOLO, O.; SANTOS, M. M. C.; FERREIRA, S. **Dimensión relacional de la acogida**. Estudios y Perspectivas en Turismo. Centro de Investigaciones y Estudios Turísticos, Buenos Aires, Argentina, 2013. Disponível em:

<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=180725735008>

Acesso em: maio/2017.

PERAZZOLO, O. A.; SANTOS, M. M. C.; FERREIRA, S.; FERREIRA, L. T. **Significação da experiência estética no turismo: da sensorialidade ao acolhimento**. Revista de Turismo y Patrimônio Cultural – Pasos. V. 11. Nº 3. Special Issue. Págs. 155-162. 2013. Disponível em:

http://www.pasosonline.org/Publicados/11313special/PS0313_15.pdf

Acesso em: novembro/2017.

PERAZZOLO, O.; SANTOS, M. M. C.; FERREIRA, S. **Dimensión relacional de la acogida**. Estudios y Perspectivas en Turismo. Centro de Investigaciones y Estudios Turísticos, Buenos Aires, Argentina, 2013. Disponível em:

<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=180725735008>

Acesso em: maio/2017.

PERAZZOLO, O.; SANTOS, M. M. C.; FERREIRA, S. **Dimensión relacional de la acogida**. Estudios y Perspectivas en Turismo. Centro de Investigaciones y Estudios Turísticos, Buenos Aires, Argentina, 2013. Disponível em:

<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=180725735008>

Acesso em: maio/2017.

POWELL, T.G.E. **Os celtas**. Lisboa: Verbo, 1965. 282 p.

RAMOS, R. L. C. (Org). **Danças Circulares: uma proposta de educação e de cura**. São Paulo: Triom. 1998. 194 p.

REIS, Marcelle Santos dos; TIBEAU, Cynthia Cleusa Pasqua Mayer; MUTARELLI, Maria Cristina; NETO, Maria Inês Artaxo. Proposta de inclusão

das danças circulares nas aulas de ginástica laboral. Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro – ISSN 2178-6925. Faculdade Presidente Antônio Carlos de Teófilo Otoni - Junho de 2017. (Págs. 353 a 365). In: JAYME, D.; FAUSTO, E. **Danças Circulares. Projeto Cooperação**. 2011.

Disponível em:

http://www.unipacto.com.br/revista2/arquivos_pdf_revista2017/24.pdf

Acesso em novembro/2017.

RICOEUR, Paul. **O si-mesmo como um outro**. Campinas: Papirus, 1991. 432 p.

RODRIGUES, D. S. et al. **Cartografia de saberes**: abordagem de pesquisa em educação intercultural. Belém: CCSE-Uepa, 2006 (mimeo). Disponível em:

<http://ojs.rbpg.capes.gov.br/index.php/rbpg/article/viewFile/530/400>

Acesso em: abril/2017.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. São Paulo: Estação Liberdade, 1989. 304 p.

ROMAGNOLI, Roberta Carvalho. **A cartografia e a relação pesquisa e vida**.

Psicol. Soc. [online]. 2009, vol.21, n.2, pp.166-173. ISSN 0102-7182.

<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-71822009000200003>. Disponível em:

<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v21n2/v21n2a03.pdf>

Acesso em: abril/2017.

RUDIO, Franz Victor. **Introdução ao projeto de pesquisa científica**. 30. ed. Petrópolis: Vozes, 2002. 144 p.

SANTOS, Marcia Maria Cappellano dos. A metáfora laços sociais e a hospitalidade (p. 13 a 17). In: **Laços Sociais**: por uma epistemologia da hospitalidade. SANTOS, Marcia Maria Cappellano dos; BAPTISTA, Isabel (Org.). Caxias do Sul, RS: EDUCS, 2014. 280 p.

SANTOS, Marcia Maria Cappellano dos; BAPTISTA, Isabel (Org.). **Laços sociais**: por uma epistemologia da hospitalidade. Caxias do Sul, RS: EDUCS, 2014. 280 p.

SATIR, Virgínia. **Contatos com tato**. Trad. Vera Caputo. São Paulo: Editora Gente, 2000. 107 p.

SESC. **Serviço Social do Comércio**. (www.sesc.com.br). 2017.

SIQUEIRA, Denise da Costa Oliveira. **A construção social das emoções**: corpo e produção de sentidos na comunicação / organizado por Denise da Costa Oliveira Siqueira. -- Porto Alegre: Sulina, 2015. 254 p.

TRUJILLO, F.A. **Metodologia da Ciência**. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Kennedy, 1974. Disponível em:

<http://www.feb.unesp.br/jcandido/metodologia/Apostila/CAP02PG.pdf>

Acesso em: março/2017.

VIANNA, Klaus. **A dança**. 6. ed. São Paulo: Summus, 2005. 154 p.

WOSIEN, Bernhard. **Dança**: um caminho para a totalidade. São Paulo: TRIOM, 2000. 157 p.

ZEMP, Hugo. Para entrar na dança (p. 31 a 56). In: **Antropologia da dança I**. Florianópolis: Insular, 2013. 3 v. 192 p.



ANEXO

Termo de voluntariado Sesc-RS

01/08/2017

SAC - Termo de Adesão Voluntariado

*Termo*

Termo de Adesão Voluntariado

Voluntário

Nome: NEWTON AVILA
CPF/MF N°: 176.729.558-88
Endereço: RUA PINHEIRO MACHADO 3812/ APTO 12
CEP: 95020172
Cidade: CAXIAS DO SUL - RS
Registro Profissional:

Pelo presente instrumento particular, de um lado o **SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO - SESC**, Administração Regional no Estado do Rio Grande do Sul, com sede em Porto Alegre, RS, na Av. Alberto Bins, 665, inscrito no CNPJ/MF sob nº 03.575.238/0001-33, designado neste instrumento de **SESC/RS**, por seu representante habilitado e, de outro lado, o **VOLUNTÁRIO(A)**, acima qualificado(a), resolvem firmar o presente **TERMO DE ADESÃO**, nos termos da Lei Federal n.º 9.608, de 18 de fevereiro de 1998, mediante as cláusulas e condições seguintes:

PRIMEIRA: O objeto do presente Termo de Adesão é o engajamento do (a) **VOLUNTÁRIO (A)** na prestação de serviços voluntários na atividade e na forma a seguir: **REALIZAÇÃO DE ATIVIDADE DE DANÇA CIRCULAR**.

Parágrafo único: Os serviços voluntários serão prestados no **SESC**, sito na Rua **RUA CORONEL DE MORAES, 320**, na cidade de **FARROUPILHA**, RS, nos seguintes dias e horários: **SEGUNDAS E QUINTAS, 14:00-15:00**.

SEGUNDA: Os serviços previstos neste termo de adesão serão prestados em caráter voluntário, não remunerado, não gerando vínculo empregatício com o **SESC/RS**, nem obrigações de natureza trabalhista, previdenciária ou afim, nos termos do caput e do parágrafo único do art. 1º da supramencionada lei.

TERCEIRA: A responsabilidade técnica decorrente dos serviços prestados é exclusiva do (a) **VOLUNTÁRIO (A)**.

QUARTA: É vedado ao (à) **VOLUNTÁRIO (A)** efetuar despesas para a prestação dos serviços previstos neste termo.

QUINTA: O prazo de vigência do presente termo de adesão compreenderá o período entre **05/07/2017** a **24/08/2017**, podendo ser prorrogado mediante aditivo contratual.

01/08/2017

SAC - Termo de Adesão Voluntariado

Parágrafo único: Durante a vigência do presente termo de adesão, fica facultado a qualquer dos estipulantes denunciar o mesmo, a qualquer tempo, mediante prévio aviso, por escrito, com prazo mínimo de 15 (quinze) dias, renunciando as partes a eventuais indenizações, quer sejam de qualquer índole.

SEXTA: Os casos omissos do presente termo serão resolvidos pela aplicação da lei vigente que couber, ou, ainda, por comum acordo entre as partes, mediante formalização de aditivo.

SÉTIMA: Fica eleito o Foro Central da Comarca de Porto Alegre para dirimir quaisquer dúvidas ou controvérsias emergentes do presente ajuste, renunciando as partes a qualquer outro, por mais privilegiado que seja.

E, por estarem assim certas e ajustadas, as partes, assinam o presente instrumento, em 2 (duas) vias de igual teor e forma, para que produza seus legais e jurídicos efeitos.

Porto Alegre(RS), 01/08/2017

Graciana Maria Savi
Gerente Unidade
Cooperativa

SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO - SESC

Neuber Silva

VOLUNTÁRIO